

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**SONS QUE FALAM: A TRILHA SONORA COMO DESPERTADORA  
DE SENTIDOS EM DOCUMENTÁRIOS AMBIENTAIS CRIADOS POR  
MEIO DE PROCESSOS EDUCOMUNICATIVOS**

Natasha Bouvier Erthal

Lajeado, julho de 2016

Natasha Bouvier Erthal

**SONS QUE FALAM: A TRILHA SONORA COMO DESPERTADORA  
DE SENTIDOS EM DOCUMENTÁRIOS AMBIENTAIS CRIADOS POR  
MEIO DE PROCESSOS EDUCOMUNICATIVOS**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dra. Jane Márcia Mazzarino

Lajeado, julho de 2016

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço e dedico este trabalho a todas as pessoas que de alguma forma me incentivaram e colaboraram para que esta pesquisa se realizasse.

À minha família, por acreditar na minha escolha desde o princípio. Por todos os auxílios, pelo carinho, apoio, tranquilidade e compreensão durante todos os semestres de faculdade e, principalmente, nesta reta final.

À minha orientadora, Jane Mazzarino, por todo suporte e dedicação, desde as primeiras ideias de tema a todas as mudanças que ocorreram ao longo de todo o processo. Pelo incentivo, tranquilidade e bom humor para encarar as orientações e etapas.

Aos colegas do curso de Comunicação Social da Univates, pelas palavras de incentivo sempre que me encontravam.

Ao CEAMI da Univates, por aceitar o desafio de auxiliar na produção do documentário “Sons que falam”, pela prestatividade e doação em todos os momentos necessários. Aos participantes das vivências na natureza protagonizadas no vídeo.

À amiga Ana Paula Weber, por auxiliar nas gravações. Ao colega Maurício Hergemoller, pelas dicas e suporte na edição e finalização do documentário produzido.

À colaboração dos professores do curso de Comunicação Social. Aos participantes dos grupos focais.

Ao meu companheiro Eduardo da Silva, pela compreensão, paciência e incentivo durante a pesquisa.

Aos meus amigos, pela compreensão, incentivo e por seguirem presentes mesmo quando me fiz ausente.

## RESUMO

Ao encarar a música e os sons como partes integrantes da vida das pessoas, busca-se, com este trabalho, apresentar a trilha sonora como despertadora de sentidos em documentários ambientais. A partir da pesquisa bibliográfica e documental pretende-se, respectivamente, compreender conceitos acerca do tema e verificar como o uso da trilha sonora se dá em três documentários ambientais produzidos por terceiros. Com a pesquisa de campo de inspiração etnográfica descreve-se outro processo realizado ao longo do estudo: a produção de um audiovisual ambiental por meio de processos educacionais. Na apresentação a grupos focais, pretende-se avaliar como se dá a recepção da trilha sonora pelos espectadores.

**Palavras-chave:** Trilha sonora. Som. Audiovisual. Cinema. Documentário. Educação. Semiótica

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cena extraída do documentário “O veneno está na mesa” .....	35
Figura 2 – Imagem extraída do documentário “A Lei da Água” .....	37
Figura 3 – Cena do documentário “Ilha das Flores”, em que há o som de uma caixa registradora de supermercado para acompanhar a imagem.....	43
Figura 4 – Uma das imagens finais do documentário Ilha das Flores .....	44
Figura 5 – Demonstração da psicologia em um filme.....	50
Figura 6 – Representação da atividade simbólica ao assistir um filme: .....	51
Figura 7 – Registro das gravações no Jardim Botânico, no dia 18 de março de 2016 .....	54
Figura 8 – Registro das gravações no Jardim Botânico, no dia 18 de março de 2016 .....	54
Figura 9 – Imagem registrada pela participante Regina durante a atividade “Museu” .....	56
Figura 10 – Imagem registrada pelo participante Gustavo na atividade “Museu” .....	57
Figura 11 – Imagem registrada por Andressa na atividade “Museu” .....	57
Figura 12 – Imagem registrada por Sabrina na atividade “Museu” .....	58
Figura 13 – Imagem do compartilhamento geral sobre as vivências.....	60

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Respostas do Grupo 1, sobre o que chamou atenção no documentário	69
Quadro 2 – Respostas do Grupo 1 relativas às sensações .....	70
Quadro 3 – Respostas do Grupo 1 relativas aos sentimentos .....	70
Quadro 4 - Respostas do Grupo 1 relativas às memórias despertadas .....	71
Quadro 5 - Respostas do Grupo 1 relativas às reflexões.....	72
Quadro 6 – Respostas do Grupo 1 relativas aos incômodos .....	73
Quadro 7 - Respostas do Grupo 1, sobre o que o documentário despertou em cada um. ....	73
Quadro 8 – Respostas do Grupo 1, sobre como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual ambiental.....	74
Quadro 9 – Respostas do Grupo 1 relativas às percepções sobre a trilha musical do documentário.....	74
Quadro 10 – Respostas do Grupo 2, sobre o que chamou atenção no documentário.....	76
Quadro 11 – Respostas do Grupo 2 relativas aos sons do documentário .....	77
Quadro 12 – Respostas do Grupo 2 relativas às sensações .....	78
Quadro 13 – Respostas do Grupo 2 relativa às reflexões.....	79
Quadro 14 – Respostas do Grupo 2 relativas aos incômodos .....	80
Quadro 15 – Respostas do Grupo 2, sobre como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual ambiental .....	81
Quadro 16 – Respostas do Grupo 2 relativas às percepções da trilha musical no documentário.....	82
Quadro 17 – Comparação entre as respostas da questão 1 dos grupos 1 e 2 .....	83
Quadro 18 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	84
Quadro 19 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	84
Quadro 20 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	85
Quadro 21 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	86
Quadro 22 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	86
Quadro 23 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	87
Quadro 24 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	88

Quadro 25 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	88
Quadro 26 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2.....	89

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>15</b>
2.1 A pesquisa de campo de inspiração etnográfica .....	17
2.2 Tratamento de dados .....	19
<b>3 A SEMIÓTICA, O SOM E O VÍDEO.....</b>	<b>21</b>
3.1 Sons no vídeo: do cinema aos documentários ambientais.....	26
3.2 Análises do som em documentários ambientais .....	32
<b>4 EDUCOMUNICAÇÃO E AUDIOVISUAL .....</b>	<b>46</b>
4.1 Relatos da intervenção educ comunicativa: as vivências na natureza .....	52
4.2 Educomunicação e o audiovisual ambiental: explorando os sons .....	61
4.3 A produção de sentidos diante do audiovisual “ <i>Sons que falam</i> ” .....	68
4.4 Cruzamentos sonoros educ comunicativos ambientais.....	91
<b>5 ESCUTAS QUE A PESQUISA PRODUZIU EM MIM .....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>101</b>
APÊNDICE A - Registros do grupo focal 1 realizado com os estudantes que participaram do documentário “ <i>Sons que falam</i> ” .....	102
APÊNDICE B - Registros do grupo focal 2 realizado com os estudantes que participaram do documentário “ <i>Sons que falam</i> ” .....	108
<b>ANEXOS .....</b>	<b>121</b>
ANEXO A – Termos de cessão de direitos para uso de imagem .....	122

## 1 INTRODUÇÃO

A música faz parte da vida das pessoas, acompanha suas rotinas, causa diferentes sensações e marca momentos de qualquer ordem. Ela está presente na programação das rádios, nos comerciais de televisão, em documentários, seriados e no cinema de uma forma geral.

Desde as primeiras películas produzidas, a música esteve presente. Embora a tecnologia daquela época suportasse apenas filmes mudos, os sons musicais eram reproduzidos ao vivo, por um único músico ou por uma pequena orquestra, enquanto o filme era transmitido para o público (AUMONT, 1994).

Ainda assim, nem sempre a produção audiovisual se utilizou da música e de outros sons como alguns de seus elementos mais essenciais. No entanto, ao longo de seu desenvolvimento e por meio dos avanços tecnológicos no ramo cinematográfico, estes elementos se tornaram primordiais, tanto para a produção de sentido quanto para a fundamentação de seu conteúdo.

Wisnik (1989) afirma que a vibração causada pelo som é transmitida para a atmosfera, o ouvido do ser humano e o cérebro a interpreta, dando-lhe configurações e sentidos. A partir disso, é possível afirmar que qualquer tipo de som é considerado emissor de sensações, já que cada pessoa é capaz de senti-lo e interpretá-lo de uma forma única.

Até hoje, grandes produções cinematográficas, curtas-metragens e até mesmo reportagens jornalísticas utilizam a trilha sonora em sua composição como

um recurso de significação. Neste sentido, se inserem os documentários, produto audiovisual que se utiliza de contextos reais e, em alguns casos, atuais para propagar conteúdo informativo e artístico ao espectador. A maneira como um filme documentado transmite esta realidade se dá também pelos elementos imagéticos e sonoros nele utilizados, seja nos planos e ângulos da imagem, na narração ou na ausência dela ou pela sua trilha musical.

Para verificar tais características, realizou-se uma intervenção educacional por meio da qual foi produzido um documentário ambiental pela autora. Com essa intenção, foi escolhido um tema atrelado às práticas de pesquisa e extensão do grupo Comunicação, Educação Ambiental e Interfaces (CEAMI), da Univates. Este grupo busca, a partir de oficinas acerca da temática ambiental, sensibilizar os participantes das atividades para a implementação de atitudes sustentáveis no cotidiano. O CEAMI tem se utilizado de duas estratégias: as Vivências na Natureza, atividades que exploram os sentidos e desenvolvem a confiança e a concentração (CORNELL, 1997), e a produção de audiovisuais de cunho ambiental.

Buscou-se nesta pesquisa atrelar as duas formas: realizar a oficina das vivências na natureza com atividades lúdicas que explorassem a percepção auditiva. Esta experiência foi documentada em um audiovisual experimental criado pela pesquisadora que explorou o uso do som (tanto das vivências como por meio de trilha sonora musical). Este audiovisual foi apresentado a dois grupos focais para analisar a percepção do som. Um grupo foi formado pelos participantes das vivências e outro por músicos ou pessoas ligadas ao ramo musical. Deste modo, produziu-se um triplo movimento educacional: com as vivências para o grupo participante, com a produção do audiovisual para a pesquisadora e no processo de recepção para os grupos focais. Salienta-se que para a produção do documentário, que será relatada no decorrer do presente estudo, a autora trabalhou também na edição do mesmo, encarregando-se, ainda, de compor as melodias para a trilha sonora do que se caracterizou como um curta-metragem. Portanto, como resultado as análises estarão mescladas com o relato da experiência, deste modo a narrativa se encontra ora em primeira, ora em terceira pessoa.

Inicialmente a pesquisa tinha a proposta de compreender como se dava o uso do som em documentários ambientais. Questionava-se: Como o som passou a ser utilizado na produção audiovisual? De que forma a trilha sonora é utilizada em documentários ambientais? Quais são os principais sons (ritmos, melodias, estilos) utilizados e em quais momentos? Como os sons contribuem na produção de sentido no documentário ambiental? Como os sons dialogam com as imagens em um audiovisual? Em que medida o espectador é atingido por este elemento? As músicas são escolhidas com que fim: estético ou com alguma função no discurso informativo?

Decidiu-se manter estes questionamentos e para respondê-los analisaram-se três documentários ambientais. Estas análises serão cruzadas com o documentário resultante da intervenção educacional da pesquisadora, que teve como questão norteadora: entender de que forma pode-se utilizar a trilha sonora para a criação de sentido e a sensibilização por meio da produção audiovisual de documentários ambientais. Portanto avaliou-se como fez quem fez documentários, e fez-se um a partir desta pesquisa.

Trabalha-se com a hipótese de que a música, quando utilizada em um documentário ambiental, tenha como uma de suas finalidades aproximar o espectador da trama, levando, além do conteúdo informativo, sentimentos e interpretações subjetivas ao público. Um filme documental, além de levar informação sobre determinado assunto, utiliza-se de diversos aspectos, como a sonoplastia, a fim de também enriquecer a sua estética.

Acredita-se que os sons sejam escolhidos por características específicas e utilizados em momentos estratégicos. Um documentário se utiliza deste elemento, por exemplo, para demonstrar aspectos que remetam ao local onde o filme se passa, utilizando músicas muitas vezes com ritmos típicos daquela localidade, ou até mesmo por meio de sons ambientes, que também podem representar ou dizer algo a respeito daquela região.

Os sons ambientam a imagem, complementam-na. A trilha sonora dialoga com as imagens de forma que estas não percam sua importância, mas sim que as

potencialize, agregando valor ao contexto geral da imagem e da narração, quando houver. Assim, a sonoridade entra em momentos previamente escolhidos para que não interfira negativamente na passagem das imagens ou da narração, mas sim que contribua com significados que não prejudiquem o sentido dos outros elementos do documentário. Um exemplo para isso é um momento de transição de cenas em um audiovisual, onde há uma mudança de abordagem ou assunto.

Portanto, as músicas são utilizadas tanto com fim estético quanto para agregar significados no discurso informativo. Na estética pela intenção de tornar o vídeo mais atrativo ao público fazendo com que a música torne-se um elemento diferenciado nesse contexto. Além disso, os sons levam significações que os espectadores sentem de formas diferenciadas entre si. É possível que um espectador, por influência do som, sinta alegria enquanto outro sente alívio e, ainda, que outro simplesmente não sinta nada diante de determinada cena.

Estas hipóteses guiaram tanto nossas análises de documentários ambientais como também influenciaram a nossa intervenção educacional.

O estudo se compõe de dois objetivos gerais: investigar o uso de trilhas sonoras em documentários ambientais e realizar experimentações estéticas por meio da criação de um audiovisual com a mesma abordagem.

Como objetivos específicos, o trabalho busca:

- a) Refletir sobre a potencialidade dos audiovisuais em processos educacionais;
- b) Analisar o uso da trilha sonora em documentários ambientais;
- c) Realizar uma intervenção em educação para a construção de um audiovisual ambiental, enfatizando-se experimentações no uso de sons;
- d) Averiguar como se dá o processo de recepção, produção de sentidos e escuta na exposição do audiovisual para o grupo que participou da produção do audiovisual.

Este estudo justifica-se pelo fato de que os documentários ambientais e a produção audiovisual como um todo estão inseridos no cotidiano das pessoas. Com as novas tecnologias, plataformas e melhoria de acesso, este produto se torna cada vez mais comum na sociedade e, portanto, se mostra importante como um objeto de estudo.

No contexto da Comunicação, este trabalho se mostra essencial para fomentar áreas de pesquisa, que carecem de conteúdo bibliográfico: tanto a educomunicação como esta atrelada aos audiovisuais. Além disso, é evidente que os documentários ambientais retratam realidades e exercem um papel social fundamental, já que se comprometem em explorar contextos ambientais e fomentam o senso crítico na sociedade.

Os documentários podem utilizar linguagens diferentes que, muitas vezes, podem contemplar diversos fatores e campos, como o político, o econômico, o social, o ético, o ambiental, entre outros. Por exemplo, um documentário pode explorar a realidade política vivenciada por alguma instituição em determinada época, mas, ao mesmo tempo, pode colaborar com alguma função educativa, propagando um tema de cunho social, a fim de levar conhecimento e ações sustentáveis à comunidade em geral.

Este trabalho também se mostra relevante por realizar uma intervenção educacional com um grupo de estudantes da Univates, que participou de algumas vivências na natureza ligadas à percepção auditiva dentro da produção de um documentário ambiental experimental, produzido pela autora do presente trabalho.

Também este estudo aprofunda a compreensão e experiência sobre como um documentário é produzido, quais são suas características e o que o diferencia de outros produtos audiovisuais. Para o estudo, fez-se necessário conhecer o surgimento do cinema e sua evolução, assim como os recursos envolvidos na produção de um documentário. Neste contexto, a trilha sonora também se encaixa como um recurso, já que é utilizada como um importante elemento para a produção de sentido no discurso informativo. Neste sentido, contribui na formação da aluna

investigadora, já que a trilha sonora não foi um tema específico tratado nas disciplinas.

O presente estudo se dá também pelo interesse e identificação da autora sobre o assunto, que aprecia música e instrumentos musicais, assim como o uso da trilha sonora em processos educomunicativos. A intenção deste trabalho conecta-se, assim, como um fazer relacionado à realização pessoal.

No próximo capítulo será apresentada a estratégia metodológica utilizada pela pesquisadora para a realização do presente trabalho. Em seguida, as análises de documentários ambientais e, posteriormente, as análises decorrentes da intervenção.

## 2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa não probabilística por tipicidade, que tem como base a fenomenologia e, portanto, busca abordar o mundo “exterior” e entender, pesquisar e/ou explicar os fenômenos sociais “internos” de diversas maneiras. Flick (2008) destaca três formas de realizar uma pesquisa qualitativa: “analisando experiências de indivíduos ou grupos; examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo e investigando documentos (textos, imagens, filmes ou música) ou traços semelhantes de experiências ou interações” (FLICK, 2008, p. 8).

A pesquisa qualitativa utiliza como base de conteúdo e material empírico o texto, e não números, já que se interessa pela construção social das realidades. Além disso, foca as perspectivas dos participantes em suas práticas diárias e seu conhecimento relativo à questão em estudo. (FLICK, 2008). Este tipo de pesquisa foi considerado mais adequado que a quantitativa, pelo fato de o presente estudo ter como objetivo investigar o uso das trilhas sonoras em documentários e a percepção auditiva nas pessoas ao assistir a um audiovisual.

A pesquisa é exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o tema estudado, a fim de torná-lo mais claro. O planejamento deste tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico e documental, assim como entrevistas com pessoas que tiveram experiências relacionadas ao problema pesquisado (GIL, 2008).

Já na pesquisa descritiva há a preocupação em identificar e descrever os fenômenos estudados, a partir de técnicas padronizadas de coleta de dados, caso das entrevistas e da observação sistemática (GIL, 2008). Ambos os tipos de pesquisa citados foram escolhidos por considerarmos necessário compreender os temas estudados e conhecê-los melhor para podermos explorá-los.

Inicialmente utilizamos a pesquisa bibliográfica, que consiste no planejamento global inicial do trabalho de pesquisa. Este procedimento vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde são apresentadas todas as referências que o pesquisador utilizou. Segundo Stumpf (2008), a pesquisa bibliográfica consiste em um conjunto de processos que objetiva identificar informações bibliográficas, selecionar aquelas pertinentes ao assunto estudado e proceder às anotações das referências e dos dados para que sejam utilizadas na redação do trabalho.

Esta pesquisa é utilizada para construção teórica referente a documentários, educação socioambiental, documentários ambientais e trilha sonora, além de temas mais gerais como cinema, som e semiótica.

Para complementar a pesquisa bibliográfica, também utilizamos a análise documental, que compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para a pesquisa científica (MOREIRA, 2008).

Na maioria dos casos, a análise documental é qualitativa, o que significa que ela age como verificadora do conteúdo do material selecionado para análise. As fontes utilizadas neste procedimento geralmente são de origem secundária, ou seja, são informações que já constam reunidas ou organizadas em algum material, como escritos pessoais, cartas particulares, documentos oficiais e documentos internos de empresas.

Moreira (2008) afirma que se faz necessária a apuração simultânea de informações que complementem os dados coletados e que a contextualização é imperativa para o pesquisador que pretende concretizar um projeto dessa linha.

A pesquisa documental foi realizada em documentários ambientais produzidos por terceiros e no documentário produzido a partir da intervenção criada pela pesquisadora. Os documentários analisados produzidos por terceiros foram “O veneno está na mesa”; “A Lei da Água”; e “Ilha das Flores”.

Como analisamos e comparamos diferentes documentários ambientais, além do produzido por meio da intervenção criada a partir de processo de educomunicação proposto pela pesquisadora, trata-se de um estudo de casos.

Esse método é uma investigação sobre um determinado fenômeno dentro de um contexto de vida real. O estudo de caso é uma metodologia de pesquisa cujo objeto de estudo se analisa aprofundadamente, assim ele deve ser apresentado por duas circunstâncias: a natureza do objeto de estudo, o ambiente no qual está inserido e os suportes teóricos que o pesquisador utilizará (TRIVIÑOS, 1987). Esta pesquisa foi utilizada porque os objetos de estudo do presente trabalho foram analisados profundamente, principalmente no que se refere às análises do documentário “Sons que falam”.

O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. Novamente, embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo de casos é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional (YIN, 2001, p. 27).

## **2.1 A pesquisa de campo de inspiração etnográfica**

A pesquisa de campo é um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Para Travancas (2008), exige que o pesquisador mergulhe no tema.

Para realizá-la, é necessário que haja uma etapa anterior, como um levantamento bibliográfico sobre o tema, a partir de leituras, estudos e referências, a

fim de que o pesquisador, assim que chegar ao campo, esteja familiarizado com a sua escolha (TRAVANCAS, 2008). Isso o auxilia a compreender riscos e dificuldades que pode encontrar ao longo de sua experiência.

A pesquisa de campo teve inspiração etnográfica. Travancas (2008) define este tipo de pesquisa como um exercício de observação, onde o pesquisador deve procurar observar com olhos de estrangeiro um local que já lhe é familiar, na busca de significados.

Em campo, existem dois instrumentos importantes para coletar os dados. Travancas (2008) menciona as entrevistas abertas em profundidade e a observação participante. O pesquisador deve acompanhar e perceber tudo ao seu redor, como se não houvesse familiaridade com aquele local, aquela comunidade, aquele modo de fazer.

No presente trabalho, elementos de pesquisa etnográfica foram utilizados para descrever o processo de produção audiovisual educacional socioambiental resultante da intervenção do pesquisador. Tendo-se produzido o documentário, outra técnica de pesquisa utilizada foi o grupo focal, que tem como objetivo principal perceber os aspectos valorativos e normativos de referência de um grupo em particular (COSTA, 2008). Busca-se compreender uma especificidade de comportamento.

O grupo focal é indicado quando o pesquisador “deseja ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado, quando se quer aprofundar o conhecimento de um tema” (COSTA, 2008). Esta metodologia pode gerar uma série de informações extremamente significativas, logo, a autora ressalta a importância do planejamento, tanto na elaboração de um roteiro, quanto na análise de dados coletados. Esta estratégia foi utilizada na pesquisa de campo a fim de verificar as observações dos telespectadores sobre o audiovisual decorrente da intervenção, assim como identificar as sensações despertadas no receptor pela trilha sonora. Optou-se por incluir dois grupos de receptores: aqueles que participaram das oficinas de vivências que geraram o

documentário (Grupo 1) e outro grupo formado por músicos ou pessoas ligadas à música (Grupo 2).

## 2.2 Tratamento de dados

O tratamento de dados coletados foi realizado por meio da análise textual. Este método é entendido como um processo de desconstrução, seguida de reconstrução, do conjunto de discursos, decorrentes dos filmes e entrevistas, produzindo a partir daí novas perspectivas sobre os fenômenos investigados (MORAES, 2008).

Moraes (2008) afirma que a análise textual é utilizada com o objetivo de identificar e isolar os enunciados dos materiais a ela submetidos, categorizá-los e produzir novos textos, integrando descrição e interpretação, além de utilizar um sistema de categorias como base de sua construção.

Dessa maneira, o produto de uma análise textual qualitativa é o que Moraes (2008) define como *metatexto*, o qual organiza e apresenta as interpretações construídas a partir de um conjunto discursivo submetido à análise.

Para apresentar algumas informações sobre a trilha sonora, neste estudo foi necessário também analisar a imagem dos documentários. Isto porque, em um filme, som e imagem estão conectados e, para isso, fez-se necessário compreender como devemos interpretar a imagem.

Muitos são os aspectos a serem contemplados na análise de imagens em movimento. Coutinho (2008) afirma que o pesquisador deve considerar especialmente os aspectos temporais do referido registro visual, a forma como as imagens mostram tais momentos e o desenrolar da cena. Outros contextos, como o tempo de duração de uma cena, o ritmo de montagem e de edição, bem como os movimentos de câmera e a forma de montagem dos registros visuais devem ser observados na análise da mensagem cinematográfica.

Quando se fala em movimento de câmera, é necessário destacar o ritmo em que ela se movimenta e o de exibição. Nas duas ocasiões a velocidade pode ser definida tanto na captação quanto na edição da imagem, sem falar que também é possível alterá-la com a adição de fundo musical. Na análise de imagem, ainda, o autor ressalta que devem ser considerados fatores como cortes de cena e uso de efeitos.

A análise de imagem, neste estudo, foi necessária para compreendermos como os documentários ambientais foram produzidos (tanto por outros como a partir da intervenção), descrevendo de que maneira as imagens se encontram com os sons e que tipos de imagens aparecem acompanhadas de determinados ritmos.

### 3 A SEMIÓTICA, O SOM E O VÍDEO

O ser humano, desde a sua origem, utilizou modos de expressão e de manifestação de sentido para se comunicar com outros indivíduos. Essa relação, mediada pelo uso da linguagem, nos primórdios, se dava por meio da voz, de gestos, de rituais, de danças, de desenhos, de jogos e até mesmo de objetos (SANTAELLA, 1983).

Esses modos de expressão e manifestações de sentido utilizadas pelo ser humano são compostos por signos, os quais, segundo a lógica, também conhecida como semiótica, são objetos que reproduzem algo para alguém, ou seja, que reproduzem um significado ou representação de alguma coisa (SANTAELLA, 1983).

No livro *“Semiótica Aplicada”*, de Lucia Santaella (2002), um signo é apresentado, sob a percepção de Peirce, da seguinte forma:

- Em si mesmo, nas suas propriedades internas, ou seja, no seu poder para significar;
  
- Na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa;
  
- Nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, isto é, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários (SANTAELLA, 2002 p. 5).

Santaella (2002) afirma que a semiótica, portanto, abrange diversos tipos de linguagens, relativas a suas diferentes naturezas: verbal, imagética, sonora. É o que também afirma Joly (2007), em seu livro *“Introdução à análise da imagem”*. Para ela,

que se apoia na teoria Peirciana, estes mesmos signos possuem uma concretude que verificamos por meio de um ou de vários de nossos sentidos. Segundo a autora, podemos ver um signo (pode ser uma cor, um gesto ou um objeto), ouvir um signo (uma música, um ruído ou um grito), saboreá-lo, tocá-lo ou cheirá-lo (odores como os de perfumes ou de uma comida).

Quando queremos falar de um ruído ou de um som, concluimos que estes signos também existem por algum motivo e, portanto, também pretendem transmitir determinadas mensagens, como é o exemplo da água fervendo em uma chaleira ou o som que faz uma geladeira quando está ligada na tomada. Esse sinal nos transmite uma mensagem, ou seja, o som aqui tem uma finalidade, funciona como um emissor de significado que integra uma forma de linguagem (SANTAELLA, 1983).

Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. Enfim: todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje uma enorme difusão (SANTAELLA, 1983, p. 2).

Santaella (1983) conclui que todo e qualquer fato cultural ou prática social constitui-se de linguagem, ou seja, também são práticas que transmitem sentido. Pensando que todos estes eventos transmitem significados, seja a linguagem de um fato ou de um ruído, do som do vento ou de algum sistema de um computador, das flores, dos sinais do corpo e até a linguagem do silêncio, pode-se concluir que o homem passa boa parte de seu tempo desvelando significações, interpretando os sentidos para ele transmitidos pelos signos (SANTAELLA, 1983).

Esta afirmação de Santaella (1983) tem como fundamento a teoria de Peirce quando aborda a fenomenologia, estudo que busca compreender como os fenômenos são apreendidos pela mente. É neste estudo que Peirce chega à conclusão de que um fenômeno é formado por três elementos formais: primeiridade, secundidade e terceiridade (SANTAELLA, 2002).

Os fenômenos, segundo o que diz Santaella (2002), que se encontram na primeiridade são aqueles relacionados ao acaso, à possibilidade, à liberdade. Já na secundidade está tudo aquilo que se refere essencialmente às ideias de dependência, ação e reação, determinação, surpresa ou dúvida. Na terceiridade, por sua vez, estão os fenômenos ligados à generalidade, à inteligência e à continuidade. Para resumir estas definições, pode-se dizer que um signo é qualquer coisa (um livro, uma palavra, uma ação) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente, esta conhecida como interpretante do signo (SANTAELLA, 2002).

Com o desenvolvimento industrial, foram criadas máquinas preparadas para elaborar, armazenar e reproduzir linguagens, como ocorre com as fotografias, com o rádio e a televisão (SANTAELLA, 1983). Em alguns casos, como no do rádio e da televisão, uma das linguagens mais utilizadas hoje é a sonora, que também é um fenômeno de produção de significação e de sentido.

(...) sabemos que o som é onda, que os corpos vibram, que essa vibração se transmite para a atmosfera sob a forma de uma propagação ondulatória, que o nosso ouvido é capaz de captá-la e que o cérebro a interpreta, dando-lhe configurações e sentidos (WISNIK, 1989, p. 17).

Os sons são formadores do que Schafer (1977) denomina paisagem sonora, que se refere ao ambiente sonoro, ao conjunto de sons que o integra, com sons fortes e fracos, ouvidos ou ignorados, desde o zumbido de uma abelha ao apito de um trem.

O sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas. Quando dormimos, nossa percepção de sons é a última porta a se fechar, e é também a primeira a se abrir quando acordamos. Esses fatos levaram McLuhan a escrever: "O terror é o estado normal de qualquer sociedade oral, pois nelas, todas as coisas afetam tudo, o tempo todo". A única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis, para se concentrar no que é desejável. Os olhos apontam para fora; os ouvidos, para dentro (SCHAFER, 1977, p. 29).

Entendemos, a partir dessa definição, que toda forma de reprodução de som, seja por meio da voz, de gritos ou de grunhidos, por ruídos da natureza, dos

batimentos cardíacos ou de sons provenientes de instrumentos musicais também é considerada emissora de sensações.

Conforme Sekeff (2002), a linguagem musical não é apenas um recurso de exploração de sons, ruídos e silêncios, mas também é um recurso de comunicação, expressão, gratificação, mobilização e autorrealização. A autora complementa que a música atende a diversas necessidades do ser humano, seja como experiência estética (agindo psicologicamente), seja como vibração sonora (agindo fisiologicamente), seja como facilitadora de desenvolvimento e socialização ou como auxiliar do bem-estar.

A música não se reduz ao que o compositor, por si só, sentia no momento de sua criação nem ao que ele buscava no contexto em que surgiram as imagens sonoras. O som, na forma de música, se constitui objeto material que, ao entrar no ouvido, “se enraíza no nosso eu, insere-se num esquema afetivo, estimula atividades corporais e, por sua ludicidade - que não serve a nada servindo a tudo ao mesmo tempo -, permite que o ouvinte se revele na escuta sem que mesmo ele se dê conta” (SEKEFF, 2002, p. 28).

Essa teoria também se aplica à significação de um ritmo, de uma melodia criada ou de uma música. Wisnik (1989) afirma que os sons emitem pulsos que são interpretados pelo nosso corpo. As músicas, portanto, são feitas a partir dessa junção de pulsos em que diferentes frequências se encaixam.

Os sons entram em diálogo e exprimem semelhanças e diferenças na medida em que põem em jogo a complexidade da onda sonora. É esta conversa que engendra as músicas, as quais são possíveis devido às correspondências e desigualdades no interior dos pulsos (WISNIK, 1989).

A música, em sua essência, é capaz de remeter ao ser humano diferentes sensações, pois, ao ouvi-la, o cérebro a interpreta e capta uma mensagem, que é transmitida ao passo que a música é sentida e interpretada pela pessoa.

Aliás, uma das graças da música é justamente essa: juntar, num tecido muito fino e intrincado, padrões de recorrência e constância com acidentes que os desequilibram e instabilizam. A música é capaz de ritmar a repetição e a diferença, o mesmo e o diverso, o contínuo e o descontínuo. Desiguais e pulsantes, os sons nos remetem a um outro tempo ausente, virtual, espiral, circular ou informe, e em todo caso não-cronológico, que sugere um contraponto entre o tempo da consciência e o não tempo do inconsciente. Mexendo nessas dimensões, a música não refere nem nomeia coisas visíveis, como a linguagem verbal faz, mas aponta com uma força toda sua para o não-verbalizável; atravessa certas redes defensivas que a consciência e a linguagem cristalizada opõem à sua ação e toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corporal, do intelectual e do afetivo. Por isso mesmo é capaz de provocar as mais apaixonadas adesões e as mais violentas recusas (WISNIK; 1989, p. 27-28).

Diante das definições e conceitos que envolvem a significação gerada pelos sons, entendemos eles como emissores de significados. Sendo assim, é necessário compreender como o som passou a ser utilizado inicialmente no cinema e como foi desenvolvido para chegar às suas formas mais atuais, como no objeto de estudo do presente trabalho: os documentários ambientais.

Em vídeos, que trataremos mais adiante, existem três propriedades que podem funcionar como símbolo (signo): sua qualidade interna, o fato de que esse algo exista no mundo e uma lei de que ele é portador. Santaella (2002) explica que dessas três formas de os signos se apresentarem podem resultar em três modos pelos quais eles estão presentes em um vídeo: o modo qualitativo, o modo existencial e o modo genérico. De acordo com a autora, o modo qualitativo se apresenta na qualidade das tomadas, dos movimentos de câmera, dos enquadramentos, na qualidade da imagem e da voz, etc. Todos esses fatores são apreendidos pelo espectador, porém não são apreendidos conscientemente, mas sim de maneira imperceptível. Dedicar a atenção a esses elementos pode mostrar detalhes importantes sobre a produção de tal vídeo como, por exemplo, a integração ou não entre fala e imagem, o tom da fala, o papel da trilha sonora, e assim por diante (SANTAELLA, 2002).

Tendo isso em vista, pode-se perceber que os vídeos que versam sobre “águas” apresentam sempre imagens panorâmicas com a câmera em

movimento explorando a paisagem das águas e da vegetação. As sequências de tomadas e de cortes têm uma duração homogênea, fazendo variar a visão da paisagem, com ênfase no brilho da luz do espelho d'água e na exuberância das cores do verde e das formas da vegetação. (...) As tomadas de beleza natural que as câmeras encenam são sempre acompanhadas de uma trilha sonora que integra o som ao mesmo ritmo das imagens (SANTAELLA; 2002, p. 119).

No modo existencial de verificar um signo no vídeo, basta esta “coisa” existir no mundo real para ser reconhecida como tal, é uma realidade física. Portanto, existem vídeos curtos, médios e bastante longos. O tempo de duração é o que determina o contexto de uso. Por exemplo, em um vídeo de educação ambiental é preciso mostrar um processo educativo que, por si só, tem sua complexidade e se trata de um universo maior que um vídeo (SANTAELLA, 2002).

Segundo a autora, é nesse universo maior que o uso do vídeo deve ser determinado, porque é somente na situação educativa que ele pode adquirir seu significado mais pleno, quando se pode perguntar: “Quais usos podem ser feitos desse vídeo na escola?”. Esse é o intuito de um vídeo que se destina a fins educativos, seja na educação formal ou não formal.

Já no modo genérico de compreender um signo em um vídeo é necessário que os signos trazidos sejam convencionalmente conhecidos. Uma palavra e as notações musicais são exemplos disso, que são chamados de legi-signos (SANTAELLA, 2002). A autora afirma que em um documentário tradicional, a ênfase está no caráter informativo da mensagem. Geralmente, o discurso se dá em voz *off*, as imagens têm função demonstrativa para provar que aquilo de que se fala realmente existe. Nas experimentações o que caracteriza tradicionalmente o gênero pode sofrer mutações, às quais estaremos abertos na nossa intervenção.

### **3.1 Sons no vídeo: do cinema aos documentários ambientais**

Neste capítulo trataremos sobre o surgimento da produção audiovisual e com quais fins esta invenção passou a se utilizar das trilhas sonoras. Para complementar, interligaremos este assunto até chegarmos ao cinema propriamente dito e, conseqüentemente, aos documentários ambientais, alguns deles servindo de

ilustração aos teóricos. Foram escolhidos, para análise da trilha sonora neste capítulo, três documentários ambientais brasileiros. Um deles, “A Lei da Água”, produzido em 2015 e dirigido por André D’Elia, sendo um longa-metragem, com duração de 1h18min. O segundo é “O Veneno Está na Mesa”, de Silvio Tendler, que foi lançado em 2011, um média-metragem com duração de 48min22s. Já o terceiro e último documentário é o curta-metragem “Ilha das Flores”, dirigido por Jorge Furtado, com duração de 13min8s.

O objetivo destas análises é construir, junto ao referencial teórico, um olhar sobre como a trilha sonora é utilizada em documentários ambientais e refletir, com o apoio bibliográfico, sobre os questionamentos iniciais da pesquisa.

Nem sempre a produção audiovisual, em sua abrangência, se utilizou das sonoridades como elementos primordiais. No início, os filmes não contavam com uma trilha de imagem acompanhada por uma trilha de um som gravado. Aumont (1994) afirma que o único som que acompanhava a projeção do filme era a música de um violonista ou de um pianista ou, às vezes, de uma pequena orquestra.

O cinema, nos primórdios, não detinha um código próprio, então se confundia com outras formas culturais, tais como cartuns, revistas ilustradas e cartões-postais (MASCARELLO, 2006). Os primeiros 20 anos de cinema podem ser divididos em duas fases: o cinema de atrações, a partir de 1894, época em que ocorreu um aumento na demanda de filmes de ficção; e o denominado “período de transição”, que aconteceu por volta de 1907, quando o cinema passou a se enquadrar em moldes industriais, ou seja, passou a ser produzido em grande escala (MASCARELLO, 2006).

McLuhan (1964) afirma que o cinema é a junção da tecnologia mecânica com o mundo elétrico e com a atualidade. Segundo o autor, a tarefa de um cineasta é a de aproximar o espectador desse novo mundo que está sendo exibido, da história que está sendo contada através da tela. Segundo ele, “este fato é tão claro e se realiza tão completamente que os que passam pela experiência aceitam-na subliminarmente e sem consciência crítica” (MCLUHAN, 1964, p. 320).

O surgimento do cinema sonoro aconteceu quase que do dia para a noite, tornando-se um “elemento insubstituível da representação fílmica” (AUMONT, 1994, p. 45).

É claro que a evolução das técnicas não se deteve nesse “salto” que foi o surgimento do som; esquematicamente, é possível dizer que, desde essas origens, a técnica avançou em duas grandes direções. Em primeiro lugar, uma diminuição do tamanho da cadeia de registro do som: as primeiras instalações necessitavam de um material muito pesado, transportado em um “caminhão sonoro”, concebido para esse fim (para as rodagens de externas); a invenção da fita magnética foi a etapa mais marcante, desse ponto de vista. Por outro lado, o surgimento e o aperfeiçoamento das técnicas de *pós-sincronização* e de *mixagem*, isto é, em linhas gerais, a possibilidade de *substituir* o som gravado diretamente, no momento da filmagem, por um outro som considerado “mais bem adaptado”, e de *acrescentar* a esse som outras fontes sonoras (ruídos suplementares, músicas) (AUMONT, 1994, pgs. 45 e 46).

Segundo Aumont (1994), existem diversas técnicas para compor as trilhas sonoras, desde aquelas que complementam a trilha com efeitos sonoros, ruídos e músicas, efeitos que são acrescentados após a gravação de cenas, até as mais sutis, que se referem ao som sincronizado gravado no momento da filmagem, chamado muitas vezes de “som direto”.

Para o autor, nos anos 20 existiram dois cinemas sem falas no que se refere à reprodução sonora: um cinema mudo, sem palavras, e outro cinema que se utilizava da linguagem visual como uma especialidade (AUMONT, 1994). A época do cinema mudo favoreceu ao imaginário, por trazer certo irrealismo aos filmes, já que não possuíam voz nem cores. Aumont (1994) afirma que, para alguns, o cinema começava de fato com o cinema falado e que esta modalidade deveria buscar refletir o oposto do mundo real. Acreditava-se que o som era uma espécie de vocação da linguagem cinematográfica.

Aumont (1994) afirma ainda que para outros teóricos da época o som surgia no cinema justamente para fazer a representação do mundo real. O autor compreende que parece prevalecer a teoria de que o som fílmico tem como função principal reforçar e aumentar os efeitos de real e que é, “na maioria das vezes,

considerado como um simples adjuvante da analogia cênica oferecida pelos elementos visuais” (AUMONT, 1994, p. 48).

De acordo com Mascarello (2006), a partir dos anos 1930, os filmes passaram a ser sonorizados, porém, como ainda havia certa resistência quanto ao seu real valor, muitos filmes eram disponibilizados tanto na versão sonorizada quanto na versão muda. Pouco tempo depois, percebeu-se que, se os diálogos eram de menor importância; a trilha sonora, por sua vez, fosse com sons de tiros ou de canções, aumentava o impacto sobre o espectador (MASCARELLO, 2006).

Por meio dos avanços tecnológicos que se sucederam no ramo cinematográfico, o som se tornou muito utilizado na produção de sentido e na fundamentação de conteúdo de um vídeo. Gorbman apud Baptista (2006) afirma que a utilização da música no cinema tem como um de seus principais papéis causar um maior envolvimento emocional com o espectador, possibilitando-lhe a sensação de estar dentro do filme.

Ainda que a base do cinema seja a imagem em movimento, ele se utiliza também de outras linguagens artísticas, como quando dialoga com textos literários, quando retrata um caso verídico ou utiliza interferências com músicas para reforçar suas intenções (ALMEIDA, 2007).

Em um curto espaço de tempo, o som passou a ser um elemento utilizado com mais frequência nos vídeos. Como afirmado por Aumont (1994), nos primórdios dessa nova realidade para os cinemas, as primeiras instalações para transmitir a trilha sonora eram formadas por um material muito pesado, transportado em um caminhão de equipamentos. Posteriormente, com a invenção da fita magnética e aperfeiçoamento de outras técnicas, os sons puderam ser melhor trabalhados e encaixados em cenas específicas das películas.

Conforme os autores já citados, nos filmes a sonorização desempenha a função de transmitir significações junto à imagem em movimento. Isso não é diferente nos documentários.

Ao contrário da ficção cinematográfica, o documentário se encarrega de expor o mundo. Os filmes documentais têm a capacidade de nos transmitir uma impressão de autenticidade (NICHOLS, 2005). Os cineastas são atraídos pelas formas de representação do documentário quando desejam envolver o espectador em temas diretamente relacionados com o mundo histórico que compartilhamos. “Alguns enfatizam a originalidade ou a característica distintiva de sua própria maneira de ver o mundo: vemos o mundo que compartilhamos como se filtrado por uma percepção individual dele” (NICHOLS, 2005, p. 20).

Aumont (1994) afirma que os documentários fazem parte dos filmes ditos como “representativos” e este estilo foi muito criticado nos primórdios. “Reprovou-se, entre outras, a ideia de ‘janela aberta para o mundo’ e as fórmulas análogas de veicular pressupostos idealistas que tendiam a confundir o universo fictício do filme com o real” (AUMONT, 1994, p. 26).

Os documentários podem representar de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos, porque traduzem a matéria que forma a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta (NICHOLS, 2005). Além disso, propõem o discurso na sociedade a partir de um ponto de vista já formado, assim exercendo uma função no contexto social.

Neste formato, os discursos ambientais também encontram espaço para se desenvolverem, já que são produtos que permitem a subjetividade do cineasta e a expressão aberta do seu ponto de vista, além de apresentar a realidade histórica e social do mundo (ou de uma pequena área dele) (MEDEIROS, 2014).

A voz do documentário fala através de todos os meios disponíveis para o criador. Esses meios podem ser resumidos como seleção e arranjo de som e imagem, isto é, a elaboração de uma lógica organizadora para o filme. Isso acarreta, no mínimo, estas decisões: 1) quando cortar, ou montar o que sobrepor, como enquadrar ou compor um plano (primeiro plano ou plano geral, etc.; 2) gravar o som direto, no momento da filmagem, ou acrescentar posteriormente som adicional, como traduções em voz-over, diálogos dublados, música, efeitos sonoros ou comentários (...) (NICHOLS, 2005, p. 76).

Rezende (2000) afirma que os efeitos sonoros e a música em produtos jornalísticos e suas significações podem se apresentar como elementos isolados ou como integrantes da montagem.

Esses signos se diferenciam em dois tipos: os sons que denotam a si mesmos (uma vinheta sonora) e os que reproduzem ruídos da realidade (um latido, o disparo de uma arma). O código sonoro compreende três subcódigos. No “emotivo” – por exemplo, a música-tema de um programa ou de um personagem – tem-se o objetivo de transmitir determinadas sensações. O “sintagma estilístico” consiste numa tipologia musical (sertaneja, clássica, romântica de ação). Os “sintagmas de valor convencional” (toque fúnebre de sino, sirenes de ambulância) denotam o significado que lhes é atribuído ou, de acordo com as circunstâncias, traduzem valores conotativos (REZENDE, 2000, p. 39).

Como já afirmou McLuhan (1964), uma das funções de um cineasta é transportar o espectador para o mundo do filme, para dentro da história que está sendo contada através da tela. A música fomenta este diálogo, mesmo que em alguns momentos o receptor não absorva conscientemente a ligação entre imagem e som.

O cinema não é um meio simples, como a canção ou a palavra escrita, mas uma forma de arte coletiva, onde indivíduos diversos orientam a cor, a iluminação, o som, a interpretação e a fala. A imprensa, o rádio, a TV e as histórias em quadrinho também são formas de arte que dependem de equipes completas e de hierarquias de capacidade empenhadas em ação corporada (MCLUHAN, 1964, p. 328).

Assim como a música, que se faz importante na narrativa documental, e os próprios sons das cenas gravadas, que representam a realidade do respectivo ambiente, o silêncio também se mostra essencial. Este se faz presente geralmente pela interrupção da fala do narrador ou personagem, pela não existência de um fundo musical ou com o objetivo de que represente uma mensagem.

Portanto, os autores nos levaram a compreender que o som ou sua ausência envolvem, transmitem mensagens diretas e indiretas, produzem efeitos interpretativos, sensações, experiências estéticas, atendem às necessidades (lúdicas, afetivas, de bem estar, etc), geram reconhecimento e efeitos de sentido que atendem à fantasia. A partir destes elementos significantes, no próximo capítulo analisamos como o som foi usado em três documentários.

### 3.2 Análises do som em documentários ambientais

O documentário brasileiro “O veneno está na mesa”, de 2011, dirigido por Silvio Tendler, relata a utilização de agrotóxicos na produção de alimentos no Brasil, sendo este, de acordo com a película, um dos países que mais utiliza tais substâncias em suas lavouras. O vídeo apresenta depoimentos de especialistas da área, agricultores, além de trazer dados estatísticos e reproduzir reportagens sobre o tema.

Neste filme, que tem 49 minutos de duração, é possível perceber a utilização de músicas em momentos muito específicos, já que, de uma forma geral, o documentário é formado apenas por depoimentos acompanhados por sons ambientes.

A trilha inicia no primeiro segundo de vídeo, quando, até os 30s, há um som que acompanha a contextualização de introdução ao documentário, que se dá por meio de narração e imagens com pequenos textos. O narrador apresenta alguns dados relacionados ao tema central, como o fato de o Brasil ser, desde 2008, o maior consumidor mundial de agrotóxicos. Já nas imagens que dão seguimento à narração, outros dados são apresentados: uma delas é um cartaz que informa que cada brasileiro consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. A música que acompanha é instrumental e se caracteriza como um som sombrio, sério, que aparentemente se utiliza de elementos eletrônicos e guitarras. Uma delas, que se mantém até o final desse trecho e conduz o restante dos elementos, parece fazer alusão ao ritmo da capoeira, expressão característica brasileira, que une a dança, o ritmo e o esporte.

No decorrer do filme, é possível identificar que a trilha sonora é utilizada em momentos de transição. Por exemplo, dos 30s aos 4min39s há dois depoimentos em que não há trilha musical, sendo acompanhados apenas por sons ambientes. O

primeiro se dá por meio da imagem do entrevistado, que contextualiza a forma de utilização dos recursos naturais na América Latina. Há uma crítica à falta de conscientização relacionada à preservação do uso desses recursos naturais. No segundo depoimento, o documentário apresenta o áudio de um trecho de uma entrevista a uma rádio. Durante esta última não há uso de trilha musical, mas sim o uso de imagens complementares ao áudio da entrevista. Ainda neste trecho ocorre uma crítica ao uso de alguns agrotóxicos que são liberados no Brasil e proibidos em outros países. Para complementar, o entrevistado cita um desses agrotóxicos, em que produtos ele é utilizado e que males pode causar às pessoas que o consumirem.

Após os dois depoimentos, inicia uma música, também instrumental e, desta vez, mais leve, que marca mais um momento de transição. Logo após seu início, entram narrações com uma voz masculina e duas vozes femininas que se intercalam e têm como acompanhamento imagens de propriedades agrícolas. É neste momento que as vozes apresentam, de forma introdutória, o assunto do documentário: o uso dos agrotóxicos. A música que acompanha as narrações é composta por instrumentos de cordas, como violão e baixo, em acordes e ritmos constantes e lineares, que se repetem ao longo das falas. É um som suave, que faz um acompanhamento às narrações e imagens.

Aos 5min48s, a música tem um *fade out* durante alguns segundos, enquanto a narração se encaminha para o final. Assim que se cria o silêncio, elemento que também compõe a trilha sonora, mais um momento de transição se inicia, em que um som grave e tenso faz uma espécie de “vinheta” para apresentar um novo capítulo. Enquanto se reproduz esta música, composta por instrumentos como guitarras distorcidas e sons graves, as imagens trazem uma espécie de subcapítulo, em que são apresentados os usos de substâncias tóxicas durante a Segunda Guerra Mundial. Neste caso, o som se diferencia dos demais utilizados na trilha até o momento, pelo fato de seu volume estar bastante alto. É possível verificar também neste trecho que as imagens apresentam cores diferentes do restante do vídeo. Algumas delas se encontram em tons sépia e outras em preto e branco, fazendo alusão a registros antigos, em que a tecnologia ainda não permitia filmar a cores.

A narração é intercalada por uma voz masculina e uma feminina, e relata diferentes realidades acerca do tema citado anteriormente, as quais, em geral, representam situações negativas. Apenas aos 6min19s é que a música instrumental que acompanha a narração e as imagens silencia, ficando até os 6min42s sem música de acompanhamento. Neste trecho o que há é o som das próprias imagens que estão sendo reproduzidas. Nesta etapa, as imagens já se encontram com tonalidades mais naturais, já que se tratam de registros mais recentes.

Aos 6min42s há uma nova transição, em que o mesmo som de guitarras distorcidas retorna para complementar as imagens. Neste caso, o tipo de som, formado por tons mais graves e sons agressivos, acrescenta à imagem uma seriedade e até mesmo certa tensão ao tema que está sendo apresentado: a quantidade de ações movidas contra grandes produtores de produtos químicos depois da guerra e o desenrolar desses processos. O som colabora para a produção de sentido relacionada ao contexto da mensagem transmitida, que tem um caráter negativo.

A partir dos 7min17s, o vídeo fica sem trilha musical, apenas com a narração de uma voz masculina e uma feminina. No entanto, isso acontece até os 7min26s, quando recomeça uma trilha com sons de guitarras e outros sons mais graves, trazendo à cena clima de tensão e suspense. O tema tratado é ainda sobre as consequências da utilização de substâncias químicas durante a guerra. A partir dos 7min57s, o vídeo fica sem trilha sonora musical novamente, agora dando espaço a depoimentos de agricultores, que relatam suas histórias no ramo e sobre como a difusão do uso de agrotóxicos modificou o modo de fazer a agricultura. A trilha sonora é composta apenas por sons dos ambientes.

Aos 9min46s, é possível perceber a volta de uma trilha rápida instrumental para trazer a vinheta do seguinte capítulo “Saúde do consumidor”, seguido por novos depoimentos de pessoas da área, estes apenas acompanhados por sons ambientes dos locais onde se encontravam os entrevistados no momento das entrevistas.

Aos 14min12s, a trilha sonora retorna, apenas instrumental, com muitos sons graves, e faz acompanhamento à narração de uma reportagem sobre uma *blitz* que aconteceu em Pernambuco, onde foram encontrados muitos alimentos contaminados. A trilha, novamente dá um tom de tensão para complementar o conteúdo abordado. Somente aos 16min7s é que a trilha sonora diminui até extinguir. Neste momento, a cena exibida é a da repórter em uma feira, mostrando produtos, ao mesmo tempo em que o som deste ambiente que está sendo filmado é transmitido junto à imagem. Nos próximos minutos, há mais depoimentos que não são acompanhados por música, apenas pelo som ambiente de cada local que está sendo filmado.

Aos 18min27s, novamente surge a trilha musical que parece ter uma função de vinheta, já que sempre está aliada a uma espécie de introdução a um novo assunto. Este novo assunto geralmente é apresentado por uma tela específica, que traz imagem e texto, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Cena extraída do documentário “O veneno está na mesa”



Fonte: Imagem extraída do documentário “O Veneno Está na Mesa” (Tendler, 2011)

Aos 40min59s, próximo ao final do vídeo, um novo som, diferente dos demais tocados até então, mas ainda instrumental e suave, com instrumentos de cordas, introduz o depoimento de um agricultor. O título dessa passagem é “Uma resistência

possível”, na qual é relatado o caso deste agricultor que trabalha com agricultura 100% orgânica e encontra alternativas ao uso de agrotóxicos em sua propriedade.

Ao final de outros depoimentos de especialistas, aos 47min31s, aumenta o som da trilha instrumental para finalizar o vídeo, acompanhando apenas os créditos. O som é bastante característico, com violão base e um solo. Ainda é possível identificar o som de percussão por um pandeiro e chocalho, que trazem características do samba, típico ritmo brasileiro.

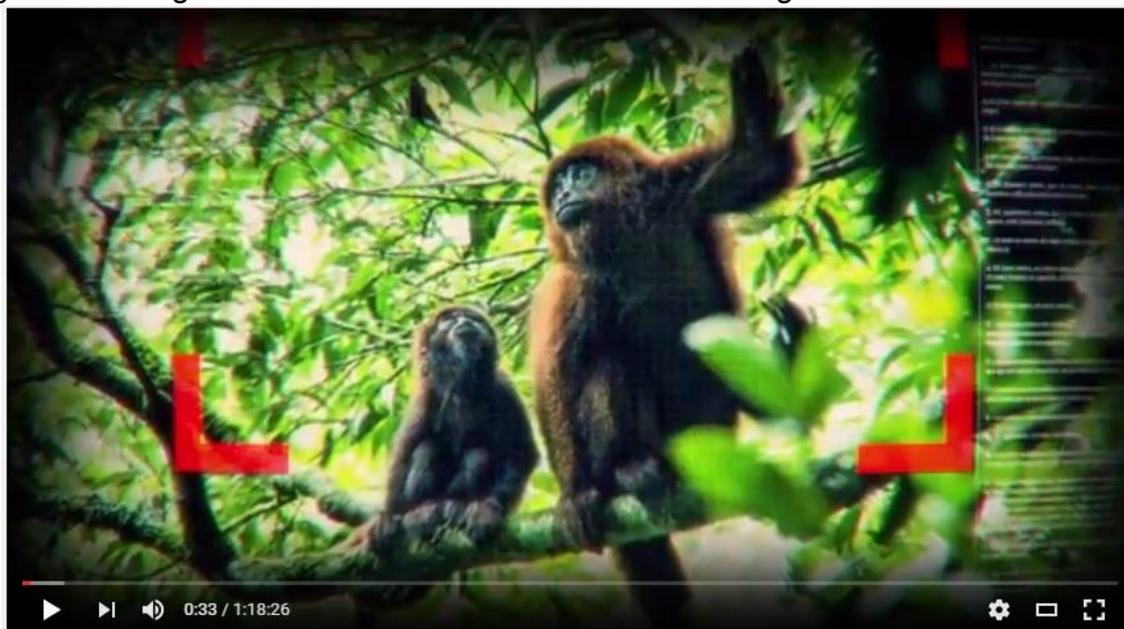
Em “O Veneno Está na Mesa”, a trilha conta com as sonoridades ambientes dos lugares filmados e com músicas instrumentais, em que é possível identificar sons bastante “brasileiros”, que se representam por meio dos instrumentos escolhidos, como os de cordas e percussão, e dos ritmos, muitas vezes alusivos ao samba e à capoeira.

A trilha musical, em boa parte do vídeo, se utiliza das mesmas melodias, que sinalizam momentos de transição de temas e, em outros momentos, apenas acompanham os depoimentos. Também é possível identificar que, ao introduzir assuntos mais sérios são utilizadas músicas mais pesadas e tensas. Já em momentos de narração que exploram o tema de uma forma mais informativa, a trilha é apenas um acompanhamento para as vozes que narram o documentário. Além disso, a trilha também é composta por sons ambientes, que estão naturalmente inseridos nos diferentes cenários que fazem parte do filme, por exemplo: aos 27min54s, em que é possível ouvir o som de pássaros ao fundo de um depoimento dado ao ar livre. Estas escolhas emprestam um sentido de naturalidade ao ambiente em que os entrevistados estão. Aspectos positivos são representados por sons suaves e de transição; aspectos negativos são representados por sons tensos, altos, criando uma sensação de expectativa e seriedade. Os depoimentos geralmente são representados com sons naturais.

O segundo documentário analisado é “A Lei da Água”, de 2015, que trata sobre o novo Código Florestal Brasileiro, mostrando diferentes visões acerca do tema, com a opinião de cientistas e políticos. Desde o primeiro segundo, uma música marca o início do documentário, composta por sons diversificados, como o

canto de pássaros e de uma tribo. Outro som utilizado na música instrumental remete a tambores. A música dialoga com as imagens, que retratam a natureza, os animais, os produtos e regiões do país em um ritmo acelerado. Junto à música, é possível identificar efeitos sonoros inseridos nas imagens, a fim de complementar as cenas, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Imagem extraída do documentário “A Lei da Água”



Fonte: Imagem extraída do documentário “A Lei da Água” (D’Elia, 2015)

Aos 42s inicia um som instrumental com violão, piano e outros ruídos que fazem alusão aos sons da natureza. Esses sons acompanham algumas cenas relacionadas à divulgação do novo Código Florestal, como imagens de reportagens impressas em jornais e do Palácio do Planalto. A seguir, entra a imagem de um político que apresenta o Código Florestal não como um problema agrícola ou rural, mas sim como um problema nacional que envolve diversos fatores: desde o modelo econômico exportador brasileiro até a biodiversidade, a política agrária e agrícola do país. A música acompanha o depoimento e, ao longo de sua fala, são transmitidas imagens diversas: primeiro, mostrando diversas localidades do país; depois, mostrando imagens que representam o conteúdo presente no depoimento.

Aos 1min45s, a música começa a se dissolver com outras cenas e um novo depoimento surge. Este, por sua vez, de um agrônomo e ex-funcionário do Serviço Florestal, traz a contextualização histórica da cidade do Rio de Janeiro, na chegada

dos portugueses. Ele relata que o início do desmatamento ocorreu como forma de favorecer o crescimento da cidade. Durante sua fala, a música retorna, com volume aumentando e diminuindo em meio às palavras, gerando uma sonoridade mais obscura, com tons mais graves, trazendo uma sensação de tensão, expectativa e curiosidade ao espectador. O agrônomo também relata o início do cultivo de café, o conseqüente desmatamento e as conseqüências na qualidade da água, enquanto são mostradas imagens históricas relativas ao assunto, em tons sépia, com o acompanhamento da mesma música instrumental.

Após este depoimento, retornam imagens do cenário ambiental atual brasileiro. Dessa vez, com destaque para os recursos hídricos, tema abordado no depoimento de um geólogo e pesquisador, que explica como se dá a manutenção e tratamento da água em grandes cidades. Durante seu depoimento, aos 3min17s, a trilha musical explora sons em tons agudos, semelhantes ao som de buzinas, misturadas ao som da água de uma nascente. Estes sons ficam bastante de acordo com o depoimento, já que misturam conotações de cidades grandes, com uma representatividade de como é o trânsito nestas localidades, com o som da água.

O depoimento seguinte é de um advogado, que aborda o abastecimento de água na cidade de Ribeirão Preto, em São Paulo, proveniente do Aquífero Guarani. O silêncio é o que acompanha seu depoimento. A seguir, aos 3min53s, um som agressivo e potente acompanha novas imagens. Desta vez, são mescladas cenas de jornais televisivos com chamadas sobre quando o sistema Cantareira atingiu o menor nível de sua história, com imagens de jornais impressos, manchetes e comentários sobre o tema. Enquanto isso, os sons variam como se frequências de rádio estivessem sendo trocadas rapidamente e novos fragmentos de depoimentos aparecem. É possível identificar também sons instrumentais que acompanham este contexto, como o de um bumbo, tambor cilíndrico de som grave e seco, e chimbau, um dos pratos que compõem a bateria. Além desses, percebe-se o uso de ruídos e efeitos sonoros que acompanham a cena, emprestando-lhe um sentido de tensão diante de manchetes dramáticas.

Aos 4min17s, um novo depoimento inicia sobre os recursos naturais. Dessa vez, a trilha que o acompanha é a mesma que ocorreu anteriormente, aos 3min17s,

que remetia a um som de buzinas e ao som da água. Aos 4min31s, uma imagem que parece ser proveniente de uma reportagem sobre o Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro, mostra como esta era uma região rica em recursos naturais, fazendo um contraponto com a realidade atual. Um morador da localidade relata, na reportagem, que com o excesso de cafezais houve desmatamento generalizado, ocasionando a realidade atual: um ambiente em que não há mais produtividade. Neste momento a música assume um estilo diferente das que até então foram escolhidas: é tocada no piano, com um ritmo lento, dando uma conotação mais emotiva. Misturam-se a isso sons de pássaros do ambiente em que as cenas foram gravadas e, aos 5min7s, o som cresce, tornando-se mais agudo e posteriormente se dissolve até retornar ao depoimento anterior.

A partir daí, dos 5min15s aos 5min21s, são mostradas cenas de desmatamento em diversas localidades do país, enquanto toca uma música instrumental com tons mais graves e ocorre o depoimento do mesmo advogado que falou anteriormente, que explica que o Código Florestal de 1965 foi construído por pessoas que estavam preocupadas com o futuro da agricultura brasileira, ao perceberem que a então produção não previa uma forma de reconstrução e preservação do meio ambiente.

Poucos segundos depois, aos 5min39s inicia-se uma cena em preto e branco, mostrando uma realidade sobre a agricultura de algumas décadas atrás. Durante estes poucos segundos, o som que acompanha a cena remete ao som de equipamentos primários que eram utilizados para a gravação de vídeos.

Aos 5min44s, inicia mais um depoimento do agrônomo citado anteriormente, que relata o surgimento do Ministério da Agricultura e sobre como as maiores preocupações giravam em torno da pecuária e da agricultura. Ele, quando funcionário do Serviço Florestal, deu a ideia de criar uma campanha de educação florestal, que veio a ter o apoio de Assis Chateaubriand, que fez uma série de entrevistas com todos os ministros da época e, inclusive, com o ex-presidente Juscelino Kubitschek, para saber o que cada um pensava sobre a situação florestal. Enquanto este relato acontece, dos 6min aos 6m17s está presente uma trilha sonora

com uma música instrumental composta por instrumentos de sopro, com uma característica crua e orgânica, remetendo um tempo passado.

Logo após, aos 6min23s, o agrônomo relata o nascimento do Código Florestal, do qual participou durante sete anos. Neste momento, outra trilha instrumental acompanha o depoimento, enquanto são mostradas imagens antigas relativas ao assunto. Depois de encerrado o depoimento, a música, dessa vez, é composta basicamente por instrumentos de cordas como o violão, seguindo dessa forma até os 7min32s. A partir desse momento, o som se transforma, sendo acompanhado também por instrumentos de percussão como tambores, que fornecem ritmo e marcam uma passagem do documentário. Este novo som acompanha imagens mais atuais, de pessoas caminhando, trazendo um momento de transição ao vídeo. Até os 8min9s o som permanece como complemento a novos depoimentos e imagens, que tratam sobre como se dão as penalidades relativas ao não cumprimento de leis ambientais e desmatamento na Amazônia.

O documentário, de forma geral, segue com os depoimentos, que são acompanhados por imagens que os complementam e contextualizam, assim como há o uso constante de músicas que compõem sua trilha sonora. Estas músicas possuem diferentes estilos, ritmos e conotações: algumas marcam transições, outras possuem características que representam as localidades mostradas e as épocas em que aconteceram. Há ainda músicas que tornam mais tensos alguns momentos do documentário, criando expectativa, e outras mais suaves, que geram uma espécie de emoção e de entristecimento no espectador. Além disso, há o uso frequente de efeitos sonoros que estão relacionados com as imagens transmitidas, como quando são mostrados mapas, infográficos e animações que apresentam as aplicações do novo Código Florestal, por exemplo. Também compõem a trilha sonora do vídeo os sons ambientes dos locais onde foram gravados os depoimentos, como o som de pássaros, e o silêncio. As imagens, em geral, quando não mostram os entrevistados, exibem animais em seu habitat natural, em que há o som do vento tocando as plantas, da irrigação, do gado, entre outros.

É possível perceber que as músicas têm características que vão ao encontro das imagens, dos contextos e das falas que estão sendo reproduzidas. Também há

momentos de silêncio durante alguns depoimentos, em que só há a voz e o som ambiente pertencente àquela cena. Também é possível perceber que, em momentos em que os assuntos e depoimentos possuem um caráter mais crítico e preocupante com a situação do meio ambiente, são utilizados sons como batidas semelhantes à de um bumbo de uma bateria, de ruídos diversos, tambores, de guitarras e baixos com acordes mais graves, emprestando um sentido de tensão ao espectador. Exemplo disso é quando ocorre depoimento de um advogado, aos 17min51s, quando faz uma crítica à lei e sugere como algumas mudanças poderiam vir a auxiliar o agricultor e o meio ambiente. Além deste, outros momentos em que este uso foi percebido pela autora aconteceram aos 8min9s, aos 14min36s, aos 39min32s, em 1h10min24s, entre outros.

Aos 9min, por sua vez, há a presença de uma nova música, com melodia que lembra o ritmo do samba, estilo tipicamente brasileiro. Neste momento, ao invés de um depoimento, surge uma narração em voz masculina, que explica o que é uma reserva legal. As imagens, desta vez, também são diferentes: uma animação em forma de infográfico faz uma demonstração do que é explicado na narração. Este recurso é utilizado em outros momentos posteriores do vídeo.

Ao longo do documentário foram utilizados diferentes sons junto às imagens, depoimentos e narrações. Alguns deles se repetem ao longo do vídeo e de alguns depoimentos, quando possivelmente são repetidos com objetivos semelhantes: o de fazer acompanhamento a algum depoimento ou de fazer alusão a alguma localidade com o estilo de música utilizado. Por exemplo: aos 37min20s, inicia uma nova etapa do documentário, quando o tema, ainda acerca do meio ambiente, agora está mais direcionado à preservação dos manguezais. Para isso, algumas das entrevistas são concedidas na região nordeste do país. Neste momento, a música marca essa transição, e os sons lembram os ritmos do forró e do baião, dois estilos bastante característicos dessa região. Os instrumentos utilizados são típicos desses estilos, sendo possível perceber as sonoridades do triângulo, de guitarras e de xilofone. Esta música, portanto, caracteriza a localidade e prossegue durante os próximos depoimentos, acompanhando as falas e imagens dos manguezais típicos dessa região do país.

Muitas das músicas possuem características bastante brasileiras, o que também traz uma identificação com o país de origem do documentário. As músicas se caracterizam por serem essencialmente instrumentais. Por mais que alguns sons se repitam ao longo do documentário, o filme traz sonoridades distintas, o que promove ritmo ao filme e empresta sensações ao espectador, como as já citadas: tensão, expectativa, emoção e preocupação, por exemplo.

O terceiro documentário analisado é “Ilha das Flores”, de Jorge Furtado, de 1989, com 13min7s de duração. O documentário retrata a realidade de Ilha das Flores, uma localidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no fim da década de 80.

A trilha musical, neste filme, inicia já no primeiro minuto, dos 5s até os 53s. É uma música instrumental que acompanha frases, inseridas na imagem, que introduzem o tema do documentário. A partir dos 54s, a música diminui de volume até ser substituída pelo som ambiente que compõe a nova cena: uma plantação de tomates na localidade de Belém Novo, em Porto Alegre. Ao mesmo tempo também é iniciada a narração feita por uma voz masculina, que percorre durante todo o documentário, sendo um dos recursos mais utilizados neste vídeo.

Nesta cena sobre a plantação de tomates, também é mostrado um homem japonês, proprietário da plantação, fazendo o cultivo da fruta. Quando o narrador fala “... podemos ver à frente, em pé, um ser humano. No caso, um japonês. Os japoneses se distinguem dos demais seres humanos pelo formato dos olhos, por seus cabelos pretos, e por seus nomes característicos...” (FURTADO, 1989). Neste momento, uma música tipicamente japonesa acompanha a narração e as imagens do japonês em questão.

Nos próximos minutos, o narrador explica o que é um ser humano e, para isto, o vídeo utiliza diversas imagens e sons. Este trecho do filme é composto por desenhos, montagens, animações e imagens reais que, em conjunto, demonstram o que é explicado durante a narração. Durante estes segundos, a trilha sonora é composta basicamente por ruídos que fornecem às imagens um significado específico: os sons representam o que as imagens retratam, por exemplo, é utilizado

o som de uma explosão enquanto é mostrada a imagem de uma bomba explodindo. Logo, os sons ilustram de modo complementar.

Ao longo dos 13 minutos de documentário, é possível perceber a utilização de sons ambientes e músicas, porém a incidência destas não é tão frequente, sendo utilizadas apenas em momentos específicos, como por exemplo, aos 6min47s, quando é apresentada a localidade de Ilha das Flores, em Porto Alegre, a fim de mostrar os caminhos que o lixo percorre até chegar a esta região. Neste momento, a música que acompanha as imagens e a narração é formada por ruídos e sons de teclados, com tons graves e agudos se intercalando, gerando uma sensação de desconforto, estranheza, tensão e expectativa.

O documentário também explora recursos de sonoplastia. Muitos dos sons que acompanham a narração servem para indicar um som semelhante àquele produzido pela imagem em questão, como aos 5min10s, quando se ouve o som de um caixa registradora de supermercado enquanto é mostrada a imagem de uma senhora no caixa do supermercado; e aos 5min26s, quando o som utilizado é de um relógio cuco para acompanhar a imagem que mostra um relógio desse tipo enquanto o narrador fala sobre o horário de almoço.

Figura 3 – Cena do documentário “Ilha das Flores”, em que há o som de uma caixa registradora de supermercado para acompanhar a imagem



Fonte: Imagem extraída do documentário “Ilha das flores” (FURTADO, 1989)

Além desses sons, que favorecem o entendimento das imagens, é possível identificar o uso de mais músicas. Ao final do vídeo, aos 11min5s, por exemplo. Desta vez, solos de guitarra com distorção, bastante agressivos, acompanham a narração e as imagens, que ilustram a vida de pessoas que vivem em meio ao lixo para buscar alimento. Estas imagens mostradas são transmitidas em câmera lenta. Este recurso imagético, junto ao som escolhido, dramatiza ainda mais o contexto real do documentário, emprestando sensações diversas, como as de reflexão, emoção e tensão. Aos 11min5s, o narrador define que livre “é o estado daquele que tem liberdade” e, em seguida, cita a frase “Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”, extraída da obra *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meirelles. O solo instrumental segue até o final das imagens, da narração e dos créditos.

Figura 4 – Uma das imagens finais do documentário Ilha das Flores



Fonte: Imagem extraída do documentário “Ilha das flores” (FURTADO, 1989)

Nos três documentários analisados foi possível perceber semelhanças no uso da trilha sonora, que se compôs por sons ambientes, naturais e musicais, além de

momentos em que houve silêncio. Apenas no documentário “Ilha das flores” foi possível ainda identificar sons que imitavam o ruído de algum objeto, como na cena da caixa registradora de supermercado citada anteriormente.

Nos três documentários foi possível perceber que as trilhas musicais foram essencialmente instrumentais. Em “A Lei da Água”, verificou-se que as músicas remetiam ao país de origem do vídeo, representadas por meio de ritmos e instrumentos que lembravam o samba e a capoeira.

Também foi possível perceber que os ritmos e tons das músicas foram utilizados de acordo com as temáticas abordadas. Por exemplo: quando o tema era relacionado a uma crítica ou a algum assunto mais tenso e preocupante, as músicas eram compostas por instrumentos mais graves, como baixo, batidas com bumbo de bateria e guitarras distorcidas, além de se apresentarem com um volume mais alto e mais presente.

Já em momentos em que havia apenas a narração a respeito de algum assunto ou depoimento, a música era mais suave, com o uso de violões e ruídos, cumprindo um papel apenas de acompanhamento, sem subtrair atenção da narração e das imagens. A música também foi utilizada para sinalizar momentos de transição dos documentários, em que havia uma troca de assunto ou de cenário.

Os sons ambientes foram destacados nos momentos em que uma pessoa estava inserida em uma cena ou ao dar um depoimento e, também, com o objetivo de mostrar os sons da natureza em si, como os de animais em seu habitat natural e outros, geralmente acompanhados por imagens correspondentes.

No documentário “O veneno está na mesa” não houve narração, mas apenas depoimentos. Em “A Lei da Água”, houve uma mescla entre depoimentos e narração, esta última geralmente explicando e contextualizando assuntos diversos. Já “Ilha das flores” é um documentário narrado do início ao fim, de modo que e sua abordagem se diferencia dos demais documentários analisados.

## 4 EDUCOMUNICAÇÃO E AUDIOVISUAL

O presente capítulo apresenta o conceito de educomunicação e faz a contextualização dos audiovisuais dentro deste conceito.

No Brasil, a educomunicação passou a ser reconhecida com o Fórum Mídia e Educação, em 1999, promovido pelo Ministério da Educação (MEC). Hoje, o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) fomenta a linha de Comunicação para a Educação Ambiental, disseminando meios interativos, a fim de que a sociedade produza conteúdos e difunda conhecimento por meio da comunicação voltada à sustentabilidade.

Schaun (2002) compreende a educomunicação como um novo método de intervenção social, que une os campos da comunicação e da educação ao uso das novas tecnologias de comunicação e a mídia, de uma forma geral. É uma área, segundo a autora, formada por práticas comunicativas caracterizadas pela “pluralidade, transdisciplinaridade, interdiscursividade, mediação e uso intenso dos recursos de comunicação” (SCHAUN, 2002, p. 24).

O aporte de uma consciência ética e uma pragmática voltada para as transformações da sociedade são os fundamentos desse novo campo de intervenção social. As suas motivações se firmam em dois grandes postulados: a formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no meio social (...), e a concretização de utopias sociais, mais claramente postas no campo da ecologia, de uma educação de qualidade e de uma comunicação participativa e democrática (SCHAUN, 2002, p. 19).

Soares (2006) afirma que educomunicação não significa apenas a junção de Educação e Comunicação, mas também representa um terceiro e último elemento, tão importante quanto estas áreas do saber: a ação. Para o autor, a educomunicação tem a capacidade de fazer um cruzamento entre estes saberes e promover a conversa entre aqueles que criam e se utilizam desses saberes.

Os profissionais da educomunicação inspiram-se na criação de novos projetos, no talento das comunidades, na produção de bens simbólicos, no uso das tecnologias da comunicação na educação, na formação de cidadãos críticos e participativos. O desafio é, sem dúvida, o diferencial desses profissionais empenhados na superação de problemas, na luta por novas utopias sociais, onde a cidadania e o reconhecimento das singularidades sejam premissas permanentes – assim como em banir a exclusão de toda a natureza (SCHAUN, 2002, p. 25).

Kenski (2008) afirma que a tecnologia coloca frequentemente novas “máquinas” em nosso dia a dia para exercermos algumas atividades. Como exemplo, ela cita desde tecnologias mais antigas, como o lápis, o caderno, o giz e o quadro, até as mais recentes. Segundo a autora, é importante aprender a utilizar estas máquinas da melhor maneira possível, buscando nelas o auxílio às necessidades do usuário. Para fazer educomunicação, é necessário unir processos de ensino com a utilização das tecnologias que existem à disposição.

É preciso buscar informações, realizar cursos, pedir ajuda aos experientes, enfim, utilizar os mais diferentes meios para aprender a se relacionar com a inovação e ir além, começar a criar novas formas de uso e, daí, gerar outras utilizações. Essas novas aprendizagens, quando colocadas em prática, reorientam todos os nossos processos de descobertas, relações, valores e comportamentos (KENSKI, 2008, p. 44).

Schaun (2002) afirma que a educomunicação adequa-se a conceitos educativos formais e não formais. Além disso, este campo utiliza-se tanto de meios mais tradicionais quanto de novas tecnologias.

A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não-formais de educação, como as emissoras de rádio e de televisão educativas, nas editoras e centros produtores de material didático, nas instituições que administram programas de educação a distância, nos centros culturais e comunitários, entre outros. O que caracteriza a gestão é a costura que alcança produzir, através da ação prática, entre as várias vertentes que aproximam Comunicação e Educação (SCHAUN, 2002, pgs. 93 e 94).

Soares (2012) afirma que “a comunicação é um eixo transversal a toda movimentação de vida dos grupos humanos”. Para o autor, vivemos em uma sociedade onde a comunicação é pensada como um direito de todos os indivíduos e o processo educomunicativo tem como objetivo garantir esse direito, além de ampliar as formas de expressão. Segundo ele, os processos são pensados a partir de um planejamento específico, de uma ação de pessoas dentro de um determinado ecossistema em que os sujeitos envolvidos possam se expressar.

O autor destaca ainda que com o barateamento de equipamentos e com o acesso ao conhecimento sobre os usos, é possível encontrar maneiras de expressão por meio da utilização dessas tecnologias. A educomunicação mostra que todas as pessoas são aprendizes e todas as pessoas podem, ao mesmo tempo, ensinar algo a alguém (SOARES, 2012).

Vamos, então, criar procedimentos que garantam que independentemente da idade, da formação acadêmica, da posição de cada sujeito neste processo, que todos tenham o que ensinar e o que aprender, garantindo, sobretudo, que esse eixo chamado comunicação esteja presente permanentemente a partir de um modelo que socialize as maneiras de entender o mundo e que garanta que estas pessoas, neste universo, se sintam autoras de seu próprio processo de aprender, de ensinar e de construir o mundo (Soares, 2012, 10min24s).

Diante de tais afirmações dos autores citados acima, com as quais a autora do presente trabalho concorda, pode-se afirmar que muitos equipamentos, como um microfone e uma câmera utilizados nos veículos tradicionais de comunicação, podem contribuir para a educomunicação, como é o caso da produção de um áudio ou de um vídeo.

Kenski (2008) afirma que com a utilização da imagem, som e movimento, é possível proporcionar um novo modo de comportamento, além de fomentar o tema escolhido, trazendo uma nova perspectiva e um novo olhar sobre aquele assunto. A autora ressalta que, no caso das escolas, por mais que estejam ligadas às novas tecnologias, como computadores e internet, a forma de utilização desses novos meios de aprendizagem acontece de forma “finita no tempo, definida no espaço

restrito das salas de aula, ligadas a uma única disciplina e graduadas em níveis hierárquicos e lineares de aprofundamento do conhecimento” (KENSKI, 2008, p. 45).

A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado. As tecnologias comunicativas mais utilizadas em educação, porém, não provocam ainda alterações radicais na estrutura dos cursos, na articulação entre conteúdos e não mudam as maneiras como os professores trabalham didaticamente em seus alunos. Encaradas como *recursos* didáticos, elas ainda estão muito longe de serem usadas em todas as suas possibilidades para uma melhor educação (KENSKI, 2008, p. 45).

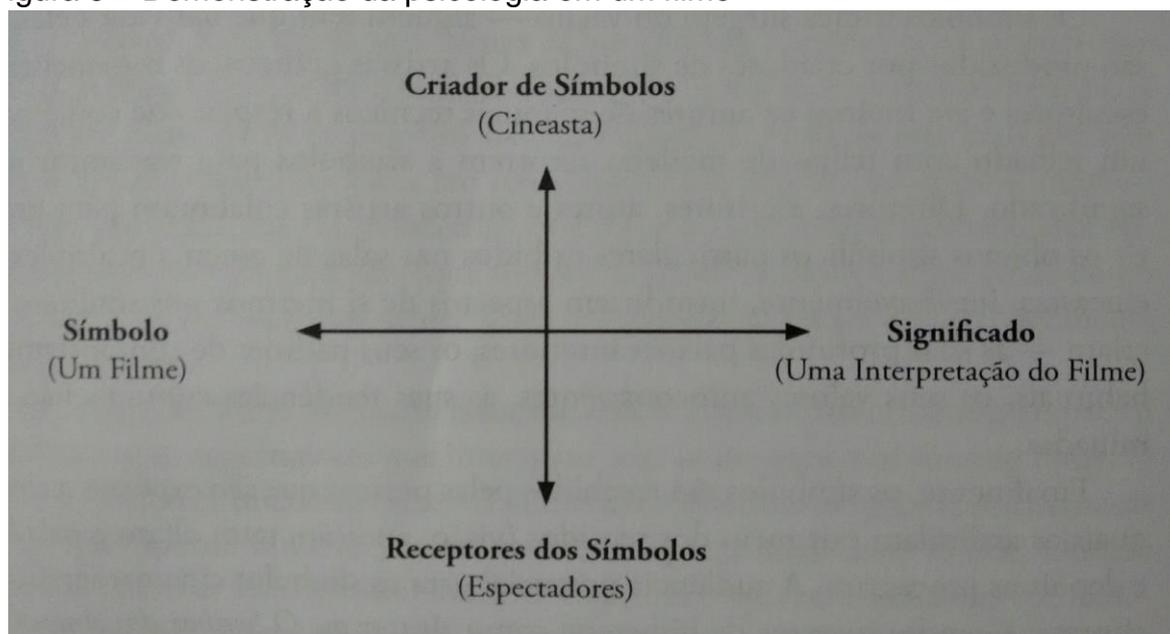
Para Kenski (2008), não se trata apenas da implementação das tecnologias como um complemento, mas sim como uma forma revolucionária de abordagem, que permita o diálogo entre os participantes e possibilite o aprender em conjunto, discutindo em igualdade. O uso do audiovisual em processos educacionais propõe-se como uma possibilidade de aprendizagem coletiva e cidadã - que explora a expressão criativa.

Young (2014), no livro “A Psicologia vai ao cinema”, afirma que os filmes não são compatíveis com o padrão de ensino disciplinado. Segundo ele, este tipo de material pode parecer divertido demais para transmitir algo de valor e que poderia vir a desencorajar estudantes à prática de leitura e métodos de aprendizagem tradicionais. No entanto, os filmes se tornaram aceitos em salas de aula como um método auxiliar de ensino.

Embora a educação superior favoreça a palavra escrita, os filmes se tornaram amplamente aceitos como um método de ensino auxiliar em uma variedade extraordinária de temas. Imagens visuais para filmes, televisão e computadores são criadas exclusivamente para o mercado educacional e existe uma literatura substancial sobre a eficácia desses métodos. Foi constatado que até mesmo filmes de cinema têm valor educacional, particularmente o seu potencial para ensinar valores, virtudes e ética para crianças e adolescentes (YOUNG, 2014, p. 173).

Young (2014) afirma ainda que a psicologia do filme pode ser unificada se pensarmos no filme como símbolos. Segundo ele, os filmes são objetos que contêm signos e, portanto, esses levam consigo significados diferentes entre si.

Figura 5 – Demonstração da psicologia em um filme



Fonte: Imagem extraída do livro “A Psicologia vai ao cinema” (YOUNG, 2014, p. 27)

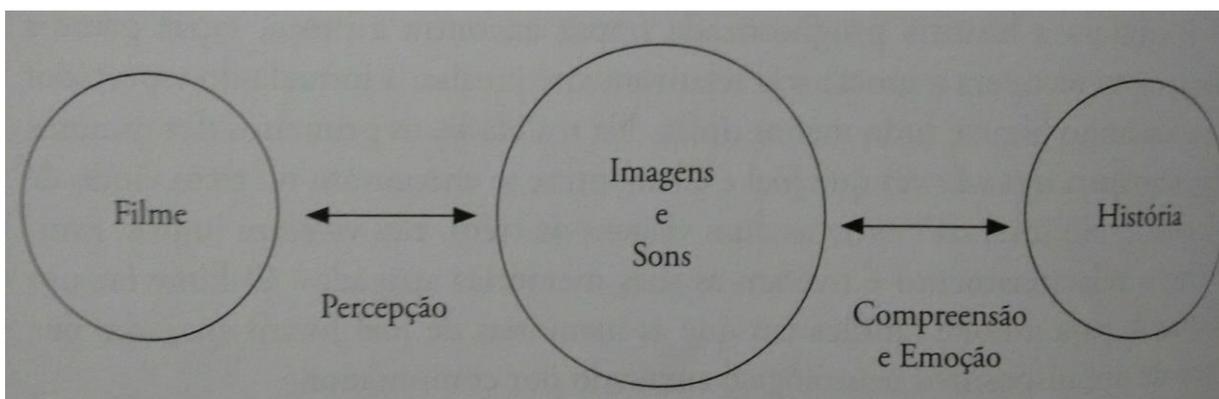
Como já dito, os símbolos têm propriedades físicas e os filmes são formados por imagens e sons, ou seja, propriedades físicas transmitidas por meio de uma tela. Esses elementos não são aleatórios e, por isso, têm o potencial de serem compreendidos pelo espectador. “Os significados simbólicos geralmente se baseiam uns nos outros na medida em que as imagens individuais se relacionam com outras imagens” (YOUNG, 2014, p.27). Os filmes combinam elementos coerentes entre si, onde um elenco de personagens vivencia algo em um lugar, ao longo do espaço e do tempo. O autor afirma que os símbolos não surgem do nada, mas sim quando alguém dá vida a eles.

Eles são produzidos por criadores de símbolos. Os artistas gráficos, os romancistas, os escultores e até mesmo os autores de manuais técnicos a respeito de como cobrir um telhado de madeira recorrem a símbolos para transmitir o seu significado. Diretores, escritores, atores e outros artistas colaboram para produzir objetos simbólicos particulares exibidos nas salas de cinema multiplex. Os cineastas, inevitavelmente, introduzem aspectos de si mesmos nos símbolos que criam – as suas profundas paixões interiores, os seus padrões de comportamento habituais, os seus valores autoconscientes, as suas tendências culturais não examinadas (YOUNG, 2014, p. 28).

De acordo com Young (2014), os espectadores recebem os símbolos aos quais são expostos e os interpretam por meio dos seus sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar).

Com relação às percepções do espectador ao assistir um filme, é possível verificar que a mente fica muito ativa ao assistir alguma película (YOUNG, 2014). O autor afirma que a atividade simbólica durante a experiência de assistir a um filme acontece a partir dos seguintes aspectos: percepção, compreensão e emoção.

Figura 6 – Representação da atividade simbólica ao assistir um filme:



Fonte: Imagem extraída do livro “A psicologia vai ao cinema” (YOUNG, 2014, p.114)

Em um nível mais inicial, as pessoas conseguem perceber as paisagens e os sons de um vídeo. O sistema auditivo contribui também para a interpretação de informações adicionais, pois faz o reconhecimento de vozes e é capaz de separar o ruído que pode estar presente ao fundo das imagens (YOUNG, 2014). O autor afirma que para compreender um filme, é preciso, em primeiro lugar, vê-lo e ouvi-lo. Segundo ele, a percepção visual (que se relaciona à cor, profundidade e movimento) e a percepção auditiva (altura, tom, localização do som) fazem a diferença no momento de assistir e experienciar os filmes.

No presente estudo foram realizados quatro processos que consideramos educacionais: a análise dos documentários ambientais, as vivências na natureza que serviram de tema de um audiovisual experimental; o próprio audiovisual como um instrumento de aprendizagem da autora, e a exibição do vídeo para receptores. Nestas quatro etapas buscou-se explorar a percepção auditiva. Passa-se agora a analisar momentos empíricos da pesquisa.

#### **4.1 Relatos da intervenção educacional: as vivências na natureza**

Ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, pensou-se em diferentes maneiras de trazer um produto para ser o objeto de estudo, para além da análise fílmica tradicional. Entre algumas sugestões, a escolhida foi a de realizar uma intervenção com um grupo de pessoas a ser selecionado.

Esta escolha foi tomada a partir da sugestão dada pela orientadora do trabalho, que apresentou esta ideia como uma nova metodologia aceita para os trabalhos de conclusão do Curso de Comunicação Social da Univates. A ideia de criar um produto para a análise posterior despertou muito interesse da autora, já que desde o início do curso teve interesse em audiovisuais.

A partir disso, o desafio, então, foi o de encontrar um grupo de pessoas disposto a produzir um documentário ambiental, que viria a se tornar matéria-prima para esta pesquisa.

Inicialmente, a ideia seria realizar uma intervenção educacional. Encontrou-se um grupo de pessoas inicialmente interessado em participar dessa experiência: adolescentes de um projeto social. Planejou-se abordar temas pertinentes aos participantes, como educação, audiovisual, documentário e trilha sonora. Posteriormente, os participantes teriam embasamento, conhecimento e equipamentos para produzir um documentário ambiental, com tema a ser escolhido por eles, e também criarem uma trilha sonora. Esse processo educacional e o produto realizado serviriam como objetos de estudo para este trabalho. No entanto, ao longo de alguns encontros, não foi mais possível dar continuidade com o grupo por falta de adesão.

Neste momento foram estudadas novas formas de dar sequência a este método de pesquisa. Para que esta ideia continuasse sendo viável, optou-se por entrar em contato com o grupo de pesquisa CEAMI da Univates, já citado anteriormente, coordenado pela orientadora deste trabalho Jane Mazzarino. Após apresentar a ideia ao grupo e receber um “sim” como resposta, discutiu-se em conjunto que temática poderia ser explorada neste audiovisual ambiental. Uma das

ideias foi a de abordar as vivências na natureza estudadas pelo CEAMI. Vivências na Natureza é um método desenvolvido por Joseph Cornell e divulgado no Brasil pelo Instituto Romã. O objetivo é proporcionar momentos de ligação com a natureza para crianças e adultos, por meio de atividades e oficinas sensoriais que: a) despertem entusiasmo, b) concentrem a atenção, c) provoquem experiência direta, d) compartilhem a inspiração.

A partir da definição de tema, decidiu-se o local onde o documentário seria gravado: o Jardim Botânico de Lajeado. Além disso, foi necessário criar um roteiro para o documentário, fazer a escolha das vivências e a estruturação de uma equipe, tanto para participar das vivências que seriam gravadas, quanto para auxiliar na parte técnica das gravações.

Para participar das vivências, o CEAMI sugeriu convidar outros bolsistas e estudantes da Univates. Assim, seis pessoas foram convidadas e quatro confirmaram efetivamente sua participação. Com isso definido, a pesquisadora, responsável por captar as imagens principais das vivências, e a publicitária Ana Paula Weber, que se disponibilizou a auxiliar na captação de imagens de apoio, participaram de algumas oficinas junto ao Lagunho da Univates, a fim de compreender melhor as brincadeiras e estipular de que forma se daria a captação de imagens e de sons no documentário.

Posteriormente foram definidas, entre pesquisadora, orientadora e equipe do CEAMI quais seriam as vivências realizadas no documentário e em que ordem elas seriam feitas. Como o tema do presente trabalho diz respeito à trilha sonora e à educomunicação, considerou-se interessante desenvolver atividades que explorassem sons e experiências com mediação de tecnologias da comunicação.

A partir desse momento, a pesquisadora considerou pertinente conversar com alguém que tivesse experiência e conhecimento em gravação e equipamentos. Portanto, conversou com o professor de Jornalismo da Univates, Leonel de Oliveira, explicando qual era a ideia e tirando algumas dúvidas sobre a abordagem do documentário. A partir dessa conversa, foi estabelecido pela pesquisadora que o documentário seria gravado com câmera na mão, criando uma abordagem mais livre

e espontânea de imagens, e com o microfone *boom*, a fim de alcançar uma captação adequada dos sons da natureza no dia de gravações.

Na sequência, buscou-se conhecer melhor o Jardim Botânico, onde se dariam as vivências. No dia 13 de março parte da equipe foi conhecer a estrutura do jardim e pensar como realizar as vivências no local. Depois de definidos os locais, as vivências, a equipe técnica e equipe participante, ficou estipulado que o dia da gravação seria no dia 18 de março de 2016.

Figura 7 – Registro das gravações no Jardim Botânico, no dia 18 de março de 2016



Fonte: Imagem registrada durante as gravações do documentário Sons que falam (SCHEIBE, 2016)

Figura 8 – Registro das gravações no Jardim Botânico, no dia 18 de março de 2016



Fonte: Imagem registrada durante as gravações do documentário Sons que falam (SCHEIBE, 2016)

As vivências escolhidas foram museu, trilha da surpresa desvirtuada e mapa dos sons. Os nomes são provenientes do próprio método, sendo que a segunda atividade foi adaptada para a trilha da surpresa desvirtuada, originalmente o nome seria apenas trilha da surpresa.

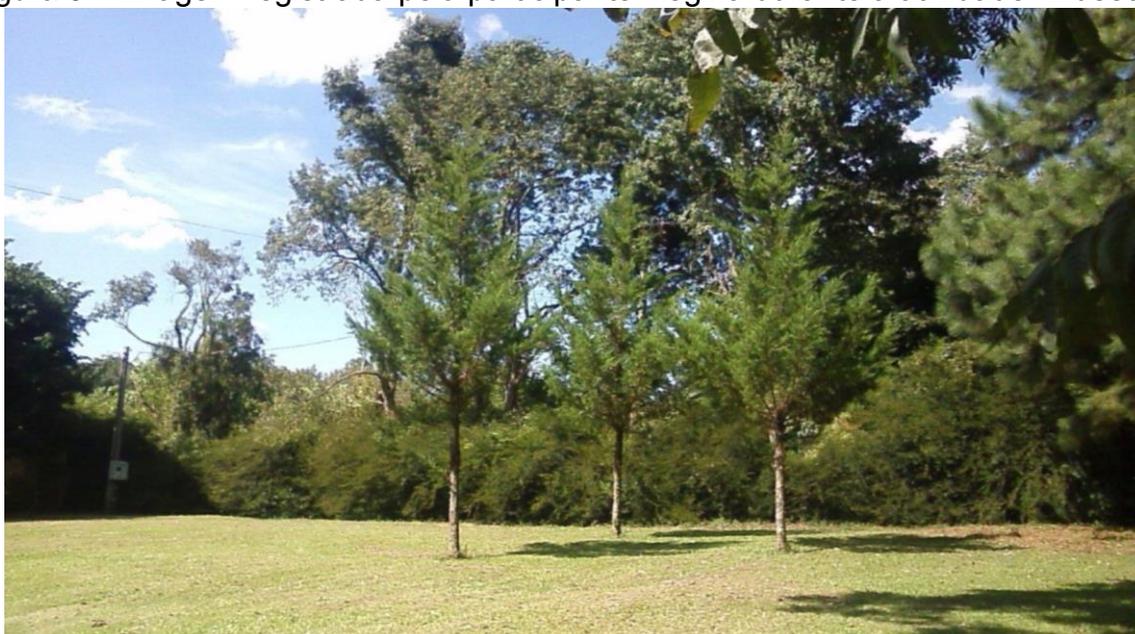
As atividades museu e mapa dos sons foram conduzidas pela bolsista Denise Scheibe, do CEAMI, que costuma realizar este trabalho dentro do projeto de pesquisa. Como o mapa dos sons explorava a criatividade auditiva dos participantes, optou-se por ser conduzida pela autora do trabalho, já que também seria responsável pela trilha sonora do documentário. Ambas as atividades – a experimentação dos participantes na trilha da surpresa desvirtuada e a experimentação nas melodias compostas pela autora para a trilha sonora – envolviam a criação de sons, por isso optou-se por essa condução diferenciada das demais vivências do documentário.

Museu foi o primeiro momento das vivências, onde se propôs aos estudantes integrar-se com a natureza, já que tratava-se de um ambiente e também de uma atividade nova. Além disso, os estudantes realizaram essas atividades durante a

gravação de um audiovisual, com o incômodo de estarem sendo filmados. A intenção dessa atividade era que eles observassem e registrassem cenas da natureza que os sensibilizassem, utilizando-se de seus smartphones.

Após isso, aconteceu o compartilhamento da experiência, quando cada um falou sobre suas percepções e registros. Para Regina, uma das cenas que chamou a atenção foram três árvores que estavam uma ao lado da outra e que tinham formatos e tamanhos muito parecidos. “Elas estão assim como se fossem um triângulo”, afirmou.

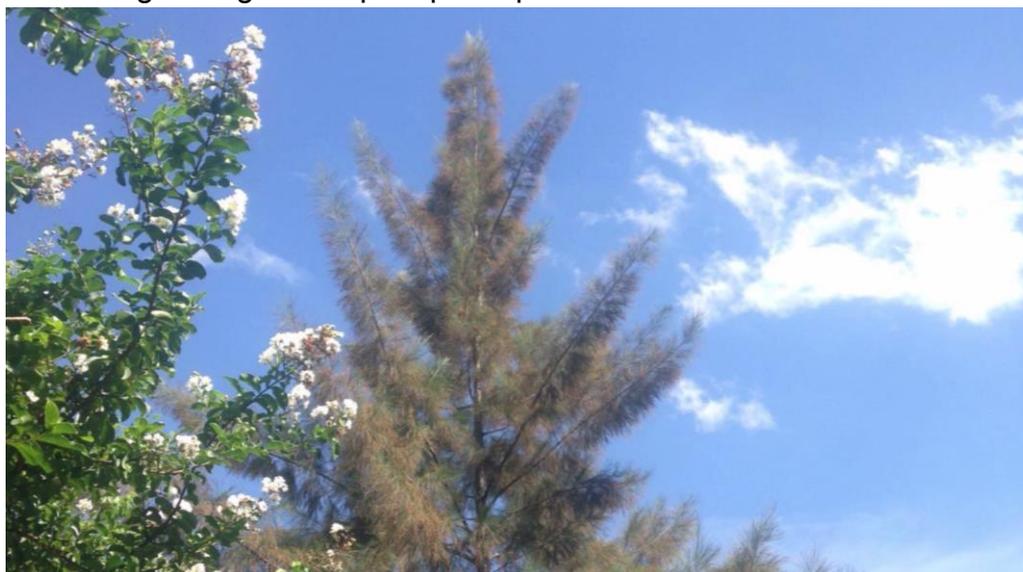
Figura 9 – Imagem registrada pela participante Regina durante a atividade “Museu”



Fonte: Imagem registrada na vivência “Museu” durante o documentário Sons que falam (JUNGLES, 2016)

Para Gustavo, o que se destacou na natureza foram as partes superiores das árvores. “Elas usam a energia do sol, a energia da luz para respirar, para trabalhar, para ter energia”, disse.

Figura 10 – Imagem registrada pelo participante Gustavo na atividade “Museu”



Fonte: Imagem registrada durante as gravações do documentário Sons que falam (SILVA, 2016)

Andressa fez o registro de plátanos com a luz do sol aparecendo nas folhas, porque gosta muito da planta. Depois registrou a cena de um quero-quero próximo ao lago, em que segundo ela, “parecia que ele estava olhando para o laguinho”.

Figura 11 – Imagem registrada por Andressa na atividade “Museu”



Fonte: Imagem registrada durante as gravações do documentário Sons que falam (FEDERISSI, 2016)

Sabrina registrou diversas cenas que lhe chamaram atenção, como a luz do sol nas folhas das árvores, flores e folhas.

Figura 12 – Imagem registrada por Sabrina na atividade “Museu”



Fonte: Imagem registrada durante as gravações do documentário “Sons que falam” (PETTER, 2016)

No momento seguinte, propôs-se uma caminhada em uma trilha com coleta de elementos da natureza. Os participantes precisavam reproduzir algum dos sons naturais que ouviram durante a trilha, utilizando-se de elementos encontrados. Essa foi a trilha da surpresa desvirtuada, já que desvirtuou a proposta da trilha da surpresa de Cornell, quando os participantes buscavam encontrar elementos na trilha que são já parte da natureza. A releitura deveu-se ao fato de que se queria explorar os sons nas vivências.

Nesta atividade, Regina tentou reproduzir o som da água, utilizando duas peças de madeira. Ao deslizar uma pela outra, as peças faziam um som que se aproximava ao som da água, muito presente no local. Gustavo reproduziu o som de pessoas caminhando em meio à natureza amassando folhas secas. Sabrina reproduziu o som do vento batendo nas árvores usando galhos de árvores secas, deslizando um no outro.

O som das plantas, quando se encostavam se assemelhavam a galhos quebrando. Este foi o som escolhido por Andressa, que o reproduziu ao quebrar pequenos galhos encontrados no chão.

Na terceira atividade, o mapa dos sons, os estudantes receberam uma folha de papel e uma caneta. Eles deviam prestar atenção a todos os sons que estavam presentes ao seu redor, localizando-os e mapeando-os no papel. A atividade permitiu que os participantes desenhasssem e anotassem da forma que considerassem mais adequada.

“Eu ouvia o som do vento batendo nas árvores em vários lugares: dos meus lados, atrás de mim e depois de um tempo na minha frente”, salientou Andressa, após o exercício. Ela também percebeu o som “forte”, segundo ela, de um cachorro latindo, de pessoas conversando ao longe e o “barulho” dos pássaros, de algumas cigarras, e dos galhos quando as plantas se tocavam.

Sabrina registrou o som de alguns insetos que passavam perto dela e o canto dos pássaros. “Vários pássaros diferentes, o bater das asas deles entre as árvores (...). O som da cigarra, o cachorro latindo, que acabou incomodando um pouco”, disse. Segundo ela, foi possível ouvir o som de passos nas folhas, de algumas pessoas se mexendo e o som da água. Gustavo registrou o som de cigarra a sua direita, de alguns pássaros e do cachorro. Regina anotou o som da água e dos pássaros. “Tinha uma mosca que ficava bem perto”, salientou. O vento nas árvores e os automóveis quando passavam pela rua também foram escutados.

Em síntese, durante a primeira atividade, “Museu,” os participantes foram despertados por cenas da natureza diferentes entre si, em que um foi tocado pela forma como as árvores respiram; o outro, por um momento específico, como um quero-quero em frente ao lago; o outro, pela disposição de três árvores e a última, por diversos aspectos da natureza, como os pequenos detalhes.

Na segunda atividade, na trilha da surpresa desvirtuada, também foi possível perceber que para cada um dos participantes, um som diferente despertou sua atenção: da água, de passos em meio à natureza, do vento ao tocar os galhos das árvores e do som de galhos quebrando ao serem tocados pelo vento.

Já no mapa dos sons, muitas das percepções foram as mesmas, já que a atividade solicitava que cada um observasse sons ao seu redor e todos os

participantes estavam inseridos no mesmo meio. O som da água, dos pássaros, de insetos, do vento nas árvores, do latido de um cachorro e das cigarras se repetiu no compartilhamento da atividade. No entanto, alguns dos sons chamaram a atenção de apenas alguns participantes, sendo eles: o som de carros passando na rua, citado por Regina, e o bater das asas dos pássaros, citado por Sabrina.

No compartilhamento final, Denise, a ministrante das oficinas, introduziu o diálogo explicando que este seria o momento em que cada um poderia narrar suas expectativas e o que lhe surpreendeu ou o decepcionou.

Figura 13 – Imagem do compartilhamento geral sobre as vivências



Fonte: Imagem registrada durante as gravações do documentário “Sons que falam”

Regina disse que poder interagir com a natureza, tocar, sentir, ouvir os sons e sensibilizar-se lhe marcou. Gustavo ressaltou que muitas vezes “a gente procura outro meio para relaxar e a natureza oferece isso e a gente acaba não usando”. Ele também salientou que pelo fato de estar muito no movimento, no meio urbano, “perde aquela coisa da terra, aquela coisa humana”. Sabrina afirmou que o ser humano não está mais conectado com o lugar onde vive, com a natureza em si e que em algum momento isso faz falta. Andressa disse que as atividades a fizeram retomar a sensibilidade, fazendo com que voltasse a ver a natureza em tudo que ela envolve.

De forma geral, os participantes destacaram que as vivências fizeram com que eles retomassem a sua sensibilidade. Regina também destacou que ouvir os sons possibilitou compartilhar tais informações. Gustavo salientou a atividade de reprodução dos sons naturais, que o fez descobrir “tudo que leva ao som, tudo que é preciso fazer pr’aquele som reproduzir”. Andressa complementou: “é até uma forma de se sentir inserido nesses sons e se sentir fazendo parte disso tudo”.

Para Regina, as vivências poderiam fazer com que, no futuro, ela prestasse mais atenção nos sons naturais de seu dia a dia. “Acho que a gente acaba dando mais valor e prestando mais atenção nisso”, disse. Para Gustavo, estar em contato com a natureza leva a um maior equilíbrio.

As vivências na natureza despertaram nos participantes reflexões, sensações e desafios. Reflexões por concluírem que estar em meio à natureza não é mais uma realidade do cotidiano, já que o ser humano, sob uma visão genérica, está inserido em ambientes mais urbanizados e construídos, carregados de paisagens visuais e sonoras próprias. Isso faz com que sons sutis como o do canto dos pássaros e do vento tocando os galhos de árvores, por exemplo, passem despercebidos. Além disso, os ambientes construídos não possuem a mesma quantidade de árvores que no espaço afastado do centro urbano, o que também desfavorece a presença dos sons da natureza no cotidiano.

Sensações, porque ouvir os sons da natureza, tocar a natureza, estar em contato, de fato, fez os participantes sentirem-se parte da natureza. Desafios, porque as vivências foram atividades novas para eles e fizeram com que exercitassem sentidos que não estavam acostumados de tal maneira, como a trilha da surpresa desvirtuada, em que foram desafiados a reproduzir um som natural com elementos naturais.

## **4.2 Educomunicação e o audiovisual ambiental: explorando os sons**

Neste capítulo é descrito o processo de construção do documentário ambiental “Sons que falam”, envolvendo imagens, sons e observações sobre as

entrevistas realizadas. Além de produzir um documentário por meio de um processo educacional, uma das principais intenções foi explorar a parte sonora, já que o objetivo geral deste trabalho é investigar o uso da trilha sonora em documentários ambientais e identificar de que forma ela desperta sentidos nos espectadores. Por isso, foram analisados três documentários ambientais e decidiu-se realizar um documentário explorando as sonoridades.

Com o incentivo de minha orientadora, decidi utilizar músicas próprias para compor parte da trilha do documentário. Inicialmente, a ideia era utilizar músicas já gravadas e compostas por mim, todas essencialmente instrumentais. Ao longo do caminho, percebi que essas melodias não seriam o suficiente.

No processo de edição do vídeo, muitas das músicas não transmitiam as mensagens que eu gostaria de passar, ou não encaixavam com as cenas, não se adequavam ao contexto das paisagens visuais que as acompanhariam. Assim, comecei um processo de criação de músicas, em que compus novas melodias no violão, no chocalho, no *ukulele* (instrumento semelhante ao cavaquinho, de origem havaiana) e na percussão.

Todas as melodias surgiram muito espontaneamente. Não houve um estudo de acordes ou de melodias matematicamente calculadas. Houve, apenas, a entrega em criar, em explorar a criatividade e deixar aflorar os ritmos que surgissem. Em um primeiro momento, gravei cinco melodias com o celular. Todas elas, ao ouvir depois de compor, pareciam ter uma conexão com o tema do documentário. Algumas eu já conseguia imaginar em quais momentos do documentário seriam usadas. Outras, porém, percebi apenas na edição que não funcionariam.

A partir daí, gravei as melodias, que entendi como adequadas, para que pudesse utilizá-las no vídeo. O processo de criação, como mencionei, foi caseiro. As primeiras versões foram gravadas com o meu celular, tanto em formato de áudio quanto de vídeo. No momento da gravação, ou gravação oficial, revi os métodos. Passei a utilizar uma instalação caseira, com microfones adequados, e contei com o suporte de meu namorado nos momentos de captação.

Após as gravações, passei a ouvir as melodias e levei-as novamente para os momentos de edição do documentário, realizados na Univates. Nessa etapa, pude perceber que as melodias, tocadas apenas com um violão, estavam muito crus, orgânicas, até mesmo apagadas diante das sonoridades do documentário. Assim, iniciei um processo de experimentação das melodias, onde inseri alguns efeitos a fim de torná-las mais destacadas e apropriadas para acompanhar o vídeo.

Posteriormente, levei as melodias novamente para a edição. Foi aí que percebi que elas haviam se encaixado no documentário. A utilização do eco em algumas melodias teve a intenção de transmitir uma ideia de continuidade para as cenas, onde as músicas, ao terminarem – geralmente junto com o término de uma cena -, se mesclavam com os sons daqueles ambientes ou com o *fade out* das imagens. A maioria das melodias aparece em momentos curtos do vídeo, geralmente em momentos de transição, com o objetivo de complementar as cenas e dar ritmo às imagens.

Apenas uma das músicas utilizadas no documentário havia sido gravada alguns meses, sendo esta uma melodia criada há bastante tempo por mim. Ela é reproduzida aos 17min29s e conta com instrumentos como chocalho, guitarra e violão. Essa música foi utilizada para acompanhar o depoimento de Sabrina, última participante a falar sobre as vivências. O objetivo foi proporcionar ao espectador um momento emotivo junto com a fala dela, que tratava sobre a importância de se sentir parte da natureza.

Assim como essa música, outras duas melodias já haviam sido compostas por mim ao longo dos últimos anos, porém nunca haviam sido gravadas com o intuito de divulgação. Para o documentário, regravei ambas. Uma delas é reproduzida aos 1min25s. Essa melodia foi adaptada para ser utilizada no vídeo, já que a versão original não havia encaixado do modo que gostaria. A outra melodia é reproduzida ao final do vídeo, junto aos créditos. Essa, por sua vez, manteve-se com a melodia original, porém acrescentei alguns efeitos para torná-la mais presente e destacada.

Com esta introdução, inicia a descrição do documentário “Sons que falam”.

Os primeiros segundos de vídeo são imagens da janela de um carro em movimento, que mostram a paisagem por onde se passa. Os sons que as acompanham são os sons naturais captados naquele momento pela câmera, como o do vento. As imagens passam como em *time-lapse*, um pouco mais aceleradas que sua velocidade natural, a fim de dinamizar o início do vídeo. Aos 23s, no entanto, inicia uma música instrumental em violão, que acompanha as demais imagens do trajeto, até chegar ao local onde serão realizadas as vivências. A música é composta por acordes e melodias que se repetem durante estes segundos.

Aos 1min5s, a música sai de cena e dá espaço para os sons naturais do momento em que os participantes das vivências entram no Jardim Botânico, conversando espontaneamente. A cena é composta por imagens que iniciam com *takes* do chão e sobem até passar pelos participantes. Neste momento a imagem é escurecida e entra o nome do documentário à direita, em uma fonte característica.

A partir de 1min11s, imagens de detalhes do jardim são acompanhadas por um novo ritmo musical, também tocado por um violão, dessa vez um som mais lento e sensível, que apenas acompanha o som de cada ambiente mostrado. Aos 1min18s, a imagem escurece para aparecer uma legenda introduzindo o documentário enquanto a música segue acompanhando as imagens. Aos 1min31s uma legenda explica a primeira atividade da qual os estudantes participam e logo depois, aos 1min36s, a música sai e dá espaço ao som ambiente.

Aos 1min49s iniciam os depoimentos dos participantes sobre a primeira atividade, em que tiveram que registrar cenas da natureza que os sensibilizassem. As imagens dos participantes, que estão agrupados como em uma roda de conversa, são intercaladas com as fotos registradas por eles, ilustrando os depoimentos dos participantes para o espectador. Esta cena transcorre até os 3min, quando eles saem do lugar onde estão e caminham em direção a um novo local dentro do Jardim Botânico.

Nestas cenas são priorizados os sons ambientes da caminhada. Aos 3min7s, ao se aproximarem de uma ponte que dará a entrada a uma trilha dentro do jardim, inicia uma nova música, também instrumental, com violão e acordes mais graves, e

outros efeitos sonoros, soando mais lentos no início e criando ritmo em seguida para acompanhar os sons ambientes e imagens como as de galhos em meio à trilha, da cachoeira, de uma aranha, de frutinhas de cor roxa, seguidos de novas imagens dos participantes caminhando pela trilha. Dessa vez, de um outro ângulo: a câmera está parada e os participantes passam por ela, sendo enquadrado apenas os pés dos estudantes. Ainda são mostradas imagens de outros detalhes, como plantas com espinhos e folhas.

A música sai, aos 1min47s, dando espaço ao som ambiente dos participantes caminhando pela trilha. Os sons que se destacam são os de passos em folhas secas, pássaros e eventuais conversas entre os participantes. O som ambiente segue sendo o destaque até os 4min39s, quando eu começo a ministrar a segunda atividade: a trilha da surpresa desvirtuada. Nos momentos seguintes, somente há o som ambiente no documentário e dos depoimentos dos participantes.

Aos 7min10s inicia nova música instrumental. São sons de violão com uma espécie de eco, que sinaliza uma nova transição do vídeo. A trilha musical acompanha algumas imagens de detalhes da natureza até iniciar a próxima etapa das vivências: o mapa dos sons. Aos 7min44s, a música dá espaço para que seja mostrada, tanto em som quanto em imagem, a próxima atividade. Nos próximos minutos é dada atenção total aos sons do ambiente, já que o mapa dos sons é a atividade em que os estudantes devem também prestar atenção aos sons ao seu redor. Nesse momento, é possível ouvir sons de pássaros, de passos, do vento nas árvores, de ruídos que parecem o movimento de carros, de um cachorro latindo, entre outros.

Essa transição de imagens e sons continua até iniciar o primeiro depoimento referente a essa oficina, aos 9min46s. Durante os depoimentos, somente os sons do ambiente acompanham as imagens. Como a intenção da atividade era de que os participantes percebessem os sons ao seu redor, no compartilhamento houve também a intenção de que somente os sons ambientes pudessem ser ouvidos enquanto os participantes relatavam suas experiências.

Aos 11min46s terminam os depoimentos e inicia uma nova música, também em violão e com alguns efeitos que lembram uma transição de frequência de rádio, como se a música estivesse comprimida e com um leve chiado. A intenção é causar uma sensação de nostalgia a quem assiste, já que as imagens mostram detalhes da natureza e a caminhada dos participantes até a cachoeira, onde tiveram um momento de integração para falar sobre todas as vivências realizadas naquela tarde. A música não só acompanha as imagens, mas ela pretende despertar um momento de passagem do vídeo e fazer com que o espectador reflita sobre viver na natureza. A música, a partir dos 11min57s, também é complementada pelos sons ambientes que fazem parte das cenas mostradas, seja de uma borboleta voando ou de passos no chão.

Aos 12min58s inicia o diálogo sobre as vivências, em que todos estão sentados no chão em meio à natureza. A música tem seu volume reduzido até que, aos 13min, desaparece completamente, deixando o destaque para os depoimentos e sons do ambiente, como o da água da cachoeira, que está presente durante toda cena. O depoimento de cada um dos participantes é ilustrado por imagens da gravação das vivências.

Uma nova música inicia apenas ao terminarem os depoimentos, aos 17min28s, já mostrando cenas da caminhada de volta dos participantes, ou seja, da saída deles da trilha. A música, desta vez, é composta por violão, chocalho e guitarra, com um ritmo fluido que acompanha as imagens. O objetivo é que a música marque mais um momento de transição do vídeo. Este instrumental tem um caráter mais energético que os demais utilizados ao longo do vídeo, tendo a intenção de dar mais ritmo às imagens. Aos 18min3s, a música desaparece para a entrada do primeiro depoimento sobre as vivências. Os sons do ambiente seguem até o último depoimento, quando nas últimas palavras de Sabrina a continuação da música anterior cresce de volume. A intenção da música neste momento é de emocionar o espectador junto ao que diz Sabrina: “Justamente com a vivência a gente tem a chance de reconectar e de nos aproximar mais do nosso mundo, da terra e de nos sentirmos mais como um, digamos, junto com a natureza”. A música está presente junto a outros sons do ambiente, como o da cachoeira, e segue até os 21min20s.

A partir daí aparecem em destaque os sons ambientes de diversas cenas que compunham a realidade do Jardim Botânico naquela tarde, além de destacar também os textos de apoio que entram sobre as imagens com informações adicionais sobre as vivências.

Aos 21min55s a música retorna devagar até atingir um volume mais alto que os sons ambientes que compõem as últimas imagens do documentário: dos passos dos participantes saindo do jardim. Aos 22min31s há um *fade* na imagem, deixando toda tela escura. Com este efeito, a música também desaparece. Em seguida iniciam os créditos, que são acompanhados por um breve trecho de uma nova música instrumental. Essa música dura apenas enquanto são mostrados os créditos, fazendo o fechamento do documentário. O instrumental é composto por violão e outros efeitos sonoros, como o eco. O elemento foi utilizado com a intenção de emprestar a sensação de continuidade ao espectador e transmitir uma mensagem de que o documentário termina, mas deixa uma reflexão a quem o assiste.

A utilização de sons naturais é presente no documentário todo, como o som do canto dos pássaros, de pessoas caminhando em uma trilha, do som do vento ao encostar na câmera, das vozes captadas, do som da cachoeira, entre outros. O objetivo da utilização destes sons foi de que o espectador se sentisse dentro do documentário, que pudesse ter muitas das percepções que tiveram os participantes. Mais do que isso, a intenção foi de que os espectadores fossem despertados pelos sons da natureza e de que refletissem sobre sua relação com o meio ambiente.

As músicas utilizadas foram instrumentais, compostas basicamente por violão e efeitos sonoros, como o eco e chiados. É possível perceber que uma delas também conta com o som de guitarra e chocalho. O caráter instrumental foi utilizado por ser considerado mais adequado ao contexto do vídeo, que retrata a sutileza dos sons natureza. As melodias também foram pensadas dessa forma, já que a ideia era de que as músicas acompanhassem as imagens e emprestassem sensações aos espectadores, mas não tinha a intenção de tirar a atenção de outros elementos considerados importantes para o vídeo.

As melodias, em geral, são utilizadas em momentos de transição do documentário, sinalizando etapas vivenciadas. As músicas acompanham imagens e, por vezes, são mescladas com os sons da natureza. Em alguns trechos, as músicas foram utilizadas para fazer acompanhamento a partes das vivências, como nos momentos em que os participantes caminham pela trilha.

### **4.3 A produção de sentidos diante do audiovisual “*Sons que falam*”**

Com o objetivo de compreender as percepções sonoras no documentário “Sons que falam”, realizamos dois grupos focais: o primeiro, com o grupo que participou das vivências registradas no vídeo, todos estudantes universitários; o segundo, com pessoas que tinham alguma ligação profissional com a música. Os participantes assistiram ao documentário sabendo apenas que se tratava de um documentário ambiental produzido para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora.

Após a seção, os participantes foram submetidos a algumas perguntas, a fim de que a autora pudesse colher informações acerca da trilha sonora em seu documentário. As perguntas são: 1) O que lhe chamou atenção no documentário?; 2) Quanto aos sons, gostaria que falasse um pouco mais sobre isso de forma geral; 3) Quais sensações foram despertadas?; 4) Que sentimentos você teve?; 5) Você foi despertado por memórias, lembranças, recordações? Quais?; 6) Você teve alguma reflexão?; 7) Você sentiu algum incômodo?; 8) O que o documentário despertou em você?; 9) Como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual que explore o tema ambiental? 10) Qual foi a sua percepção sobre a trilha sonora musical?.

Primeiramente apresentamos as respostas do grupo de estudantes que participou das vivências (Grupo 1). Mencionaram que o jogo de imagens chamou atenção no documentário, sendo que para uma delas foi considerado experimental e, dentro dessa esfera, foram mencionados os detalhes da natureza captados por meio do plano detalhe. Todos citaram os sons, principalmente os naturais, mas Gustavo referiu-se à “musicalidade” citando as melodias musicais presentes no documentário.

Quadro 1 – Respostas do Grupo 1, sobre o que chamou atenção no documentário

<b>Participante</b>	<b>O que chamou atenção</b>
Sabrina	Imagem experimental Sons naturais
Regina	Jogo de imagens usado quando compartilharam a atividade museu Sons naturais
Andressa	Sons naturais Imagens de detalhes da natureza, das “coisas mínimas”
Gustavo	Sutileza dos quadros (edição) Musicalidade

Fonte: Da autora (2016)

A segunda pergunta, específica sobre os sons, não foi realizada por ter sido respondida por todos os participantes na pergunta anterior.

Em relação às sensações que tiveram assistindo ao documentário, Sabrina ressaltou que sentiu a mesma calma que no momento das vivências. Regina salientou que olhar e escutar assim foi bem diferente. Para ela, assistir ao documentário trouxe uma percepção mais abrangente sobre os sons, já que pode perceber que “tem muito mais do que aquilo que a gente ouviu lá no dia”, explicou.

Do mesmo modo, Andressa disse: “(...) quando eu estava falando tinha o som da água, eu não tinha percebido”. Para Gustavo, o vídeo “mostrou bem aquilo que estava acontecendo no momento (...) aquele som de passarinho, aquela calmitude, aquele silêncio, com algumas coisas acontecendo em volta”.

Portanto, todos afirmaram ter recordado do dia das vivências e ter as mesmas sensações que tiveram experienciando as oficinas.

Quadro 2 – Respostas do Grupo 1 relativas às sensações

<b>Participante</b>	<b>Sensações</b>
Sabrina	Remeteu à calma e ao incômodo sentido com as vivências
Regina	Lembrança Percepção de sons que não havia ouvido durante as vivências
Andressa	Lembrança do dia Percepção de sons que não havia ouvido durante as vivências
Gustavo	Nostalgia Paz

Fonte: Da autora (2016)

Quanto aos sentimentos que tiveram ao assistir ao documentário, os participantes destacaram sentimentos como os de calma, paz e tranquilidade. Sabrina ressaltou que sentiu orgulho ao ver sua participação no documentário. Regina, por sua vez, relacionou sua participação nas vivências a um sentimento de alegria e felicidade. Também citou as músicas, afirmando terem se encaixado bem. Para Andressa, as músicas remeteram a um sentimento de alegria. Gustavo comparou o “Sons que falam” a programas de TV leves e relaxantes, a exemplo dos que tratam sobre viagens.

Quadro 3 – Respostas do Grupo 1 relativas aos sentimentos

<b>Participante</b>	<b>Sentimentos</b>
Sabrina	Calma Orgulho

Continua

## Conclusão

Regina	Tranquilidade Alegria Jogo com as músicas
Andressa	Paz Calmaria Músicas despertaram alegria
Gustavo	Relaxamento Calma

Fonte: Da autora (2016)

Quanto à pergunta relativa às memórias e lembranças pelas quais os participantes foram despertados, Sabrina citou a sua infância, por ter tido muito contato com a natureza naquela época. “Eu saía com meu irmão no meio da tarde e ia lá no meio do mato, e ia perto do rio e ficava lá brincando, então a memória volta”. Andressa lembrou as trilhas que fazia com os pais. Portanto, Sabrina e Andressa citaram a infância como uma das memórias despertadas ao assistir ao documentário, já que costumavam estar na natureza com familiares.

Gustavo também citou a infância, porém relacionando-a como uma fase em que se está mais em contato com a natureza do que em outras fases da vida. Afirmou que foi despertado por lembranças boas de estar em meio à natureza, principalmente em momentos em que não havia fala, referindo-se aos sons naturais presentes no documentário. Regina citou momentos em que esteve em contato com a natureza, porém sem relacioná-los à infância.

## Quadro 4 - Respostas do Grupo 1 relativas às memórias despertadas

Participante	Memórias
Sabrina	Infância

Continua

## Conclusão

Regina	Calor Momentos em contato com a natureza
Andressa	Infância
Gustavo	Infância Lembrança de como é bom sentir a natureza

Fonte: Da autora (2016)

De maneira geral, todos refletiram sobre a importância de estar em contato com a natureza e de prestar atenção ao que está ao seu redor. Regina disse que se propôs a exercitar isso com a volta à rotina, mas não o fez. Gustavo refletiu sobre a necessidade de “parar de pensar e apenas relaxar”.

## Quadro 5 - Respostas do Grupo 1 relativas às reflexões

<b>Participante</b>	<b>Reflexões</b>
Sabrina	Importância de estar perto da natureza.
Regina	Prestar atenção no meio ambiente.
Andressa	Prestar atenção no meio ambiente.
Gustavo	Sair do construído; Parar para pensar e relaxar em um lugar que é bruto.

Fonte: Da autora (2016)

Questionados se sentiram algum incômodo ao assistir ao documentário, Sabrina relatou que a sua imagem a incomodou, citando que a etiqueta de sua blusa apareceu no vídeo. Regina também considerou que o enfrentamento da própria imagem no vídeo foi o que mais incomodou, porém considerou interessante perceber o próprio comportamento e a forma como age. “Eu não percebi que eu tinha me arranhado tanto”, exclamou Andressa, trazendo uma resposta na mesma linha de Sabrina e Regina. Gustavo não sentiu incômodos.

Quadro 6 – Respostas do Grupo 1 relativas aos incômodos

<b>Participante</b>	<b>Incômodos</b>
Sabrina	Ver-se no vídeo
Regina	Ver-se no vídeo
Andressa	Ver-se no vídeo
Gustavo	Nenhum

Fonte: Da autora (2016)

A pergunta sobre o que o documentário despertou em cada um não foi realizada para Andressa, Sabrina e Regina por ter sido respondida nas questões anteriores. Já Gustavo respondeu que o documentário o fez refletir sobre a necessidade de sair do trabalho, da agitação e da rotina e relaxar.

Quadro 7 - Respostas do Grupo 1, sobre o que o documentário despertou em cada um

<b>Participante</b>	<b>O que despertou em você</b>
Sabrina	Pergunta respondida nas questões anteriores.
Regina	Pergunta respondida nas questões anteriores.
Andressa	Pergunta respondida nas questões anteriores.
Gustavo	Sair da rotina e relaxar

Fonte: Da autora (2016)

Todos consideraram que os sons foram bem explorados, citando exemplos como o jogo das músicas com as imagens, gerando um dinamismo no vídeo; o fato de usar imagens de apoio em momentos em que se pretendia dar destaque aos sons, e a presença dos sons naturais, como o da cachoeira, dos pássaros e das cigarras, citados por Andressa. Para Sabrina, “se colocaram imagens em momentos que se queria dar atenção para o som e não para as imagens”, disse. “Na hora (da

vivência) eu acho que eu não escutei tão bem quanto eu escutei assistindo ao documentário”, completou.

Quadro 8 – Respostas do Grupo 1, sobre como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual ambiental

<b>Participante</b>	<b>Como o som poderia ser melhor explorado</b>
Sabrina	Boa exploração dos sons no vídeo, com destaque para imagens de apoio quando se queria dar destaque aos sons.
Regina	Boa exploração dos sons no vídeo, com destaque para o jogo das músicas com as imagens.
Andressa	Boa exploração dos sons no vídeo, com destaque para os sons naturais.
Gustavo	Boa exploração dos sons no vídeo.

Fonte: Da autora (2016)

Para a décima e última pergunta sobre as percepções sobre a trilha sonora musical, Gustavo disse que a trilha musical combinou com o documentário, porque “ali não tinha nenhuma voz, era só o som do instrumento, assim como na natureza era só aquilo que ela trazia, não era nada provocada”.

Sabrina compreendeu que as músicas foram utilizadas em momentos em que se pretendia passar um sentimento. Regina, por sua vez, relacionou o uso das músicas com uma forma de descontrair e de fazer a interação com as imagens. A percepção de Andressa foi de que a trilha musical fazia com que o espectador prestasse mais atenção em sons naturais, servindo de contraponto.

Quadro 9 – Respostas do Grupo 1 relativas às percepções sobre a trilha musical do documentário

<b>Participante</b>	<b>Percepções sobre a trilha musical</b>
---------------------	--

Continua

## Conclusão

Sabrina	Adequada; Utilizada nos momentos certos, em que se queria transmitir um sentimento.
Regina	Descontração do vídeo e interação com as imagens.
Andressa	Ajudou a prestar mais atenção em sons naturais e minuciosos, como os da cachoeira e da cigarra.
Gustavo	Combinou com o documentário por serem instrumentais.  Remeteu a retiros e momentos que trouxeram sensações semelhantes às que ele sentiu nas vivências.

Fonte: Da autora (2016)

Para o grupo de pessoas ligadas à música foram feitas as mesmas perguntas, na mesma ordem. Neste caso não identificaremos os participantes com seus nomes reais, mas sim por nomes fictícios.

O que chamou a atenção deste grupo foi o fato de que a percepção auditiva foi a forma utilizada no documentário para mostrar uma interação com a natureza. A partir disso, houve reflexões diversas a respeito do tema, como o que foi citado por Antônio, que afirmou que pessoas que exercitam a escuta da natureza têm uma sensibilidade maior. Ao encontro disso, Sílvio complementou dizendo que a continuidade da escuta aumenta a sensibilidade. Segundo ele, quanto mais tempo em meio à natureza, mais sons a pessoa ouviria. Paulo, por sua vez, identificou que a percepção das pessoas ia aumentando a cada vivência e que a própria percepção, como espectador, também foi aumentando conforme o vídeo ia passando. Mateus destacou o fato de que o som fez com que os participantes buscassem uma conexão maior com a natureza. Já Cláudia lembrou a diferença de percepção e interpretação dos sons de cada participante das vivências.

Quadro 10 – Respostas do Grupo 2, sobre o que chamou atenção no documentário

<b>Participante</b>	<b>O que chamou atenção no documentário</b>
Antônio	Interage-se com o mundo pela percepção auditiva.
Sílvio	Continuidade da prática aumenta sensibilidade com a escuta.
Paulo	Percepção de que as pessoas estão habituadas aos sons de ambientes construídos;  Percepção dos participantes ia aumentando a cada vivência assim como a sua, como espectador, conforme o vídeo ia passando;  Percepção de que os sons da cidade penetram na natureza, assim como os sons da natureza penetram na cidade.
Mateus	O som forçou os participantes a buscarem uma conexão maior, as pessoas se isolam com fones de ouvido, o meio urbano forma uma enorme paisagem sonora.
Cláudia	Os sons da natureza são percebidos de modo diferente pelos participantes.

Fonte: Da autora (2016)

Quando solicitou-se que falassem sobre os sons do documentário, Antônio entendeu que houve uma busca no documentário em mostrar o som primitivo o qual, segundo ele, está no imaginário do inconsciente coletivo. Citou a primeira cena, que mostrava o trajeto feito para chegar ao Jardim Botânico, e que captou o som do vento ao tocar a câmera, que estava sobre a janela do carro em movimento. Para ele, esse som também conecta com a natureza e com o áudio primitivo. Destacou o uso da trilha musical, descrevendo-a como acústica e com violão.

Sílvio considerou a trilha musical “um pouco alta”, o que para ele deveu-se ao fato das músicas terem sido inseridas em um ambiente diferente de onde foi gravado o documentário. Ressaltou que os sons naturais foram bem captados, assim como o das pessoas caminhando. Para ele, os sons da cachoeira pareciam os da realidade.

Paulo elogiou a captação e citou os sons dos galhos e da “água correndo” a todo instante.

Mateus gostou da trilha musical, embora também tenha considerado que ficou um pouco alta, e destacou a captação dos sons que, segundo ele, ficou muito boa, inclusive das falas dos participantes. Cláudia afirmou: “na verdade, eu nem precisava prestar muita atenção nas pessoas, era o som que chamava”, disse, acrescentando que nem precisaria assistir às imagens por conseguir compreender o andamento do documentário somente pelos sons e pela trilha musical que acompanhava as imagens. Também fez uma reflexão sobre como atualmente tudo é imagem e o som é trazido apenas como um artifício, o que no documentário “Sons que falam” é o contrário. Portanto, quanto às percepções dos sons no documentário, de forma geral, foi citada a qualidade da captação dos sons naturais e humanos.

Quadro 11 – Respostas do Grupo 2 relativas aos sons do documentário

<b>Participante</b>	<b>Sobre os sons</b>
Antônio	Destaque aos sons primitivos; Trilha musical acústica.
Sílvio	Sons naturais bem captados; Trilha musical com volume alto.
Paulo	Sons naturais bem captados.
Mateus	Gostou da trilha musical; Trilha musical com volume alto; Sons naturais bem captados.
Cláudia	Som como personagem principal; Som guiou o documentário; Imagem em segundo plano.

Fonte: Da autora (2016)

Sobre as sensações despertadas pelo audiovisual, foram citadas sensações de nostalgia, conforto, paz e tranquilidade ao assistir ao documentário. Paulo mencionou lembranças de momentos em que vivenciou a natureza com amigos e grupo de escoteiro. Antônio e Cláudia relataram experiências pessoais relativas a aprender a ouvir o silêncio. Sobre isso, Mateus acrescentou que muitas pessoas não querem ouvir o silêncio, porque o silêncio incomoda, faz refletir. Sílvio trouxe outra reflexão, afirmando que hoje em dia as pessoas buscam contato com a natureza e que entendem que isso faz falta. Segundo ele, sentir a natureza é o ponto de equilíbrio.

Quadro 12 – Respostas do Grupo 2 relativas às sensações

<b>Participante</b>	<b>Sensações</b>
Antônio	Sensação agradável, paz, tranquilidade; Estado ancestral; Valorização do silêncio.
Sílvio	Nostalgia; Sentir a natureza como ponto de equilíbrio; Percebe necessidade das pessoas de estar em contato com a natureza.
Paulo	Rememorou experiências parecidas; “Lembra coisas boas”; Sente falta do contato com a natureza.
Mateus	Conforto; Refletiu sobre o silêncio como incômodo para muitas pessoas.
Cláudia	Valorização do silêncio.

Fonte: Da autora (2016)

As perguntas 4 e 5, relativas aos sentimentos e às memórias respectivamente, não foram realizadas por entendermos que haviam sido respondidas nas questões anteriores.

Em relação às reflexões que o audiovisual despertou, Antônio falou sobre a empatia que sentiu ao ver as vivências através do documentário. Para ele, “o ambiente natural em si é harmonizado”. Para ele, no meio urbano falta esta sensibilidade e, muitas vezes, as pessoas não percebem quando um som está passando do limite do volume. Paulo e Mateus concordaram. Sílvio e Cláudia não responderam a questão.

Quadro 13 – Respostas do Grupo 2 relativa às reflexões

<b>Participante</b>	<b>Reflexões</b>
Antônio	Ambiente natural é harmonizado; Falta de sensibilidade para com os sons altos no meio urbano.
Sílvio	Continuidade da prática aumenta sensibilidade com a escuta; Percebe necessidade das pessoas de estar em contato com a natureza.
Paulo	Falta de sensibilidade para com os sons altos no meio urbano;
Mateus	Falta de sensibilidade para com os sons altos no meio urbano;
Cláudia	Os sons da natureza são percebidos de modo diferente pelos participantes; Valorização do silêncio.

Fonte: Da autora (2016)

Sobre possíveis incômodos causados com o audiovisual, dois respondentes falaram sobre o volume da trilha musical, enquanto outros dois não consideraram isso um incômodo. Ainda outros dois pensaram que no mapa dos sons os participantes iriam desenhar os sons ao seu redor. Um deles considerou a percepção dos participantes nas vivências um “tanto óbvia”.

Quadro 14 – Respostas do Grupo 2 relativas aos incômodos

<b>Participante</b>	<b>Reflexões</b>
Antônio	Trilha musical alta; Obviedade na percepção dos participantes.
Sílvio	Trilha musical alta; Pensou que no mapa dos sons os participantes iriam desenhar.
Paulo	Não considerou incômoda a trilha musical.
Mateus	Pensou que no mapa dos sons os participantes iriam desenhar.
Cláudia	Houve diferença entre volume de sons naturais e trilha, porém não considerou incômodo.

Fonte: Da autora (2016)

A pergunta 8 “O que o documentário despertou em você?” não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.

Questionados sobre como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual ambiental, consideraram que os sons foram bem explorados como um audiovisual ambiental deve fazer. Também foi citado que aproximar as pessoas da natureza é uma forma adequada de falar sobre o tema. Foi sugerida uma vivência em que os participantes não pudessem ver onde estavam, a fim de trazer percepções mais surpreendentes por parte deles. Foi questionado se haveria alguma forma de trazer estas percepções de forma não induzida.

Quadro 15 – Respostas do Grupo 2, sobre como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual ambiental

Participante	Como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual ambiental?
Antônio	Muitas possibilidades de temas; Vivência com venda nos olhos;
Sílvio	Som foi bem explorado.
Paulo	Som foi bem explorado.
Mateus	Questionou se haveria uma forma de fazer a experiência de forma não induzida.
Cláudia	Não respondeu a pergunta.

Fonte: Da autora (2016)

Para a última pergunta, sobre as percepções relativas ao uso da trilha musical, Antônio considerou que, por ser composta de forma acústica ficou bem relacionada. Além disso, acrescentou que ela sinalizava as partes do documentário, como “janelas”, com o que Sílvio concordou. Sílvio referiu-se à trilha musical como função divisora. Para Mateus, a trilha musical soou leve, fluente com a linguagem geral do audiovisual.

Cláudia, por sua vez, colocou que a trilha musical faz um contraponto, explicando que no documentário existia um som mais ambiente, mais rústico, relativo aos sons da natureza, e um som mais estéreo, relativo ao som das músicas. “Os sons que estão ali no lugar e um som que foi gravado e estudado e arranjado e construído”. De forma geral, todos consideraram que a trilha musical sinalizou as etapas do documentário de modo adequado, complementando-se ou contrapondo-se de modo fluido.

Quadro 16 – Respostas do Grupo 2 relativas às percepções da trilha musical no documentário

Participante	Quais são suas percepções sobre a trilha musical do documentário?
Antônio	Tem tudo a ver; Combinou; Acústica e bem relacionada; Sinaliza as partes do documentário; Janelas; Bem aplicada.
Sívio	Janelas.
Paulo	Divisor.
Mateus	Soou leve; Fluente com a linguagem pedida.
Cláudia	Janelas; Adequada; Contraponto: sons naturais (natureza) e construídos (músicas).

Fonte: Da autora (2016)

Tendo-se realizado uma análise individual por grupo, no Quadro 17 são reproduzidas as sínteses das respostas de modo a compará-las.

Quadro 17 – Comparação entre as respostas da questão 1 dos grupos 1 e 2

Questão	Grupo que vivenciou (Grupo 1)	Grupo ligado à música (Grupo 2)
1) O que chamou atenção no documentário:	Imagem experimental; Sons naturais; Imagens de detalhes da natureza; Sutileza dos quadros (edição); Musicalidade.	Interação com o mundo pela percepção auditiva; Percepção de que as pessoas estão mais habituadas a sons construídos; Percepção dos participantes e espectadores aumenta ao longo das vivências e do documentário; Percepção de que os sons da cidade penetram na natureza e vice-versa; Som forçou os participantes a buscarem uma conexão maior; Diferentes percepções entre os participantes sobre os sons da natureza.

Fonte: Da autora (2016)

Para a primeira pergunta, referente ao que chamou atenção no documentário, as respostas dos grupos se diferenciaram. O Grupo 1 destacou que o que chamou atenção foram, principalmente, os sons naturais do documentário. Também foram citadas as imagens de detalhes, edição dos quadros, a musicalidade e a imagem experimental. Já para o Grupo 2 o que chamou a atenção foi o fato de que a percepção auditiva foi utilizada como uma forma de interagir com o mundo. Além disso, por meio do documentário, os respondentes perceberam como a percepção pode ser diferente entre as pessoas, e que ao longo das vivências e do documentário, tanto os participantes quanto os espectadores têm sua percepção aumentada. Também foi ressaltado o fato de que no documentário o som forçou os participantes a buscarem uma conexão maior com a natureza.

Quadro 18 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
2) Quanto aos sons, gostaria que falasse um pouco mais sobre isso	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida na questão anterior.	Destaque aos sons primitivos; Trilha musical acústica; Trilha musical com volume alto; Som como personagem principal; Som guiou o documentário; Imagem em segundo plano.

Fonte: Da autora (2016)

A segunda pergunta, relativa aos sons do documentário, já havia sido respondida por todos os participantes do Grupo 1, que destacaram os sons naturais e a musicalidade do vídeo. O mesmo foi citado pelo Grupo 2, quando se referiu ao uso de sons naturais como sons primitivos e identificaram a trilha musical como acústica. Também sentiram que a trilha musical ficou com um volume alto em relação ao contexto do documentário. Além disso, para o Grupo 2, o som foi o personagem principal, guiou o documentário, deixando a imagem em segundo plano, ideia que pode ser relacionada à percepção do Grupo 1 de que a imagem caracterizou-se como experimental.

Quadro 19 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
3) Sensações	Calma; Lembrança do dia; Percepção de sons que não havia ouvido nas vivências; Nostalgia; Paz.	Sensação agradável; Paz; Tranquilidade; Remete a um estado ancestral; Valorização do silêncio;

Continua

## Conclusão

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
3) Sensações		Nostalgia; Natureza como ponto de equilíbrio; Necessidade de estar em contato com a natureza; Lembra coisas boas; Conforto.

Fonte: Da autora (2016)

Quanto às sensações, obtiveram-se respostas similares de ambos os grupos, como paz e nostalgia. O Grupo 1 citou ainda que foi despertado por lembranças do dia em que foram realizadas as vivências, por sons que não haviam ouvido durante as vivências e por uma sensação de calma. O Grupo 2 destacou que teve sensações agradáveis, de conforto e de tranquilidade, o que vai ao encontro da sensação de calma citada pelo Grupo 1. Também foram observadas pelo Grupo 2 as sensações ancestrais de estar em meio à natureza, considerada um ponto de equilíbrio, uma necessidade que provoca a valorização do silêncio e a lembrança de coisas boas.

## Quadro 20 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
4) Sentimentos	Calma; Orgulho; Tranquilidade; Alegria; Paz; Músicas despertaram alegria; Relaxamento	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.

Fonte: Da autora (2016)

Quanto à pergunta nº 4, referente aos sentimentos, o Grupo 1 ressaltou sentimentos que foram ao encontro das sensações que tiveram: calma, tranquilidade, paz e relaxamento, além de mencionar que as músicas despertaram um sentimento de alegria. Além disso, sentiram orgulho de participar do documentário. Os sentimentos do Grupo 2 aproximaram-se aos citados pelo Grupo 1, como tranquilidade e paz.

Quadro 21 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
5) Memórias e lembranças	Infância; Calor; Momentos em contato com a natureza; Como é bom sentir a natureza.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.

Fonte: Da autora (2016)

A quinta pergunta, relativa às memórias e lembranças, não foi realizada para o Grupo 2 pois este já havia mencionado lembranças nas perguntas anteriores. O Grupo 1 trouxe lembranças da infância, de momentos vivenciados em contato com a natureza e de como é bom sentir a natureza. Uma das participantes também mencionou que recordou do calor que fazia na tarde em que foi gravado o documentário. O Grupo 2 havia falado sobre lembranças boas e também de momentos vivenciados na natureza.

Quadro 22 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
6) Reflexões	Importância de estar perto da natureza; Prestar atenção no meio ambiente;	Ambiente natural é harmonizado; Falta de sensibilidade no meio urbano.

Continua

## Conclusão

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
6) Reflexões	Sair do construído;  Parar para pensar e relaxar em lugar que é bruto.	

Fonte: Da autora (2016)

A sexta pergunta dizia respeito às reflexões que os grupos tiveram assistindo ao documentário. Para o Grupo 1, as reflexões giraram em torno da percepção de estar perto da natureza, de prestar atenção no meio ambiente em que se está inserido e de sair do ambiente construído e relaxar em um ambiente bruto. O Grupo 2 percebeu que o ambiente natural já é harmonizado, referindo-se também à ideia de que o ambiente natural é bruto, conforme citado pelo Grupo 1, e que há falta de sensibilidade no meio urbano no que diz respeito aos sons.

## Quadro 23 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
7) Incômodos	Ver-se no vídeo;  Nenhum.	Trilha musical alta;  Percepção dos participantes foi um tanto óbvia;  Pensou que no mapa dos sons os participantes iriam desenhar;  Houve diferença nos sons, porém não foi incômodo;  Não considerou incômodo o volume da trilha.

Fonte: Da autora (2016)

Sobre os incômodos, o Grupo 1 teve duas respostas: a maioria considerou incômodo se ver no vídeo, enquanto um deles não sentiu incômodo algum. Para o Grupo 2, os incômodos tiveram relação com a percepção dos participantes das vivências, consideradas um tanto óbvias, e pela expectativa de que no mapa dos sons os participantes iriam registrar as sonoridades em desenho. Também citaram o

volume da trilha musical, considerado por alguns como alto em relação ao contexto, apesar de que dois participantes deste grupo não tiveram esta sensação, mas sim que havia diferenças nos tipos de sons usados.

Quadro 24 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
8) O que o documentário despertou	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.

Fonte: Da autora (2016)

A pergunta sobre o que o documentário despertou não foi realizada para ambos os grupos por já ter sido respondida nas questões anteriores. Apenas um dos participantes do Grupo 1 mencionou novamente que o documentário despertou a percepção da necessidade de sair da agitação e relaxar.

Quadro 25 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

<b>Questão</b>	<b>Grupo que vivenciou (Grupo 1)</b>	<b>Grupo ligado à música (Grupo 2)</b>
9) Como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual ambiental	Boa exploração dos sons no vídeo, com destaque para imagens de apoio quando se queria dar destaque aos sons;  Boa exploração dos sons no vídeo, com destaque para o jogo das músicas com as imagens;  Boa exploração dos sons no vídeo, com destaque para os sons naturais;	Muitas possibilidades de temas;  Vivência com venda nos olhos;  Boa exploração dos sons;  Questionamento de se haveria uma forma de fazer a experiência de forma não induzida.

Fonte: Da autora (2016)

Em relação à pergunta nº 9, relativa a como o som poderia ser melhor explorado em um audiovisual ambiental, ambos os grupos concordaram que os sons foram bem explorados. O Grupo 1 considerou interessante o jogo das músicas com as imagens e os sons naturais. O Grupo 2 acrescentou que existem muitas possibilidades de temas a serem trabalhados neste contexto e sugeriu uma vivência

com venda nos olhos dos participantes. Além disso, questionaram se haveria uma forma de trabalhar a audição de forma não induzida. No entanto, nenhum dos grupos sugeriu melhorias relativas aos sons, e sim na forma de abordagem de temas e relativos às vivências.

Quadro 26 – Comparação entre respostas dos grupos 1 e 2

Questão	Grupo que vivenciou (Grupo 1)	Grupo ligado à música (Grupo 2)
10) Percepções sobre a trilha sonora musical	<p>Adequada;</p> <p>Utilizada nos momentos certos, em que se queria transmitir um sentimento;</p> <p>Trouxeram descontração ao vídeo na interação com as imagens;</p> <p>Ajudou a prestar mais atenção em sons naturais e minuciosos, como os da cachoeira e da cigarra;</p> <p>Remeteu a retiros e momentos que trouxeram sensações semelhantes às que ele sentiu nas vivências.</p>	<p>Tem tudo a ver;</p> <p>Combinou;</p> <p>Acústica e bem relacionada;</p> <p>Sinaliza as partes do documentário;</p> <p>Janelas;</p> <p>Divisor;</p> <p>Bem aplicada;</p> <p>Soou leve;</p> <p>Fluente com a linguagem pedida;</p> <p>Contraponto: sons naturais (natureza) e construídos (músicas).</p>

Fonte: Da autora (2016)

Quanto às percepções sobre a trilha sonora musical, houve respostas similares em ambos os grupos: trilha musical adequada, bem aplicada, combinada e fluente com a linguagem pedida; acústica e bem relacionada com o tema. Para o Grupo 1, as músicas transmitiam sentimento de alegria e descontração ao vídeo. Foi considerado que a trilha foi utilizada nos momentos certos, quando se queria transmitir um sentimento específico. Também foi mencionado pelo Grupo 1 que as músicas ajudaram os espectadores a prestarem mais atenção nos sons naturais, remetendo a momentos e sensações que se têm ao estar em meio à natureza. O Grupo 2, por sua vez, interpretou as músicas como divisoras e sinalizadoras de partes do documentário, servindo como janelas, o que foi uma das intenções da autora. Um dos espectadores do Grupo 2 considerou que as músicas soaram leves,

enquanto outro as interpretou como um contraponto aos demais sons: de um lado, os sons naturais (natureza); de outro, um som construído (músicas).

Sintetizando todas as respostas de ambos os grupos, foi possível identificar encontros entre as percepções a respeito do que lhes chamou atenção no documentário, dos sons naturais, das sensações, dos sentimentos, das memórias, da exploração dos sons em um audiovisual ambiental e da trilha sonora musical. Apenas a pergunta relativa aos incômodos teve respostas distintas de ambos os grupos, já que o Grupo 1 teve incômodos relativos à sua imagem no vídeo, como protagonistas da trama, e o Grupo 2 sentiu incômodos relacionados à parte técnica do documentário e também às vivências e às percepções dos integrantes do vídeo.

A ideia de trazer um grupo de pessoas que tivessem alguma ligação com a música veio da hipótese de que essas têm uma percepção auditiva mais sensível e apurada, por isso, quisemos fazer esta comparação com o Grupo 1, formado por pessoas leigas. O objetivo dessa estratégia foi averiguar como a recepção dos sons se daria nesses dois grupos de formações pessoais diferentes.

As percepções, em geral, tiveram muitos encontros relativos aos itens mencionados anteriormente. No entanto, percebeu-se que o Grupo 1 dedicou maior atenção à sua própria participação no vídeo ao enfrentar sua própria imagem no vídeo, ouvir sua voz, perceber seus movimentos e até mesmo perceber detalhes de suas vestimentas.

O Grupo 2, por assistir ao vídeo pela primeira vez apenas sabendo de que se tratava de um documentário ambiental, teve percepções diferentes. Por exemplo, houve uma crítica à análise dos participantes das vivências sobre as vivências, sobre como se referiam a alguns sons e sobre as conclusões a que chegaram durante as atividades. Também, ao falar sobre os sons, o Grupo 2 mostrou-se mais reflexivo, colocando em pauta análises relativas ao uso dos sons na sociedade moderna. Foram mencionados o uso de carros de som e o uso de sons em lojas, por exemplo, como forma de atrair público.

Além disso, o Grupo 2 fez também uma análise ao próprio comportamento humano atual, como o fato de muitas pessoas terem o desejo de se isolar cada vez mais em seu próprio universo - usando fones de ouvido, por exemplo. Ao mesmo tempo, foi citado o fato de muitas pessoas buscarem uma maior aproximação da natureza, a fim de se afastarem das sonoridades e da aceleração de suas cidades. Também foi citado o medo que muitas pessoas têm de enfrentar o silêncio, visto pelo Grupo 2 como algo necessário e natural.

#### **4.4 Cruzamentos sonoros educomunicativos ambientais**

Neste capítulo abordam-se os cruzamentos sobre o estudo dos sons neste trabalho, envolvendo os processos educomunicativos realizados para a criação do documentário “Sons que falam”, o estudo bibliográfico e a análise dos documentários ambientais “O veneno está na mesa”, “A Lei da Água” e “Ilha das flores”.

Gestos e ruídos, danças e desenhos são representações carregadas de signos que transmitem significados (SANTAELLA, 1983). Para Joly (2007), que se apoia na teoria Peirciana, se pode ver, saborear, tocar, cheirar e ouvir um signo. Neste caso, o som transmitido para a atmosfera através de uma vibração, é captado pelo ouvido do ser humano para o cérebro interpretá-lo, configurando sentidos (WISNIK, 1989).

Portanto, a trilha sonora de um audiovisual, seja ela composta por silêncio, ruídos, músicas, efeitos sonoros, sons ambientes, presença ou ausência de narrador, gera significados e impacta os espectadores. Nos documentários isso não é diferente, embora se trate de um formato que não é fictício. Nos documentários ambientais analisados a fim de investigar os usos da trilha sonora foi possível identificar o uso de diversos sons.

Nos três documentários foram apresentados aspectos que se repetiram, como o fato de terem se utilizado de músicas essencialmente instrumentais, muitas delas reproduzindo ritmos e características relacionados às regiões onde se passava o documentário. Além disso, os três documentários se utilizaram de sons ambientes,

como em momentos de depoimentos, em cenas da natureza e em cenas em ambientes construídos. Também foi possível identificar a trilha musical como sinalizadora das partes dos três documentários e a presença de narração em dois deles.

Ao analisar os documentários ambientais citados anteriormente, foi possível compreender como a trilha sonora é utilizada. Identificamos que os sons e ritmos muitas vezes caracterizam a localidade que está sendo mostrada na imagem; os sons mais graves e agressivos, como os de um baixo, de um bumbo ou de uma guitarra distorcida, geralmente estão associados a temas críticos; os sons mais suaves, como os compostos por violão e instrumentos de cordas no geral, são usados como acompanhamento de depoimentos ou narração; os sons ambientes ganham evidência quando são mostradas imagens da natureza, os sons muitas vezes são utilizados como divisores de temas, em momentos de transição dos documentários.

Como o objetivo do documentário “Sons que falam” era abordar vivências na natureza relacionadas à percepção auditiva dos participantes, a captação dos sons no dia da gravação foi a etapa mais importante, pois se pretendia transmitir os mesmos sons que os participantes estavam ouvindo durante as gravações no documentário, fazendo com que os espectadores pudessem ter as mesmas sensações dos participantes das vivências. Um dos papéis do cineasta é o de aproximar os espectadores do vídeo, diz McLuhan (1964), e esta foi uma das estratégias utilizadas para alcançar isso.

O produto final apresentou características semelhantes aos documentários analisados no que se refere ao uso de sons ambientes, naturais e musicais, pelo uso de músicas essencialmente instrumentais e pelo destaque aos sons da natureza. Pode-se dizer que há uma diferença no aspecto das músicas, já que em “Sons que falam”, as canções são basicamente compostas por violão. Em algumas delas, há o som de chocalhos e guitarras, além de alguns efeitos sonoros, como o eco.

Já os documentários analisados trazem músicas com outros instrumentos e sons mais graves com mais frequência, como baixos, bumbo de bateria e guitarras

com distorção. Pode-se associar a isso o fato de que “O veneno está na mesa”, “A Lei da Água” e “Ilha das flores” abordam temas críticos, como o uso de agrotóxicos nos alimentos brasileiros, o Código Florestal Brasileiro e os embates decorrentes, e a desigualdade social, respectivamente. Por isso, justifica-se o uso desse tipo de sons em alguns momentos específicos.

Ao colocar o documentário “Sons que falam” para exibição a dois grupos focais, foi possível identificar outra semelhança com os demais documentários analisados: o fato de as músicas sinalizarem os quadros do vídeo, servindo como “janelas” e dividindo etapas das vivências mostradas. Nos demais documentários também é possível perceber isso, principalmente em “O veneno está na mesa”, que sinaliza não só com músicas, mas também com imagens que demonstram que um novo tema ou uma nova abordagem do tema está por vir.

Ainda sobre os grupos focais, vale salientar que o grupo de pessoas ligadas à música fez reflexões mais contundentes sobre o som. Segundo um dos respondentes, os participantes do vídeo fizeram uma análise do som, e eles, como espectadores, fizeram a análise também da percepção auditiva daqueles que participaram.

Este processo foi considerado educ comunicativo, porque por meio da exibição deste documentário ambiental, as pessoas puderam refletir sobre diversos aspectos, citando desde o uso dos sons em documentários ambientais, o uso dos sons na sociedade, no meio urbano, as formas como os sons da natureza penetram na cidade e os da cidade penetram na natureza. Enfim, discussões que caracterizam um processo crítico e reflexivo, como são as práticas educ comunicativas.

O grupo de participantes das vivências refletiu basicamente sobre a importância de estar em meio à natureza, de prestar atenção ao meio ambiente ao seu redor, aos detalhes, aos animais e às plantas.

As vivências despertaram aos participantes sua percepção auditiva, fazendo com que novos sons pudessem ser percebidos por eles. A vivência da trilha da surpresa desvirtuada fez com que eles se desafiassem ao experimentar objetos da

natureza para reproduzir os sons em que haviam pensado. Em suas reflexões também foi perceptível a importância de se vivenciar momentos na natureza, em prestar atenção nos detalhes, nos sons, nas imagens, nas plantas e nos animais.

Retomando o primeiro objetivo específico, que é refletir sobre a potencialidade dos audiovisuais em processos educacionais, afirma-se ao fim desta pesquisa-intervenção que podem: transmitir mensagens capazes de despertar o senso crítico nos participantes e/ou espectadores; gerar efeitos de sentidos decorrentes de reflexões, sentimentos e memórias; produzir experiências estéticas; atender a necessidades de ludicidade, de afeto, de informação, entre outros; gerar reconhecimento entre conteúdo e participantes/espectadores; além de provocar o imaginário.

## 5 ESCUTAS QUE A PESQUISA PRODUZIU EM MIM

Iniciei este estudo com um objetivo principal: investigar a trilha sonora como despertadora de sentidos em documentários ambientais. Minha intenção era compreender como se dava o uso da trilha e como se dava a recepção dela pelos espectadores, se causava algum sentimento ou se passava despercebida. Além disso, me propus a investigar, por meio de teóricos, como surgiu o cinema sonoro e como a trilha passou a ser um importante elemento utilizado em audiovisuais. Para realizar este objetivo, fiz a análise da trilha sonora em três documentários ambientais já existentes: “O Veneno está na mesa”, “A Lei da Água” e “Ilha das Flores”. Por meio dessas análises, pude identificar os sons, ritmos e melodias utilizadas, as características que possuíam, em que momentos foram utilizados e de que forma os sons conversavam com as imagens e contextos.

Ao longo da definição do objeto principal de estudo, surgiu a ideia de realizar uma intervenção educacional, por meio da produção de um documentário ambiental que seria produzido por um grupo de pessoas que participaria de encontros educacionais para formação básica sobre audiovisuais e temas ambientais. A ideia inicial era de que o grupo também fosse responsável por utilizar uma trilha sonora no documentário.

Como esta ideia não foi viável, decidi fazer eu mesma um documentário sobre vivências na natureza, explorando o uso dos sons, por isso escolhemos vivências ligadas à percepção auditiva. Além disso, ficou definido que eu seria a responsável por compor a trilha sonora musical do vídeo com melodias próprias, fazer a captação

de imagens e a edição do documentário. Ainda assim, contei com uma equipe para auxiliar tanto na organização das etapas, quanto para auxiliar na parte técnica no dia da gravação. Para compreender o processo de recepção, decidimos que o produto final seria exibido para o grupo de participantes das vivências e para pessoas que tivessem alguma ligação com a música.

Com a mudança de planos, o processo educacional tomou caminhos diferentes dos pensados inicialmente, resultando em quatro experiências distintas e complementares: a) análise crítica dos documentários ambientais; b) as vivências na natureza aplicadas a um grupo de pessoas dentro de um audiovisual; c) a produção, gravação e edição do documentário por mim, pesquisadora; d) a exibição deste documentário ambiental para um terceiro grupo de pessoas.

Na análise dos audiovisuais experienciei a crítica da mídia. Nas vivências medieei um processo educacional socioambiental face a face. Na produção de “Sons que falam” apropriei-me das mídias para exercitar a narrativa cinematográfica de modo criativo e experimental. O documentário “Sons que falam” proporcionou extremo aprendizado ao ter de produzir, roteirizar, captar imagens e sons, produzir a trilha musical – compondo músicas exclusivas para este fim e usando trechos do acervo musical pessoal -, editar e finalizar o documentário, aqui considerado experimental. E com os grupos focais, possibilitou-se aos participantes uma análise crítica sobre o audiovisual produzido, compreendendo melhor a recepção midiática e seus sentidos possíveis.

Concluimos que a trilha sonora produziu efeitos de sentido sensibilizadores de uma relação mais próxima com a natureza, portanto evidenciou-se uma experiência estética. Para mim, enquanto pesquisadora, a conclusão é de que o documentário “Sons que falam”, juntamente com toda a pesquisa realizada, fomentou o conhecimento no que se refere ao uso de equipamentos, à gravação de um audiovisual e à edição do mesmo, além de ter me proporcionado a oportunidade de construir a trilha sonora, de trabalhar com os sons e de compreendê-los melhor.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isac Rodrigues de. **“Trilha sonora e implicações significativas no Cinema – Análise a partir do filme “1984””**. Pará, Intercom. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2007/resumos/R0255-1.pdf>> Acesso em 02 de abril de 2015.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. São Paulo: Papyrus, 1994.

BAPTISTA, André; FREIRE, Sérgio. **As funções da música no cinema segundo Gorbman, Windgtedt e Cook: novos elementos para a composição da música aplicada**. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), Brasília, 2006. Disponível em <[http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2006/CDROM/COM/07\\_Com\\_TeoComp/sessao01/07COM\\_TeoComp\\_0103-182.pdf](http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/07_Com_TeoComp/sessao01/07COM_TeoComp_0103-182.pdf)> Acesso em 12 de junho de 2016.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. IN DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Atlas, 2008, P-180-192.

CORNELL, Joseph. **Guia de atividades para pais e educadores**. 3 ed. São Paulo: Aquariana, 1997.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. IN DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008, P-180-192.

D'ELIA, André. **A Lei da Água**. 2015. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=4l1FoHGg\\_rY](https://www.youtube.com/watch?v=4l1FoHGg_rY)> Acesso em 12 de junho de 2016.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

ERTHAL, Natasha Bouvier. **Sons que falam**. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/AuBWdon5IDU>>. Acesso em 18 de junho de 2016.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FURTADO, Jorge. **Ilha das flores**, 1989. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg>> Acesso em 12 de junho de 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 200 páginas, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa, Ed. 70, 2007. Disponível em: <<https://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf>> Acesso em 12 de junho de 2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias – O novo ritmo da informação**. São Paulo. Papirus, 2008, 141 páginas. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=ncTG4el0Sk0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f](https://books.google.com.br/books?id=ncTG4el0Sk0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f)> Acesso em 12 de junho de 2016.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. São Paulo: Papirus, 2006, 429 páginas. Disponível em <<sesc-se.com.br/cinema/historia+do+cinema+mundial.pdf>> Acesso em 25 de maio de 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 405 páginas, 1964.

MEDEIROS, Priscilla. **Gênero e dialogismo: um olhar sobre o documentário ambiental a partir de Mikhail Bakhtin e Bill Nichols**. Recife, UFPE, 2014.

Ministério do Meio Ambiente. **Educomunicação**. Acesso em novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educunicacao>>

MORAES, Roque. **MERGULHOS DISCURSIVOS**, análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. P. 85-114.

MOREIRA, Sonia. Análise documental como método e como técnica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. P. 269-279.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo, Papyrus, 2005. 245 páginas.

REZENDE, Guilher Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000. 169 páginas. Disponível em <[https://books.google.com.br/books?id=HY\\_lonZ6CK8C&pg=PA39&lpg=PA39&dq](https://books.google.com.br/books?id=HY_lonZ6CK8C&pg=PA39&lpg=PA39&dq)> Acesso em 22 de maio de 2016.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1983, 84 páginas.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Editora Afiliada, 2002, 186 páginas.

SEKEFF, Maria L. **Da música, seus sons e recursos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, 170 páginas.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1977. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=NngaVSbuPJcC&oi=fnd&pg=PA26&dq#v>> Acesso em 12 de junho de 2016.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões, princípios**. Rio de Janeiro; MAUAD, 2002. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=E5UHlu1eOXUC&oi=fnd&pg>> Acesso em 22 de maio de 2016.

SCHAUN, Angela. **Práticas educacionais – Grupos Afro-descendentes – Salvador Bahia**. Rio de Janeiro; MAUAD, 2002. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=U1GdWxRLnXEC&pg=PA24&lpg=PA24&dq>> Acesso em 22 de maio de 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Vídeo aula – Educomunicação**, 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8iMyk4ddXZI>> Acesso em 12 de junho de 2016.

SOARES, Donizete. **Educomunicação, o que é isto?**. São Paulo, Gens – Instituto de Educação e Cultura, 2006. Disponível em <[http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educucomunicacao\\_o\\_que\\_e\\_isto.pdf](http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educucomunicacao_o_que_e_isto.pdf)> Acesso em 12 de junho de 2016

STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 51-61.

TENDLER, Silvio. **O veneno está na mesa**, 2011. Disponível em: <<https://youtu.be/8RVAgD44AGg>> Acesso em 20 de maio de 2016.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. IN DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Atlas, 2008, P-98-109.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo; Editora Atlas, 1987. Disponível em <<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/sidemar/tcc/84708933-Livro-Introducao-a-pesquisa-em-Ciencias-Sociais-Trivinos.pdf/view>> Acesso em 18 de junho de 2015.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo; Companhia das Letras, 1989, 279 páginas.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUNG, Skip Dine. **A psicologia vai ao cinema**. São Paulo. Editora Pensamento Cultrix Ltda., 2014, 256 páginas.

TENDLER, Silvio. **O veneno está na mesa**. Disponível em: <<https://youtu.be/8RVAgD44AGg>> Acesso em 20 de maio de 2016.

-. **Mídia e educação: perspectivas para a qualidade da informação de Brasília**, 2000. Acesso em novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/pt/midiaedu.pdf>>

## APÊNDICES

APÊNDICE A - Registros do grupo focal 1 realizado com os estudantes que participaram do documentário “Sons que falam”

Entrevistado	Sabrina	Regina	Andressa	Gustavo
<p><b>1. O que chamou atenção no documentário?</b></p>	<p>Primeiro o que me chamou atenção foi a imagem, que foi bastante experimental, bastante mostrando o local mesmo, não uma coisa muito pensada, não muito complexificada como a gente vê na TV. Num segundo momento me chamou muito a atenção os sons naturais. Para alguns barulhos foi dada a atenção que merecia, no momento em que a gente estava escutando eles. Acho que ficou muito legal isso também.</p>	<p>Pra mim foi o jogo das imagens. Eu, particularmente, acho muito legal quando tu tem um vídeo que, por exemplo, nas falas, quando a gente falou, em que tu vai mostrando assim, enquanto a pessoa fala, o que aconteceu. Principalmente naquela parte da vivência das fotos, enquanto a gente falava foram colocadas as fotos, então acho que isso chama bastante a atenção pra poder entender um pouco mais a partir do documentário, porque a gente vivenciou mas quem vai assistir eu acho que isso chama bastante a atenção. Os sons naturais também me chamaram bastante a atenção, de focar naquilo e não ter ninguém falando.</p>	<p>Para mim também os sons chamaram bastante a atenção, enquanto a gente falava, por exemplo, deu para ouvir o som da cachoeira assim, uma coisa mais calma. E as imagens do ambiente, as coisas mínimas, tipo as frutinhas, os bichos, as coisas que tinham lá... eu achei legal, também me chamou bastante atenção.</p>	<p>Eu acho que a sutileza dos quadros em si, sabe? Porque ia pr'aquela coisa de falar, aí depois ia pr'aquela coisa da imagem, mostrava um panorama, não ficava centrado em nós, sabe? E eu acho que a musicalidade também combinou com o documentário.</p>
<p><b>2. Quanto aos sons, gostaria que falasse um pouco mais sobre isso.</b></p>	<p>A pergunta não foi realizada por ter sido respondida na primeira pergunta.</p>	<p>A pergunta não foi realizada por ter sido respondida na primeira pergunta.</p>	<p>A pergunta não foi realizada por ter sido respondida na primeira pergunta.</p>	<p>Eu acho que deu para captar bem aquela coisa que a gente tava vivendo na hora, né? Ficou uma coisa bem nítida, bem clara.</p>

Continua

Continuação

<b>Entrevistado</b>	<b>Sabrina</b>	<b>Regina</b>	<b>Andressa</b>	<b>Gustavo</b>
<b>3. Sensações</b>	Pra mim, pelo menos, sendo uma pessoa que experenciou isso em primeira mão, eu basicamente senti a mesma calma que eu senti naquele momento que eu tava experienciando isso. O som da cachoeira pra mim pelo menos é muito calmante, o som do vento também. O som do cachorro latindo me despertou os mesmos sentimentos que eu senti ao ouvir ele naquela hora lá.	Pra mim também foi mais ou menos assim. Enquanto eu assistia eu ficava lembrando do dia assim, da vivência, de cada etapa, o que que a gente escutou. E alguns sons ali de algumas imagens foram coisas que no momento eu não, talvez não escutei, ou não dei atenção, e olhar assim e escutar assim foi bem diferente, poder perceber que tem muito mais do que aquilo que a gente ouviu lá no dia.	Eu também parei para pensar como tinha vezes que eu não tinha ouvido o som, por exemplo, quando eu tava falando tinha o som da água, eu não tinha percebido que tinha o som da água. Talvez eu estivesse prestando atenção em falar, porque eu estava falando, mas eu achei muito interessante. E me remeteu bastante ao dia, aos sons que eu ouvi e ao que eu senti em contato com a natureza.	Eu participei, né? Então aquela nostalgia de tudo que aconteceu. Eu acho que ele trouxe bem aquilo que estava acontecendo no momento. É aquela paz de estar dentro daquele parque, né? Eu acho que isso tu conseguiu trazer pra dentro do documentário, que era aquele som de passarinho, aquele calmitude, aquele silêncio, com algumas coisas acontecendo em volta.
<b>4. Sentimentos</b>	Me senti bastante calma, como no dia, um pouquinho de orgulho também. Foi mais uma calma, eu achei bem legal o documentário. Parece que passa pra gente a sensação de estar lá mesmo, não sei se as pessoas que não estiveram lá vão sentir a mesma coisa, mas pra mim passa um sentimento de calma.	Pra mim também essa questão de tranquilidade. E também me deu uma alegria assim, tipo, eu começava a olhar e ficava assim tipo “nossa, que legal isso”, ficava feliz assim de ver que eu participei e tal. Dos sons também de “nossa, eu ouvi isso pessoalmente”, sabe? Gostei também do jogo com as músicas, acho que as músicas também ficaram muito legais, se encaixaram bem.	Pra mim também trouxe uma paz, uma calma de ouvir os sons. E algumas músicas remetiam a um sentimento de alegria, de tu ficar vendo e as coisas correndo conforme a música. Achei bem legal.	Eu não sei se tu já assistiu “Pedro Pelo Mundo” ou aquele programa da Didi Wagner, que ela também vai pelo mundo. Eu acho que é aquela coisa de tu parar pra assistir alguma coisa que está te relaxando, sabe? Não é aquele programa pesado, com um monte de informação. Te acalma, te relaxa, é uma coisa que te deixa mais calmo.

Continua

Continuação

Entrevistado	Sabrina	Regina	Andressa	Gustavo
<b>5. Memórias/ Lembranças</b>	Bom, eu também tive uma infância em que eu vivia enfiada no mato, até porque eu moro perto de uma zona de preservação. Então, eu saía com meu irmão no meio da tarde e ia lá no meio do mato, e ia perto do rio e ficava lá brincando, então a memória volta. Ai, que saudade!	Eu lembrei um pouco do calor. Olhando assim e vendo as pessoas de vestido, de manga curta. E também assim de estar em contato com a natureza. Alguns momentos que eu já fui pra alguns lugares que têm mais assim, tanto olhando assim como no dia, faz lembrar desses momentos.	No dia e hoje, eu ficava lembrando quando eu era criança assim, eu ia junto com os meus pais fazer trilhas nesses lugares, eles me levavam bastante. Depois, com o tempo, isso foi se perdendo, com o compromisso e a correria do dia a dia. Mas no dia e hoje também me remeteu a isso assim, de quando eu era criança.	Sim, principalmente naqueles momentos em que não tinha fala, que tu lembra "ah, como é bom estar lá, como é bom parar para ouvir, como é bom parar para sentir a natureza", coisa que a gente faz quando é criança, que a gente acaba deixando de fazer.
<b>6. Reflexões</b>	Pra mim não tanto assistindo ao documentário, mas mais por estar lá naquele dia. A gente é remetido de volta a essas lembranças de infância, a essa importância de a gente estar perto da natureza, que a gente já perdeu.	Pra mim eu acho que foi um pouco, tanto que eu coloquei ali essa questão de a gente às vezes não prestar muita atenção no local onde a gente está ou o que que a gente está fazendo no ambiente. E olhando o documentário, vendo isso de novo, me fez refletir sobre a mesma coisa, sabe? Até pensar se desde o dia do documentário até hoje... será que eu comecei a prestar atenção um pouco mais no ambiente?	Já eu comecei a prestar mais atenção nas coisas que estão a minha volta, ao que está acontecendo, à natureza em si. Me fez pensar nisso assim, o ambiente em que tu está inserido, como tu está inserido e tudo que está acontecendo a tua volta, relacionada à natureza, porque tu tá sempre inserido na natureza, queira ou não.	Acho que sim, foi bem frisado por a gente que participou, né, que é essa coisa do sair do construído e ir para o calmo. Parar de pensar e apenas relaxar, né, em um lugar que é bruto.

Continua

Continuação

Entrevistado	Sabrina	Regina	Andressa	Gustavo
<b>6. Reflexões</b>		Eu não sei, eu acho que não. Eu voltei pra rotina, dia a dia, correria e tudo mais e... não, né? Então, de refletir sobre isso de novo, então talvez repensar isso, de começar a prestar atenção no ambiente, sabe? De experimentar o meio ambiente que está ao teu redor.	E me remeteu também, durante o documentário, como a gente se insere na natureza e como a gente vive ela dessa forma assim.	
<b>7. Incômodos</b>	Eu tinha tipo uma etiquetinha dentro da blusa e dava pra ver ela na transparência da blusa. A nossa imagem nos incomoda.	Sim, gente, não me deixe mais usar aquele vestido. Sério, eu amo aquele vestido, mas pra filmar não dá. Pra mim, o que me incomodou foi essa questão de me olhar e pensar “Meu Deus, por que eu fiz isso?”. Mas é interessante, porque a gente percebe o nosso comportamento, como a gente age e tal. Acho que foi a primeira vez assim que a gente se viu nas imagens também. Pra mim o que me incomodou foi esse enfrentamento de “nossa, isso ali sou eu um dia. E agora estou me vendo e talvez têm coisas que estão me incomodando em mim”.	Eu não percebi que eu tinha me arranhado tanto. Eu não gosto de ouvir minha voz. Ouvir a própria voz pra mim é difícil.	Não.

Continua

Continuação

Entrevistado	Sabrina	Regina	Andressa	Gustavo
<b>8. O que o documentário despertou em você?</b>	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	Eu acho que essa coisa de sair do trabalho, de sair da agitação, de sair da rotina e pegar e relaxar.
<b>9. Como o som pode ser melhor explorado em um audiovisual ambiental?</b>	Eu acho que foi muito bem explorado, na verdade. Se colocou imagens em momentos que se queria dar atenção para o som e não para as imagens, porque elas permitiam que tu prestasse mais atenção nisso. As músicas não foram exageradas para o documentário. Elas foram bem escolhidas. Eu até achei que talvez o som que ela fez com os negocinhos não fosse aparecer e ele apareceu muito bem. Na hora eu acho que eu não escutei tão bem quanto eu escutei assistindo ao documentário. Eu achei isso muito legal!	Ficou muito legal! Acho que essa abordagem do som ficou muito legal no documentário. O jogo com as músicas, com as imagens ficou muito bacana. Isso faz a diferença também além das imagens, até mesmo para tu prestar atenção no documentário. Um documentário que ou tem só música, ou tem só fala, ou não tem esse jogo se torna chato. E esse não, sabe? Não só porque a gente participou e a gente vivenciou e faz parte da gente, mas porque assistir ele também... nossa, eu nem vi que passou 20 minutos. Foi algo que eu estava interagindo, olhando, prestando atenção, sabe? Muito bacana!	E ao longo de todo o documentário tu ouvia os sons, da cachoeira, dos pássaros, dos bichinhos, das cigarras. (...) e apareceu junto com o som da cachoeira, né? (o som reproduzido por um dos participantes no momento de reproduzir um som da natureza).	Eu acompanho muitas vezes o NatGeo e canais assim em função de estudar Biologia, né. Eu acho que tu conseguiu fazer bem o que eles fazem, tá? Eu não consigo dar algum conselho ou alguma coisa que eu não tenha visto, porque eu acho que foi muito bem feito aqui.

Continua

## Conclusão

Entrevistado	Sabrina	Regina	Andressa	Gustavo
<p><b>10. Quais são suas percepções sobre a trilha sonora musical?</b></p>	<p>Pra mim ela ficou bastante adequada, ela foi colocada nos momentos certos, quando se queria realmente passar um sentimento que... não sei muito bem descrever.</p>	<p>E também um pouco para a descontração, sabe? Porque daí tu começa com o som natural e aí entra a música assim para descontrair um pouco e talvez para fazer essa interação com a imagem. Acho que a trilha sonora foi bem bacana, não foram músicas que fugiam muito do tema e dessa questão de natureza, mais tranquilidade, essa interação assim, então ficaram bem legais.</p>	<p>Ela ajudou a tu prestar mais atenção nos sons depois, quando ele volta, né? Por exemplo, quando tem o som da cachoeira e da cigarra, aí começa aquela música mais tranquila, aí quando ela para, volta aquele som e tu presta atenção de novo naquele som “opa, o som está aí de novo, sabe?”. Porque com o tempo parece que tu vai acostumando e olhando só a imagem, daí quando vem a música e volta aquele som de cachoeira, tu presta atenção de novo no som.</p>	<p>Eu acho que ela combinou, porque ali não tinha nenhuma voz, era só o som do instrumento, assim como na natureza era só aquilo ela trazia, né, não era nada provocada. Me remeteu a retiros que a gente fazia para o teatro e coisas assim que provocam essas sensações que a gente tinha ali.</p>

## APÊNDICE B - Registros do grupo focal 2 realizado com os estudantes que participaram do documentário “Sons que falam”

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
<p><b>1. O que chamou atenção no documentário?</b></p>	<p>Bom, a ideia assim foi, pelo que entendi, né? Tu explorou a percepção, principalmente a partir da audição, né? E foi interessante ver que eles dissecaram a ideia do som, que eles estavam ouvindo, que eles estavam recebendo assim, então achei interessante tu explorar essa forma de interagir com o mundo mesmo, de receber, de uma recepção auditiva, né? E daí, bom, vai abrir várias ideias também que eu acho que eu não vou nem colocar todas agora, mas que foram agregando ali ao longo do processo.</p>	<p>A percepção, o visual mesmo na natureza, né? Então tudo tem a ligação com o som, como ele falou, né? As folhas, o vento... E eu notei que quanto mais tempo as pessoas estavam ali, mais elas tinham a percepção, né, porque existe uma abertura a isso. Quando a gente está na natureza, os sons começam a ampliar mais. Isso, é claro, pra mim é uma coisa mais comum, eu sempre fiz isso desde pequeno e pelo fato de ser músico, então a gente tem um ouvidinho um pouquinho mais balanceado. Notei que as pessoas foram interagindo e foram aumentando a percepção.</p>	<p>Eu acho também justamente por isso. Tu está tão habituado a um ambiente fechado, não precisa nem estar fechado, é o barulho do trânsito... e esses barulhos da natureza estão também próximos de ti, né? Só que tu não percebe. Mais nesse sentido, a percepção vai aumentando e... e a captação que vocês fizeram também ficou muito boa também. Até a gente vai aumentando a nossa percepção conforme vai passando o vídeo. E o lance deles, dessa... uma vivência que vocês chamam, né?</p>	<p>É, a mesma linha. É que é um exercício que dá pra se analisar nas mais diversas idades, então mesmo no meio urbano tem uma paisagem sonora enorme. Só que... vou dar um exemplo: nós vimos ontem um cara dentro do carro com um fome de ouvido desse tamanho assim, dirigindo! Nós olhamos assim “O que que é isso?”, então assim, cada vez as pessoas se isolam mais em si. E não é nem a falta de percepção, é a não abertura para a percepção, é estar fechado. Então, quando tu propõe isso, “opa, mas tem mais coisa do que eu posso imaginar aqui”.</p>	<p>É, mas então eu posso falar porque eu não ouvi a palavra “Ouçam”, porque eu cheguei atrasada. Eu caí meio de paraquedas, então o que me chamou atenção, me causou um certo estranhamento porque eu caí bem de paraquedas, é de, tipo como assim, as pessoas não percebem isso. A gente vê isso bastante com crianças, né? Eu também trabalho com música e quando a gente pede para eles fecharem o olho, só fechar o olho, não precisa pensar, falar, não fala nada, eles começam a perceber. Como a gente está fora, né?</p>

Continua

Continuação

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
<p><b>1. O que chamou atenção no documentário?</b></p>	<p>É justamente antes quando eu estava falando... E é justamente isso que ele colocou, né, da ideia de que... Se tu, talvez, não dissesse “ouça” ou não dissesse nada e simplesmente “ah, vamos fazer um passeio aqui”, talvez muitos dos sons tivessem passado despercebidos. Se tu tivesse vendado todos eles, eles teriam outra percepção.</p> <p>Eu comecei a fazer uns passeios com uns amigos que fotografavam pássaros, eles sabiam os nomes. E a gente caminhando às vezes no meio do mato assim e eles “psssh” e sabem o nome “ó é o tal passarinho” e aí tu “bah, esse que tá fazendo assim?”, aí tu vê como eles já estão super ligados àquilo, eles escutam os passarinhos.</p>	<p>É bem isso aí, se tu ficar dois dias ali, tu já ouvir muito mais, tu vai ter outra percepção, então é uma questão até do tempo, né?</p> <p>Eu penso assim: é como nós, que a gente que é músico, a gente ouvir uma música, a gente ouve vários instrumentos, né? O baixo, a bateria, ali tem um chipô. Tu vai fazer uma mixagem. Eu já fiz uma mixagem ali no meio do mato. Tem muito a ver isso aí. O som é uma coisa fantástica.</p> <p>E assim, e para muitas pessoas, não vou entrar em mérito, não é o tema, mas para muitas pessoas fazer isso é uma bobagem. Ir para natureza, ouvir a natureza, “ah, eu tenho mais o que fazer”. Eu conheço pessoas assim, amigos meus, então...</p>	<p>De eles irem explorando primeiro com as mãos, tentando reproduzir os sons, depois parar pra ouvir e ainda tinha o cachorro que atrapalhava. É que ainda tinha o som da cidade, ele consegue penetrar ali dentro e a natureza consegue penetrar na cidade também e às vezes tu não te dá conta nem de um nem de outro.</p> <p>Se não fosse a história do “ouça”, talvez eles...</p> <p>Até pra gente assistir... que assim a gente já foi condicionando a perceber tudo que estava rolando ali, né?</p> <p>Eu também gosto, mas eu fiquei pensando “quanto tempo que eu não faço isso!”.</p>	<p>Então, agora mesmo, se a gente fechar os olhos nesta sala, tem ‘n’ coisas soando, desde o agudo das lâmpadas, ao agudo disso, ou ao grave daquilo, ou a sonoridade disso daqui, também é uma paisagem. Claro que não é um meio tão rico como a natureza, né? Mas o que também me chamou bastante a atenção é que através desse retorno, como eles mesmos citaram, eles sentiram uma conexão maior. É uma conexão através do retorno, através do som, começando. Claro, o visual, o sensitivo todo, mas o som também forçou eles a buscar uma conexão maior. Eu acho que pra mim foi o ponto mais forte da paisagem.</p> <p>Eu faço diariamente, eu moro do lado do mato.</p>	<p>As pessoas ali no meio da natureza “Ah, eu ouvi a água, o cachorro...”. Se tu for parar para pensar, tu está sempre envolvido com os sons. Uma delas falou “ao barulho dos pássaros”, outro falou “o canto dos pássaros”. A diferença de percepção. Mas daí... a gente perde isso, tipo usar o fone de ouvido, tu está no teu mundo construído, né? Tu que está ali dentro, tu não quer saber o que o outro está fazendo. Dirigir um carro de fone de ouvido...</p> <p>É, mas não só assim, a gente também às vezes topa na rua, dirigindo, aí está passando um pedestre... tanto faz o que está acontecendo...</p>

Continua

Continuação

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
<p><b>1. O que chamou atenção no documentário?</b></p>	<p>E outra que pra encontrar eles eu sou péssimo, eu fico olhando naquele verde todo e não vejo nada. Eu vejo “ah, vem daqui e tal”, mas eles já conseguem localizar, eles estão lá na frente...</p>	<p>Como eu falei, isso aqui, eu sempre gostei de mato, pra mim isso não é novidade. O som do mato eu adoro, mas é uma questão pessoal minha.</p> <p>E esse Jardim Botânico... eu estive em dezembro ali no Jardim, é muito legal ali. Jardim Botânico é ótimo.</p> <p>É a mesma coisa que tu estar no escuro. Quando tu está no escuro, tu fica um tempo no escuro, tu começa a enxergar melhor. É a tua percepção, no caso a visual. No meio do mato... vai no mato e fica no escuro, aí tu fica uns 10, 15 minutos, já começa “opa, não está tão escuro assim”. Muito legal isso aí!</p>			

Continua

Continuação

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
<p><b>2. Sons no documentário</b></p>	<p>Se buscou essa coisa do som primitivo, né? Buscando na natureza é claro que tu vai voltar (...) Pra mim tem a ideia também de que isso está muito relacionado já a um imaginário que é do inconsciente coletivo. Quando tu vai ouvir, citaram muito ali o som do vento. Eu percebia isso, até no áudio, primeiro take ali a gente percebe que o microfone ficou do lado de fora do carro, né, não sei se era pra captar o som mesmo ou coisa desse tipo. Percebi esse som. Então me pareceu assim que isso também conecta com natureza, com o áudio primitivo que tá no inconsciente (...) É claro que tem uma trilha também que a gente percebeu, uma trilha acústica, com violão e tal.</p>	<p>Eu achei a trilha um pouco alta assim com o contexto, parte técnica estou falando.</p> <p>O som das pessoas também caminhando.</p> <p>E realmente ele é assim o som ali, né? É bem assim mesmo. Bem legal! Esse parque é maravilhoso, se puder ir ali... Bem organizado...</p> <p>Porque é outro ambiente também (sobre a trilha musical). Se tivesse gravado uma trilha, de repente um violão, captado naquele som ali também....</p> <p>Bem captados (os sons do filme).</p>	<p>É, eu gostei. A questão da captação foi muito boa. Foi muito bem captado os sons da natureza, dos galhos, foi muito bem captado aquilo ali, se era isso que vocês queriam transmitir.</p> <p>A água a todo instante, a água correndo.</p>	<p>Eu gostei da trilha, bacana. A captação ficou muito boa, das falas, tipo até mesmo quando eles faziam diferença de direção não perdia a qualidade, quase nada, um pouquinho. (...) quase imperceptível assim. Nesse aspecto bem equilibrado a questão. A trilha sim ficou um pouco alta, não sei se foi proposital.</p>	<p>Concordo com a captação e com a questão da trilha, mas na verdade o que me chamou mais atenção foi como o som era o personagem principal, era tipo o que mais chamava a atenção. Na verdade eu nem prestava muita atenção nas pessoas, era o som que chamava. Então tu podia até nem olhar o que estava acontecendo, porque tu sabia o que estava acontecendo, as pessoas estavam caminhando, aquela coisa toda. Aí quando mostrava as imagens, vinha uma trilha, vou botar agora 'aleatória' assim, mas o som era o personagem, não precisava prestar muita atenção na imagem.</p>

Continua

Continuação

<b>Entrevistado</b>	<b>Antônio</b>	<b>Sílvio</b>	<b>Paulo</b>	<b>Mateus</b>	<b>Cláudia</b>
<b>2. Sons no documentário</b>	O próprio microfone deixa no ambiente ali, tu conta com o acaso, né? Então alguém pode falar muito alto. E a trilha tem um volume que eles devem ter usado um padrão.		.		E hoje tudo é imagem, qualquer coisa que faz precisa da imagem e o som é só um artifício e ali era o contrário (...) No meu caso, a audição é a coisa mais importante, eu me guio pela audição, eu sou uma pessoa diferente se eu estou com o ouvido mais fechado assim, não presto muita atenção nas coisas visuais assim.
<b>3. Sensações</b>	A gente sempre tem essa sensação agradável. O rapaz, no vídeo, tocou nesse ponto, que foram pra lá e acho que isso tem a ver com essa questão primitiva, inconsciente, a gente volta para um estado ancestral. Dá essa ideia de paz, tranquilidade. O barulho ele é, ele vai entrando no sistema nervoso.	Me deu nostalgia. Tinha um amigo que morava no interior e faleceu e eu ia muito lá e aí eu lembrei. Sentir a natureza é o ponto de equilíbrio.  E as pessoas estão procurando isso (contato com a natureza), elas estão entendendo que faz falta isso para as pessoas.	Eu sim, como eu falei antes, né? Eu comecei a pensar “quanto tempo que eu não fazia isso, que eu não faço isso?”, tipo assim uma sensação de nostalgia. Tu começa a lembrar do tempo em que tu ia para o mato com amigos, ou quando tu era criança, escoteiro, coisa assim. Te lembra boas coisas, equilibra, né?	Uma sensação de conforto.  É aquela propaganda de um carro (...) que mostrava o silêncio e quando abria o carro era esse barulho, é mais ou menos isso. Eu acabei de ver uma palestra onde eles falavam de aceleração, só que sobre desmatamento, mas isso tem tudo a ver, está tudo ligado.	Mas essa sensação que tu tem assim, eu tive a mesma. O cara ficou falando em equilíbrio e tal. Eu lembro a primeira vez que fui visitar a família do meu marido, que morava em Três Passos. E eu sou natural de Santa Maria, eu morava no meio...né? A cabeça começou a doer porque... era muito silêncio. Tu não percebe.

Continua

Continuação

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
<p><b>3. Sensações</b></p>	<p>Me aconteceu uma experiência interessante justamente com isso. Eu morava num lugar que era barulhento e me mudei, e eu senti imediatamente. Passei a acordar com o passarinho e não com o movimento do tráfego. Então pra mim foi uma coisa assim que foi bem... tem tudo a ver com isso o que aconteceu.</p> <p>Dou um valor incrível a isso, a ter silêncio.</p> <p>Nesse lugar que eu morava, eu já chegava ao ponto de saber que hora era mais ou menos pela agitação da cidade. Por exemplo: são umas cinco da manhã, começou a agitação, e aquilo ali não te deixa mais dormir.</p>			<p>Mas a nível aceleração, de informação e de processamento, as pessoas não param para pensar nelas, em si mesmas. Tem gente que não quer o silêncio, porque o silêncio incomoda. Tu fica sozinho contigo mesmo e tu começa a refletir tuas coisas, aí tu não quer também às vezes, né? Então isso é um problema muito sério. E também gerado de propósito, né? Pra tu não pensar...Aí vai toda aquela coisa da máquina consumista e blá, blá, blá.</p> <p>E também tem a questão de ter essa aceleração, a gente está sempre ligado, justamente, a gente debate bastante essa questão do consumismo, né?</p>	<p>Agora a gente morando onde a gente mora, agora, bah, é a perfeição. Tem dias assim que não tem ninguém. E às vezes tu vai trabalhar, daí tu sai assim, bem feliz da tua casa naquela tranquilidade, já entra na RS e é aquela bagunça.</p>

Continua

Continuação

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
<p><b>3. Sensações</b></p>	<p>O silêncio pra mim é algo, eu tenho necessidade de ter silêncio às vezes.</p> <p>É o hábito que muita gente tem de chegar em casa sozinho e imediatamente ligar a TV para não ficar em silêncio, né? Porque também é, às vezes é uma armadilha. O silêncio pode ser tão grande que te sufoca naquilo que tu sentiu só. Aí tu começa a refletir, coisas desse tipo.</p>			<p>Tu não para pra pensar, tu tá sufocado por som, por imagem, por qualquer coisa, então isso te leva a não refletir nada, tu não vai parar...então é justamente... isso é proposital pra nem ter tempo de pensar. Isso na verdade é tudo ligado, existem estudos sobre isso. Não é só eu que estou falando. Mas a influência sonora também. Rádio, uma vez eu conversei com um locutor, daí qualquer locutor de rádio entona a voz com velocidade e volume altos. E o cara tem uma das vozes mais lindas que eu já conheci, de rádio, uma voz grave, centrada, afinadíssima assim. Daí os caras cobravam dele (...) que fizesse um comercial nesse estilo.</p>	

Continua

Continuação

<b>Entrevistado</b>	<b>Antônio</b>	<b>Sílvio</b>	<b>Paulo</b>	<b>Mateus</b>	<b>Cláudia</b>
<b>3. Sensações</b>				Ele tem os princípios dele, ele disse “Não, eu não trabalho assim, então vocês quiserem, meu estilo de fala é assim. Eu não falo agressivo, gritando, não vou fazer para vocês”. Aí, como era “A” voz do cara, eles concordaram em fazer, então, quer dizer: desde essa influência de aceleração midiática. Pega um jornal da década de 70 e um jornal de hoje. É uma loucura, né cara?	
<b>4. Sentimentos</b>	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.
<b>5. Memórias/ lembranças</b>	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.

Continua

Continuação

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
6. Reflexões	Pra mim foi a empatia mesma que eles sentiram, é exatamente isso que acontece. Tu vai pr'um lugar assim, tu fica... né? Tu sente um tipo de calma, né? Não sei se é só calma, mas enfim, é a paz ali daquele silêncio. O ambiente natural em si ele está harmonizado. Muitas vezes eu fico impressionado com a falta de sensibilidade que há no meio urbano às vezes quando passa um carro de som e as pessoas nem percebem que aquilo tá alto demais, alto demais, sabe? Ou um cara que tem uma moto e quer que o som dela fique muito alto e passa com ela com muito barulho, né? Ou o carro mesmo.	A pergunta não foi realizada, pois já havia sido respondida anteriormente.	Eu fico pensando: será que eles não percebem que a única coisa que eles vão atrair é... eu não vejo alguém falando bem disso. Por que uma pessoa tem como objetivo atrair a antipatia dos outros, cara?	Me lembrei de um mercado (...). Nós estávamos na garagem e entrou um carro com som e dois "gurizão"...achou que "vou botar o som na boate". Três da tarde! Noção do bom senso... Só que quem ouve acha isso bonito, aí é que tá!  É um nicho de status, né? Ter som potente de qualidade é porque eles tinham dinheiro para colocar R\$ 30 mil em som de um automóvel que às vezes vale R\$ 5 mil, mas eles fazem isso. Gurizada, né? Isso é pra 14, 12 anos, que ainda se atraem por isso (...) Mas tu sabe que isso é técnica de vendas, né? E funciona, é comprovado. (...)	A pergunta não foi realizada pois já havia sido respondida anteriormente.

Continua

Continuação

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
6. Reflexões	<p>Eu acho interessante isso, a sutileza do som se perdeu, acho que é um ponto fundamental. As pessoas não percebem mais, então acontecem absurdos, né? Como a ideia do carro de som, que eu tava falando. É uma coisa cultural!</p> <p>Eu via casais andando assim dentro do carro e som aqui fora, né?</p> <p>Pois é, eu acho até que... e isso é uma coisa que não recomendada. (...) Na cidade eu sinto muito a falta disso aí, porque...o som invade minha casa, se eu não quiser ouvir, eu digo até do carro de som que está ali até por trabalho, mas eu não quero ouvir essa publicidade. Se o outdoor está lá, eu não olho para ele. Mas ele está entrando dentro da minha casa e eu não posso fazer nada. (...)</p>			<p>(...) Eu reclamo, “Tá muito alto isso. Tem como diminuir um pouquinho esse volume?”. As lojistas falam “ah, tu é a primeira pessoa que fala isso. Eu também não gosto, mas a loja gosta”. As próprias vendedoras dizem isso.</p> <p>Mas agora tu falou uma coisa interessante. Tem uma empresa que só faz trilhas sonoras pra lojas. Eles estudam teu público, eles avaliam teu produto e eles fazem tudo, desde a parte de vendas, e vão fazer uma trilha sonora só pra tua loja. Então (...), eles têm estudo sobre isso também, mas aí tu falou: “o que que tu quer atrair aí, né?”. Por exemplo assim, um lugar, vamos falar de...nem de loja.</p>	

Continua

Continuação

Entrevistado	Antônio	Sílvio	Paulo	Mateus	Cláudia
6. Reflexões	<p>E aí a gente vê a falta de sensibilidade das pessoas, dos próprios órgãos de fiscalização. E outro detalhe: loja que põe música alto volume na porta...eu tenho certeza que isso não funciona. Intimida. (...) O público talvez se identifique com isso. Agora, o volume alto desse negócio intimida, mesmo que eu goste da música. (...) Nem Beethoven a esse volume</p> <p>E eu já entrei em lojas, cara, que tinha um som ambiental assim muito bom, que tu tinha vontade de ficar ali olhando, aí é que tá, isso foi bem utilizado. O fato é que às vezes tentam fazer alguma coisa e extrapolam, fazem errado, porque tu põe aquele som na porta ali, tu fica com medo entrar. "Eu posso entrar nesse barulho?".</p>			<p>Tu vai entrar num restaurante, que tu entra, por exemplo, tu vai num restaurante, não são duas, são 10 TV's, uma em cada orelha do cara passando coisa ruim. Como é que tu come?</p>	

Continua

Continuação

<b>Entrevistado</b>	<b>Antônio</b>	<b>Sílvio</b>	<b>Paulo</b>	<b>Mateus</b>	<b>Cláudia</b>
<b>7. Incômodos</b>	<p>Tu notou já aquela coisa do áudio, né?</p> <p>Talvez o que tenha me incomodado foi assim que a percepção deles foi um tanto óbvia.</p>	<p>Fiquei um pouco tenso assim, até por causa da música, do som.</p> <p>Eu tive a impressão de que eles iam desenhar no momento de ouvir os sons.</p>	A mim não incomodou.	Eu fiquei estranhando assim, quando vocês deram a folha para eles, não era pra desenhar o que eles estavam ouvindo?	É, teve essa diferença, mas não a ponto de ser incômodo.
<b>8. O que o documentário despertou em você?</b>	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.	A pergunta não foi realizada por ter sido respondida nas questões anteriores.
<b>9. Como o som pode ser melhor explorado em um audiovisual ambiental?</b>	O detalhe é que assim, bah, ainda tem muitas possibilidades, desde o campo das baleias. Mas nada melhor do que aproximar da natureza, foi o que vocês fizeram. (...) O que aconteceu um pouco assim ó, veja, que teve uma análise deles do som, e a gente tá fazendo a análise da análise deles, teve uma retomada da coisa. Porque tu poderia simplesmente pegar uma câmera, explorar os sons e depois colocar aqui.	Concordou com Paulo.	Eu acho que pelo fato de ser ambiental, eu acho que foi bem explorado porque usou o próprio som do ambiente natural. Eu acho que num documentário de tema ambiental eu acho que isso é o mais importante, aproveitar isso.	Eu tenho uma pergunta: e teria como fazer isso não induzido?	

Continua

## Conclusão

<b>Entrevistado</b>	<b>Antônio</b>	<b>Sílvio</b>	<b>Paulo</b>	<b>Mateus</b>	<b>Cláudia</b>
<b>9. Como o som pode ser melhor explorado em um audiovisual ambiental?</b>	Eu até achei que daria pra, de repente, não deixar eles verem onde estão, sabe? Interfere. São possibilidades!	Concordou com Paulo.			
<b>10. Quais são suas percepções sobre a trilha sonora musical?</b>	Ela tem tudo a ver, né? Ela era um acústico, como eu falei antes, estava bem relacionada. Combinou. Eu acho que isso até sinaliza as partes do documentário, sendo como janelas, acho que foi bem aplicado.	Ela tem a ver com o tema. Bem legal! Acho fantástico isso (sons servirem como janelas).	Pra mim não atrapalhou. Um divisor.	Pra mim ela soou leve no sentido de estar fluente com a linguagem pedida. Eu achei bacana, eu gostei.	Eu acho que é legal, de alguma forma, também faz um contraponto de tu conseguir analisar. Um som mais ambiente, mais rústico, e um som mais estéreo assim, um som mais... dá pra se ter um contraponto também. Foi bem adequada e também causa, que nem no meu caso assim, tipo um contraponto. Os sons que estão ali no lugar e um som que foi gravado e estudado e arranjado e construído assim. Concorda sobre as músicas servirem como janelas

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Termos de cessão de direitos para uso de imagem

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PARA O USO DE IMAGEM

Eu, Gustavo Rodrigo da Silva,  
inscrita no CPF sob o nº 039.309.970-57 e portadora do RG nº.  
870286605, residente e domiciliada na Rua/Av. Estrela / dentro  
rua de Marília, nº. 27, cedo, total e  
definitivamente, a utilização de meu nome, minha imagem e som de voz, relacionados  
ao documentário “Sons que falam”, gravado por Natasha Bouvier Erthal como objeto  
de estudo de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, na Univates.

Declaro, ainda, que a cessão de direitos de uso do meu nome, da minha imagem e som  
de voz aqui ajustada tem caráter definitivo, autorizando a sua reprodução e  
transmissão em número indeterminado de vezes, por qualquer meio de comunicação  
existente.

Declaro, ainda, que o faço sem qualquer onerosidade, ou seja, de forma gratuita.

Mato, 23 de maio de 2016.

hojacb

Gustavo Silva  
Nome e assinatura

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PARA O USO DE IMAGEM

Eu, Sabrina Thais Petter,  
inscrita no CPF sob o n.º 020432600-14 e portadora do RG n.º  
4110405893, residente e domiciliada na Rua/Av.  
Paulo Ernesto Horst, n.º 444, cedo, total e  
definitivamente, a utilização de meu nome, minha imagem e som de voz, relacionados  
ao documentário "Sons que falam", gravado por Natasha Bouvier Erthal como objeto  
de estudo de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, na Univates.

Declaro, ainda, que a cessão de direitos de uso do meu nome, da minha imagem e som  
de voz aqui ajustada tem caráter definitivo, autorizando a sua reprodução e  
transmissão em número indeterminado de vezes, por qualquer meio de comunicação  
existente.

Declaro, ainda, que o faço sem qualquer onerosidade, ou seja, de forma gratuita.

Assinado, 23 de maio de 2016.

Sabrina Thais Petter  
Nome e assinatura

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PARA O USO DE IMAGEM

Eu, Demise Bisolo Scheibe, inscrita no CPF sob o n.º 028.034.440-62 e portadora do RG n.º 1106812363, residente e domiciliada na Rua/Av. Helmuth Coors, Glyfke, Universidade n.º 169, cedo, total e definitivamente, a utilização de meu nome, minha imagem e som de voz, relacionados ao documentário "Sons que falam", gravado por Natasha Bouvier Erthal como objeto de estudo de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, na Univates.

Declaro, ainda, que a cessão de direitos de uso do meu nome, da minha imagem e som de voz aqui ajustada tem caráter definitivo, autorizando a sua reprodução e transmissão em número indeterminado de vezes, por qualquer meio de comunicação existente.

Declaro, ainda, que o faço sem qualquer onerosidade, ou seja, de forma gratuita.

Lojado, 23 de maio de 2016.

Demise Bisolo Scheibe  
Nome e assinatura

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PARA O USO DE IMAGEM

Eu, Regina Pereira Junges,  
inscrita no CPF sob o n.º 03846306002 e portadora do RG n.º  
3110865891, residente e domiciliada na Rua/Av.

Majon Amélio, n.º 259, cedo, total e  
definitivamente, a utilização de meu nome, minha imagem e som de voz, relacionados  
ao documentário "Sons que falam", gravado por Natasha Bouvier Erthal como objeto  
de estudo de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, na Univates.

Declaro, ainda, que a cessão de direitos de uso do meu nome, da minha imagem e som  
de voz aqui ajustada tem caráter definitivo, autorizando a sua reprodução e  
transmissão em número indeterminado de vezes, por qualquer meio de comunicação  
existente.

Declaro, ainda, que o faço sem qualquer onerosidade, ou seja, de forma gratuita.

Lajado, 24 de maio de 2016.

Regina Pereira Junges -   
Nome e assinatura

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PARA O USO DE IMAGEM

Eu, Andressa Vian Federini,  
inscrita no CPF sob o n.º 032.004.250-97 e portadora do RG n.º  
4105405263, residente e domiciliada na Rua/Av.  
Rua Osório, n.º 10, cedo, total e  
definitivamente, a utilização de meu nome, minha imagem e som de voz, relacionados  
ao documentário "Sons que falam", gravado por Natasha Bouvier Erthal como objeto  
de estudo de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, na Univates.

Declaro, ainda, que a cessão de direitos de uso do meu nome, da minha imagem e som  
de voz aqui ajustada tem caráter definitivo, autorizando a sua reprodução e  
transmissão em número indeterminado de vezes, por qualquer meio de comunicação  
existente.

Declaro, ainda, que o faço sem qualquer onerosidade, ou seja, de forma gratuita.

Bojardo, 30 de maio de 2016.

Andressa V. Federini  
Nome e assinatura

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PARA O USO DE IMAGEM

Eu, Rodrigo Müller Marques,  
inscrita no CPF sob o n.º 033.857.330-98 e portadora do RG n.º  
9105763201, residente e domiciliada na Rua/Av.  
BR 386/km 376 - Bom Jardim - PARECÍMBA, n.º 5/A, cedo, total e  
definitivamente, a utilização de meu nome, minha imagem e som de voz, relacionados  
ao documentário "Sons que falam", gravado por Natasha Bouvier Erthal como objeto  
de estudo de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, na Univates.

Declaro, ainda, que a cessão de direitos de uso do meu nome, da minha imagem e som  
de voz aqui ajustada tem caráter definitivo, autorizando a sua reprodução e  
transmissão em número indeterminado de vezes, por qualquer meio de comunicação  
existente.

Declaro, ainda, que o faço sem qualquer onerosidade, ou seja, de forma gratuita.

Bojardo, 25 de Maio de 2016.

Rodrigo Müller Marques  
Nome e assinatura